

Catarina Cortesão Casimiro Nascimento Trindade

“XITIKI É COMPROMISSO”: OS SENTIDOS DE UMA PRÁTICA DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Campinas

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CATARINA CORTESÃO CASIMIRO NASCIMENTO TRINDADE

"XITIKI É COMPROMISSO": OS SENTIDOS DE UMA PRÁTICA DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Orientadora: Profa. Dr.ª Guita Grin Debert

Co-orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção do Título de Mestra em Antropologia Social.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO DEFINITIVA DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA CATARINA CORTESÃO CASIMIRO NASCIMENTO TRINDADE, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. GUITA GRIN DEBERT.

CAMPINAS

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

T736x

Trindade, Catarina Cortesão Casimiro Nascimento, 1983-
"Xitiki é compromisso" : os sentidos de uma prática de sociabilidade na cidade de Maputo, Moçambique / Catarina Cortesão Casimiro Nascimento Trindade. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Guita Grin Debert.
Coorientador: Omar Ribeiro Thomaz.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sociabilidade. 2. Família. 3. Grupos de ajuda mutua. 4. Relações familiares. 5. Solidariedade. I. Debert, Guita Grin,1948-. II. Thomaz, Omar Ribeiro,1965-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Xitiki is commitment" : the meanings of a sociability practice in Maputo city, Mozambique
Palavras-chave em inglês:
Sociability
Family
Self-help groups
Family relationships
Solidarity
Área de concentração: Antropologia Social
Titulação: Mestra em Antropologia Social
Banca examinadora:
Guita Grin Debert [Orientador]
Marta Denise da Rosa Jardim
Maria Teresa Henriques da Cunha Martins
Data de defesa: 11-03-2015
Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 11 de março de 2015, considerou a candidata CATARINA CORTESÃO CASIMIRO NASCIMENTO TRINDADE aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Profa. Dra. Marta Denise da Rosa Jardim

Profa. Dra. Maria Teresa Henriques da Cunha Martins

Resumo

A presente dissertação busca compreender os múltiplos sentidos atribuídos ao xitiki, prática de sociabilidade comum na cidade de Maputo, Moçambique. Através da observação dos encontros mensais de dois grupos de xitiki familiar e dos diferentes momentos que os compõem, assim como de entrevistas com mulheres xitikeiras, buscou-se entender como são construídas, fortalecidas e tencionadas as relações entre os participantes. O trabalho mostra que a definição do xitiki como uma forma de poupança e crédito rotativo não dá conta dos significados articulados e das relações estabelecidas pelo xitiki.

Palavras-chave: prática de sociabilidade; família; dinheiro; convívio; solidariedade.

Abstract

This dissertation aims to understand the multiple meanings given to xitiki, common practice of sociability in Maputo, Mozambique. Through observation of the monthly meetings of two families and the different moments that compose them, as well as interviews with women, I tried to understand how the relationships between the participants are built, strengthened and strained. This dissertation reveals that the definition of xitiki as a form of saving and rotating credit doesn't manage to handle xitiki's articulated meanings and stablished relations.

Keywords: practice of sociability; family; money; conviviality; solidarity.

Sumário

Introdução - Da definição do xitiki 1

Capítulo I - Do *xitiki familiar*, seus encontros e os momentos que os compõem 9

Introdução 9

Da inserção em campo 16

Dos xitikis familiares 18

As famílias do xitiki 22

Da organização dos grupos 25

Dos momentos que compõem os encontros 28

Da recolha, gestão e entrega do dinheiro 29

A partilha da comida 37

CADERNO DE FOTOS I 44

Capítulo II - Das ROSCAs ao xitiki: uma discussão bibliográfica 59

Introdução 59

Da dádiva às redes de reciprocidade 60

Dos estudos sobre as ROSCAs 62

Da caracterização das ROSCAs 67

Das ROSCAs moçambicanas 71

Dos estudos sobre o xitiki 73

Capítulo III - Do mapeamento das práticas de xitiki em contexto urbano 83

Introdução 84

A prática do xitiki em contexto urbano 87

Xitiki de serviço 97

"Xitiki associativo" 99

Xitiki familiar 104

Xitiki cartão 110

Xitiki de amigos 112

A pesquisadora como xitikeira, uma reflexão 116

CADERNO DE FOTOS 2 119

Considerações Finais 145

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 149

Ao meu tio Augusto, que manteve sempre acesa a vontade de aprender e que incentivou com bastante entusiasmo a minha aventura em busca da melhor afinação para o instrumento que toco na filarmónica da vida.

À D. Nassima, que mesmo nos momentos mais difíceis não deixou de alegrar o xitiki com a sua presença sempre tão viva.

A todas as xitikeiras com quem aprendi o verdadeiro significado das palavras solidariedade e compromisso.

Kanimambo*

Assisti certa vez a uma defesa em que a doutoranda começou a sua apresentação dizendo que a tese não tinha sido escrita a duas mãos, mas sim a várias, referindo-se a todas as pessoas que tinham contribuído para a realização do seu trabalho. Encontrando-me já na fase final da escrita, aquela declaração levou-me, por momentos, a perder-me em pensamento tentando criar uma lista mental de todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa. Considerando que vida pessoal e académica estão costuradas de tal modo que se tornam uma só, listar todas as pessoas envolvidas não é tarefa fácil. O caminho é longo, cheio de partidas e chegadas, de pessoas com quem partilhamos todos os dias as nossas angústias, frustrações e pequenas vitórias e também daquelas que, mesmo estando longe, exercem grande impacto no nosso trabalho, o que torna a empreitada mais difícil ainda.

Deste modo, gostaria de, em primeiro lugar, agradecer a todas as pessoas que, longe ou perto, rápida ou demoradamente, estiveram ao meu lado e, de alguma forma, contribuíram para a elaboração desta pesquisa.

À CAPES, agradeço o apoio financeiro que me possibilitou um percurso sem sobressaltos e preocupações, especialmente durante o trabalho de campo em Maputo.

A todos os funcionários da secretaria de pós-graduação do IFCH, mas em especial à Maria José Silveira Rizola e à Márcia Goulart, agradeço a paciência e carinho com que me trataram e me ajudaram a resolver questões burocráticas, mesmo antes de chegar ao Brasil. A todos os outros funcionários – Sônia Cardoso, Gilvani Pereira Rodrigues, Reginaldo Alves do Nascimento, Camila Magalhães, Priscila e Maria Rita Gandara - de quem me tornei, de certo

* Obrigada, em Changana.

modo, colega e com quem passei a conviver diariamente através do Data Capes, agradeço a leveza do ambiente e a sempre boa disposição. Agradeço, também, aos funcionários da biblioteca do IFCH que, nos momentos mais intensos da escrita, se tornou a minha segunda casa.

Aos professores Omar Ribeiro Thomaz, Guita Grin Debert, Heloísa Pontes, Ronaldo Almeida, Nádia Farage e Mauro Almeida, com quem tive o prazer de ter aulas, agradeço por me guiarem por entre os caminhos – tão novos para mim – da Antropologia.

Aos meus colegas de mestrado e doutorado Adriano Godoy, Rebecca Slenes, Liniker Batista, David Reichardt, Mariana Marques, Ana Elisa Bersani, Lis Blanco, Thiago da Hora, Lucas Krasuki, Guilherme Christol, Ana Piu, Vanessa Durando, Ernenek Mejia, Patrik Thames Franco, Fernanda Gallo, Vítor Aquino, Daniela Feriani, Luciano Cardenes e Gábor Bash, agradeço as discussões e partilha de saberes nas aulas, as explicações pacientes sobre conceitos e autores, as contribuições em relação ao meu então projecto, as conversas pré e pós aulas nas mesinhas da pós, a companhia para bandejar ou comer na feirinha sentados na relva, as geniais antropoparties que nos ajudaram a ter fôlego para seguir em frente, enfim, agradeço a camaradagem!

À Mariana Marques, Gláucia Destro, Talita Castro, Amanda Marques, Mauro Brigeiro, Carlos Eduardo Henning, Guilherme Passamani, Paola, Thiago da Hora, Tatiana Perrone, Vanessa Sander, Ana Piu, Rebecca Slenes, Sabrina Finamori e Daniela Feriani, meus colegas de orientação, agradeço imenso o cuidado e dedicação nas leituras que fizeram das várias etapas do meu texto e que tanto contribuíram para o amadurecimento das minhas ideias.

À Professora Guita Grin Debert, minha orientadora, agradeço imenso pela confiança depositada em mim mesmo antes de me conhecer. Agradeço especialmente as leituras cuidadosas, inundadas de comentários e observações com os quais aprendi e continuo a aprender bastante como

escrever um bom texto académico. Agradeço, ainda, a presença constante em todos os momentos que compuseram o caminho percorrido até aqui.

Ao meu primeiro contacto com a Unicamp e quem me abriu as portas ao mundo da Antropologia, Professor Omar Ribeiro Thomaz, *kanimambo* pelo imenso carinho, paciência, gargalhadas contagiantes e óptimas sacadas em relação à minha pesquisa.

À Sabrina Finamori e à Marta Jardim, que prontamente aceitaram fazer parte da minha banca de qualificação, agradeço a leitura cuidada e as valiosas sugestões e comentários que moldaram os rumos que a pesquisa seguiu.

À Fabiana Mendes, primeira IFCHiana que eu conheci ainda em Moçambique e que tanto me incentivou a prestar o mestrado na Unicamp, agradeço a paciência em explicar todos os trâmites relacionados com a candidatura, a leitura generosa do meu projecto e o contacto com tantos amigos queridos que passamos a partilhar.

À Tereza Cruz e Silva, uma das minhas muitas mães e grande incentivadora, agradeço a ponte feita com a Unicamp, a carta de recomendação, a visita guiada à biblioteca do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, as dicas de leitura, os emails trocados e o sempre presente carinho.

À Ana Loforte, cujo trabalho antropológico tanto me inspirou, agradeço a disponibilidade para conversarmos sobre a minha pesquisa, as dicas de leitura e as sugestões de como abordar alguns dos temas presentes neste trabalho.

À Terezinha da Silva, grande amiga de longa data e colega de ginástica que me colocou em contacto com a família da Mafalala, agradeço imenso a disposição em me levar consigo aos encontros de xitiki e a continuação do contacto com o grupo, mesmo à distância.

À Fauzira, cujo contacto só foi possível através da Vanessa Torres, agradeço o convite para assistir a um encontro da família da Maxaquene, do qual faz parte, encontro esse que deu início à minha pesquisa propriamente dita.

Agradeço à Vanessa, Jéssica, Esmeralda, Cacilda, Sara, Terezinha, Fátima Fonseca, Teresa, Anastácia, Esperança, Florinda, Catarina, Maira, Nzira, Júlia, Ercília, Karina, Leonilde, Nilza, Cíntia, Isa, Suzete e Graça Samo por terem partilhado comigo as suas experiências com o xitiki. Especialmente, à D. Fátima, D. Laura e D. Fatú, grandes mulheres xitikeiras, agradeço a paciência, o carinho e a disponibilidade que me concederam tantas e tantas vezes para me contarem sobre as suas vidas, assim como para que pudesse tirar todas as pequenas dúvidas em relação à prática do xitiki e suas especificidades.

A todas as participantes dos grupos de xitiki das famílias da Mafalala e da Maxaquene, que tão bem me receberam entre elas e com quem aprendi que *xitiki é compromisso*, agradeço a oportunidade de poder compartilhar momentos tão íntimos e pessoais, sem os quais não teria sido possível entender o xitiki em toda a sua complexidade.

Às minhas primeiras companheiras de xitiki, Isabel Casimiro, Joana Trindade, Clarice Pinto, Sara Ferreira, Catarina Costa e Teresa Amal, agradeço o entusiasmo e vontade com que acolheram a ideia da criação de um grupo de xitiki.

Ao pessoal da minha casa em Maputo, que cuida sempre tão bem de mim e facilita a minha vida, agradeço todo o apoio durante a pesquisa de campo. À Esmeralda e Cacilda, agradeço as comidinhas, as conversas e esclarecimentos em relação ao xitiki e ao incentivo para que me tornasse, também eu, uma xitikeira. Ao Felizberto, agradeço as boleias para vários dos lugares por onde circulei e as conversas no meio do caminho.

À família xitikeira além-fronteiras, Berenice Morales, Juçara Lobato, Mariana Marques, Ana Elisa Bersani, Patrik Thames Franco, Luciano

Cardenes, Adriano Godoy, Paula Freitas Almeida, Vítor Queiróz, Danilo Arnaut, Julian Simões, Isabel Casimiro e Lívia Antipon, com quem descobri que é possível fazer xitiki à distância e através de inúmeros recursos virtuais, agradeço a dedicação e entusiasmo a algo que, a princípio distante dos seus mundos, logo se tornou parte da sua realidade.

À Crisófia Langa, que me ensinou que poupança não é a tradução para a palavra xitiki, agradeço os inúmeros emails trocados e a paciência em explicar-me a origem da palavra, o que me possibilitou levantar questões importantes para discutir em relação aos significados atribuídos ao xitiki.

Ao Tomás Bover e ao Juan Jaramillo, queridos amigos com quem convivi tão pouco, mas tão intensamente, agradeço a companhia diária de estudos, de bandejão, de confecção de comidinhas gostosas, de passeios e de óptimas conversas sobre os nossos trabalhos.

À Edna Alice e Fabi Grecco, minhas mais novas amigas de longa data, agradeço a leveza e descontração durante os meses de Data Capes, num período tão intenso da escrita. Ao Jonatan Sacramento, meu companheiro de segunda fase do Data Capes, agradeço as gargalhadas, palhaçadas e fichamentos, que com certeza ajudaram a terminar este trabalho sem surtar.

À Carol Bersani, agradeço todo o cuidado e preocupação com a revisão do texto, sem os quais não teria ficado tão bem organizado. Ao Cristiano Alves, agradeço a elaboração dos mapas que ilustram este trabalho.

Desde o momento em que cheguei a Barão Geraldo, tive a imensa sorte de conhecer pessoas incríveis, que sem dúvida mudaram para sempre a minha vida, tornando-a mais completa. Com uns, continuo a conviver diariamente, com outros, que já se foram, o contacto tornou-se virtual. Todas essas pessoas compõem a minha grande família baronesa, sem a qual não teria chegado até aqui. Com elas partilhei momentos inesquecíveis, angústias, dúvidas, viagens, superações e juntas vibramos pelas pequenas vitórias que fomos alcançando. Com elas convivi intensa e diariamente durante a escrita da qualificação e da dissertação, entre idas e vindas do bandejão para a biblioteca

e vice versa. À Rebecca Slenes, sempre tão doce, agradeço as caronas sem fim, as leituras e comentários cuidadosos ao meu texto e a disposição para me ouvir. À Mari Marques, flor, com quem dividi momentos únicos, agradeço as puxadas de orelha nos meus momentos chatos, a torta de cebola maravilhosa e os abraços apertados e cheios de amor. À Berê Morales, minha companheira de “Friends” e de gordices, agradeço as conversas prolongadas que me ajudaram a pensar a pesquisa pós-campo e o carinho imenso com que cuidou de mim quando tive dengue. À Ana Elisa Bersani, minha eterna miss IFCH, agradeço as caronas, a companhia nos derradeiros momentos, a paciência com as inúmeras interrupções nas horas de maior concentração e a sempre boa disposição. Ao Luciano Cardenes, por quem tenho tanto amor que transborda, agradeço as chamadas de atenção em relação à pesquisa e a paciência em me explicar vários conceitos antropológicos. Ao Patrik Thames Franco, agradeço as explicações sobre parentesco e Lévi-Strauss. À Lis Blanco, agradeço os constantes incentivos e as torcidas à distância. Ao Adrian Godoy, agradeço a companhia nestes últimos momentos de escrita. À Fer Gallo, minha primeira companheira de kitnet, agradeço as dicas valiosas para a minha pesquisa! À Juçara Lobato, minha segunda companheira de casa, que me acolheu sem nem bem me conhecer, agradeço a leveza da nossa convivência. Ao Danilo Arnaut, que desejou sempre que eu jogasse duro, agradeço a leitura minuciosa do meu relatório de qualificação. À Plávia Paniz, dona da gargalhada mais contagiosa do mundo, agradeço os baldes de chocolate e o ombro amigo num determinado momento difícil. Ao Bruno Pastre, agradeço o passeio a Andradas e a companhia e incentivo nas altas madrugadas unicampeiras. À Gláucia Destro, sempre tão positiva, agradeço a companhia e as mensagens de incentivo nos derradeiros momentos de escrita. Ao querido Julian Simões, agradeço as incontáveis conversas e gargalhadas madrugada afora nos lugares mais improváveis, que me deram forças para seguir caminho. Não querendo ser repetitiva, mas não podendo deixar de os referir novamente, agradeço à Ana Elisa Bersani, Lis Blanco e Adriano Godoy pela torcida organizada, gritos de motivação, companhia nestas últimas

semanas e pelo incrível *megazord* que conseguimos criar com as nossas forças. Estamos juntos!

Ao Mauro Brigeiro, meu irmão de coração, agradeço o ombro amigo, a companhia no bandejão e na biblioteca, as sacadas geniais em relação à minha pesquisa e a constante lembrança de que sou gentil, inteligente e importante.

À Bruna Bumachar, minha babe, que me recebeu de braços abertos juntamente com o seu pessoalzinho e me proporcionou a primeira sensação de chegar finalmente a casa, agradeço as sugestões que mudaram completamente os rumos da minha pesquisa, o incentivo a uma alimentação saudável e exercício físico – que sem dúvida melhoraram a minha disposição para a escrita -, o ambiente aconchegante para que pudesse trabalhar em paz e os momentos de palhaçada, dança no meio da sala e música a altos berros, que aliviaram as tensões e preocupações de quem tem uma dissertação para escrever.

À família Casimiro e Trindade, espalhada pelos quatro cantos do mundo, agradeço a torcida ao longo destes três anos. À minha tia Cristiana, agradeço a leitura e correcção deste texto. À minha avó Lili, através do meu tio Toninho, agradeço a ajuda nos últimos meses sem bolsa.

À Teresa Cunha, que me incentivou a transformar uma curiosidade em projecto de pesquisa, agradeço as inúmeras e valiosas leituras, sugestões e comentários que tiveram um papel crucial naquilo em que se transformou este trabalho. Agradeço, especialmente, os puxões de orelha, as palavras de incentivo que me mostraram que podia fazer melhor e a companhia durante o trabalho de campo.

Às minhas amigas irmãs camaradas Clarice Pinto, Marina Zambujo e Sara Ferreira, de quem sinto tanta falta, agradeço a presença constante nestes últimos três anos, mesmo à distância. Agradeço as leituras do meu texto quando precisei de um “olhar de quem está de fora”, o cuidado e atenção para com os meus pais, nos momentos em que não pude estar presente, as

conversas madrugada afora para tentar acalmar as minhas indecisões e momentos de maior saudade e o amor que transpôs todas as fronteiras e me chegou sempre que precisei de conforto. Agradeço, especialmente, à Clarice pelas leituras que fez da parte final do texto e à Marina pela elaboração dos dois cadernos de fotos.

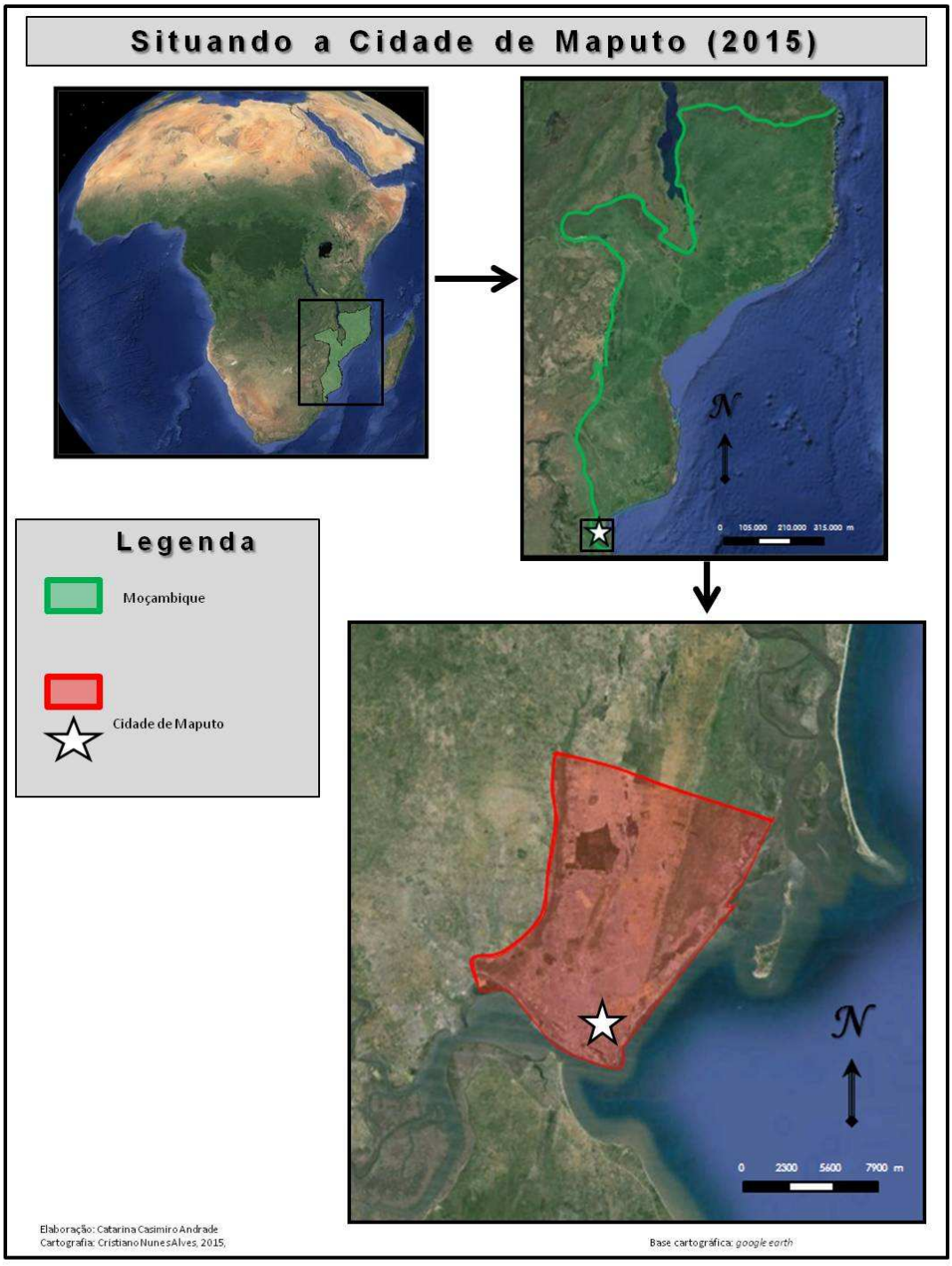
À minha irmã Joana, flor mais colorida do meu jardim, agradeço por ter sido a grande incentivadora, mesmo sem saber, da minha decisão em seguir o sonho antigo de estudar no Brasil. Agradeço também ter estado sempre presente, mesmo à distância, em todo o caminho que percorri até aqui, as palavras de incentivo e carinho quando mais precisei e por ser o melhor exemplo de ser humano a seguir. Agradeço, especialmente, por me mostrar todos os dias que é necessário colocar entusiasmo e paixão no trabalho que realizamos.

Finalmente, aos meus pais Isabel Calica, que sempre me ensinaram que a melhor herança deixada a um filho é uma boa educação e nunca mediram esforços para cumpri-lo, agradeço os sacrifícios feitos para que pudesse ter uma experiência memorável e os valores que me incutiram desde cedo e que me mantiveram forte para que chegasse até aqui. Amo-vos, e à Ju, como as flores do meu jardim.

(...) é uma forma de convivência. A maior parte das pessoas que fazem xitiki não são pessoas que estão bem da vida, são pessoas que... mães solteiras, viúvas, outras casadas, mas também que não estão bem casadas, sofrem violência em casa, então é uma forma de darmos um passeio, irmos na tua casa, te darmos xitiki, comermos e bebermos (...) então ali tem muitas conversas, muito risos, brincadeiras...a pessoa senta na

esteira, conversa, até ri, deita-se, faz palhaçadas...e aquela pessoa vai já feliz. Quando nós sabemos que próxima semana é semana de xitiki, já sabemos que é p'ra irmos conversar e brincar como solteiras. E ali até sai dicas da vida, como é que a gente é, como é que devemos viver, como mães solteiras... (...). Nós ajudamos em conselhos, "você não pode fazer isso", não sei quê...ah, brincamos, até falamos coisas ali de mulheres, quando os homens não estão ficamos mais satisfeitas. "Epá, você usa preservativo?", ah não sei quê quê quê...e agora se não...'tá a ver? (...). Naquele nosso dia do xitiki até vamos ao salão, já. Sim! Ali, p'ra gente se apresentar muito bonitas (...).

D. Fátima


Situando a Cidade de Maputo (2015)
Legenda
Moçambique
Cidade de Maputo
N
0 105.000 210.000 315.000 m
N
0 2300 5600 7900 m
Elaboração: Catarina Casimiro Andrade
Cartografia: Cristiano Nunes Alves, 2015,
Base cartográfica: google earth

Introdução

Da definição do xitiki

(...) é um xitiki de coisas sérias, do fruto do nosso trabalho, daquele espírito de ajuda, nós queremos ajudar as outras, não gostamos de ver outras senhoras nos nossos grupos ou no vizinho, a sofrer. Xitiki é isso. É ajudar.

D. Fátima

Em grande parte dos trabalhos académicos sobre xitiki, os autores referem que a palavra, de origem changana – uma das línguas[1] faladas no sul de Moçambique – se traduz como poupança. Para além disso, definem normalmente a prática tendo como referências o seu carácter informal, tradicional, ao facto de funcionar como uma rede e ter como elementos fundamentais a solidariedade e a ajuda mútua. Eis alguns exemplos das definições atribuídas à prática do xitiki, encontrados em alguns trabalhos académicos: associação de poupança e crédito rotativo ou sistema financeiro informal (De Vletter, 2006), sistema de ajuda mútua (Cruz e Silva, 2002), rede tradicional de solidariedade e entreajuda, sistema informal de poupança e crédito ou forma informal de poupança (Id., 2005), sistema/rede de protecção social informal/tradicional ou forma de poupança e crédito informal (Francisco; Paulo, 2006), rede informal/tradicional de proteção social, actividade/prática tradicional de ajuda mútua e sistema de poupança e crédito informal (Dava et al., 1996), prática informal de segurança social, forma de poupança, usada na área das microfinanças ou fundo solidário (Quive, s.d.; Nhatsave, 2011), mecanismo informal de proteção social, forma de poupança e crédito informal mais comum, estratégia/rede de solidariedade e ajuda mútua, mecanismo

[1] Existem em Moçambique 43 línguas nacionais. São todas de origem bantu excepto o português, que é a língua oficial do país. No entanto, a língua oficial não é considerada língua materna para a maioria da população, sendo a quarta ou quinta mais falada.

financeiro informal/de mitigação do risco/de poupança e crédito informal (Nhatsave, 2011).

O meu interesse pelo xitiki começou há alguns anos atrás, quando fiz trabalho de campo para a monografia, e em nenhum trabalho académico que li desde essa altura até iniciar a pesquisa de campo se discutia a origem ou a tradução da palavra. Xitiki era poupança, ponto. Foi, assim, com a ideia de que xitiki se traduzia por poupança, que esta era uma prática de poupança informal, que se deu a minha entrada em campo. No entanto, logo percebi que essa tradução era, no mínimo, limitadora. Sempre que conversava e perguntava às interlocutoras da pesquisa se sabiam o que significava a palavra xitiki – muitas são fluentes em changana, língua materna de grande parte delas - estas respondiam que não sabiam, que xitiki era aquela prática que elas faziam e que tinham aprendido com as mães e avós, que também faziam.

Essa constatação, aliada a algumas conversas que tinha já tido e a encontros de xitiki a que tinha assistido, me levou a questionar tal tradução. Ao ler um texto de Teresa Cunha intitulado *A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais* (2011), percebi que também a autora questionava a tradução dada ao xitiki, ao afirmar que

> (…) xitique é uma palavra tsonga que é traduzida para a língua portuguesa, comummente, como poupança ou amealhar. Contudo ao longo das entrevistas foram introduzidos mais significados da palavra reforçando a ideia de que o xitique é colocar de lado alguma coisa mas em benefício do grupo, através da força do colectivo, é levar a cabo um objectivo que aumenta a coesão da comunidade envolvida. Entendi assim, que o recurso discursivo a várias semânticas da palavra xitique indicava, por si mesmo, um conjunto de significados societais que extrapolavam a ideia de poupança enquanto uma simples ferramenta de acumulação de moeda com o fim de obter uma certa capacidade económica e financeira num futuro mais ou menos próximo (Cunha, 2011,p. 13).

De onde vem, então, a afirmação de que xitiki se traduz por poupança? Porque a pressa em definir algo que vai, claramente, muito além de uma prática económica? Como se traduz, afinal, a palavra xitiki? Ela tem tradução? Traduzi-la de uma língua tão diferente do português – na qual muitas vezes não existe tradução literal de certos termos – não seria limitador?

Foi pensando nestas questões que entrei em contacto com uma linguísta da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, especialista em línguas de origem Bantu. Queria saber, afinal, se a palavra xitiki tinha tradução para o português e se essa tradução passava pela palavra poupança. Segundo Crisófia Langa, pouco se sabe sobre a origem da palavra e seu significado, apenas que começou a ser usada no sul e foi escalando o país. A palavra xitiki existe em duas línguas – Changana e Rhonga, ambas faladas no sul do país – originando assim duas palavras com a mesma grafia, mas significados diferentes. A palavra *kutika* pode ter como significado, então, fazer xitiki ou estar pesado, não se sabendo se existe relação entre os dois. Significa então que, ao contrário do que se tem escrito, xitiki não é poupança. Não haver, então, uma tradução exacta pode estar ligado às inúmeras facetas que esta prática apresenta. Saliento, no entanto que, ao destacar este facto, não excluo a poupança como fazendo parte dos múltiplos significados atribuídos à prática do xitiki, muito pelo contrário. O acto de poupar revela confiança, porque as pessoas que fazem xitiki não entregariam o seu dinheiro senão confiassem umas nas outras, se não tivessem a certeza de que receberão a sua parte no futuro.

Ainda em relação à palavra xitiki, desde a elaboração do projecto de pesquisa que venho usando a ortografia aportuguesada, nomeadamente xitique. Esta é a ortografia usada não só em grande parte dos trabalhos académicos, mas também nos meios de comunicação social. No entanto, após o contacto com Crisófia Langa e a seu pedido, decidi passar a usar a ortografia padronizada, por uma questão de valorização da língua.

É sobre o perigo das traduções de termos distantes do nosso vocabulário que Christian Geffray introduz a sua pesquisa sobre parentesco entre os macua, do norte de Moçambique. Em *Nem pai nem Mãe* (2000), o autor atenta para um equívoco fundador dos estudos sobre paretesco, resultante da

> utilização do vocabulário comum do nosso parentesco ocidental para descrever o parentesco dos outros, como se as nossas próprias

> palavras – ao contrário das palavras de todas as outras sociedades – fossem dotadas de um valor universal (Geffray, 2000, p. 23).

Recorrer às nossas palavras convencionais como categorias analíticas para analisar um sistema que nos é estranho – no caso, o parentesco – pode conduzir, alerta o autor, "(...) à formulação de simplificações surpreendentes (...)", que mostram "(...) a inadequação da terminologia e os efeitos espectaculares que resultam do seu emprego" (Ibid., p. 24).

Neste sentido, o uso da palavra poupança para descrever a prática do xitiki, como se esta fosse dotada de um valor universal, leva à simplificação do seu real significado. Ao dizer que o xitiki é uma coisa, estamos a impor uma definição.

Apesar de considerar a discussão sobre a definição da palavra xitiki e do facto desta ter vindo a ser traduzida por poupança de extrema importância, não é objectivo desta pesquisa dar conta ou esgotar todas as suas possibilidades de definição, de modo a chegar a uma definição última e fechada. Muito pelo contrário. O xitiki é tudo o que tem sido escrito sobre ele, mas não só. O meu interesse é extrapolar as definições que aparecem repetidamente e centrar-me nas práticas que o compõem e que estão em constante processo de transformação, tentar mostrá-lo na sua complexidade. Aqui me posiciono contra a *exotização* e o *romantismo* que alguns autores – os primeiros que começaram a explorar o tema - lhe conferiram, e dos quais falarei no capítulo dois. O xitiki não é uma prática exótica encontrada em determinados e específicos contextos. Ele influencia - e é influenciado - e transforma - e é transformado - pela economia moderna, acompanha e transforma o desenvolvimento económico e social.

Tive a preocupação, durante a pesquisa de campo, de suspender qualquer definição *a priori* que tinha em relação ao xitiki e centrar-me nas suas práticas, ou seja, no que as pessoas faziam e diziam. É pelas práticas de xitiki que se poderá compreender o conjunto de significados a ela atribuídos pelos seus participantes. Evitando a tradução apressada, evita-se que não haja uma traição.

Por achar que a melhor maneira de evidenciar os múltiplos sentidos do xitiki é através das práticas, a observação e participação dos encontros de xitiki familiar me pareceram a melhor opção para o fazer. Ao mesmo tempo que participei nos encontros mensais de duas famílias da cidade de Maputo, procurei e conversei com mulheres que fazem xitiki, em diferentes contextos e de diferentes tipos. Durante esse percurso, decidi começara fazer xitiki, participando do grupo de uma das famílias e iniciando um grupo com familiares e amigas. Uso ao longo do texto, com a devida autorização, o nome verdadeiro de cada uma das interlocutoras desta pesquisa, tanto as participantes dos dois grupos de xitiki familiar, quanto as outras vinte e quatro mulheres com quem conversei. O facto das minhas interlocutoras serem todas mulheres não fez parte de uma escolha prévia. No entanto, o facto de só ter conseguido falar com mulheres revela o quanto esta é uma prática maioritariamente feminina, sendo elas as suas principais dinamizadoras e organizadoras. Esta é, aliás, uma das principais e mais enfatizadas características deste tipo de práticas, como tão bem mostrou Shirley Ardener no livro *Money-Go-Rounds: women's use of rotating savings and credit associations* (1995), do qual foi organizadora. Neste sentido, o facto de eu ser mulher facilitou a minha entrada nos dois grupos de xitiki e também o contacto com as outras mulheres com quem conversei. Em nenhum momento senti, é necessário apontar, que ser uma moçambicana branca, de classe média e sem experiência alguma na prática do xitiki – pelo menos a princípio – tivesse influenciado negativamente a minha inserção em campo. A verdade é que esse facto extrapola o universo dos xitikis e remete à minha experiência enquanto moçambicana e branca, características que marcam e situam o que sou para além do meu papel enquanto pesquisadora. Dado o facto de os brancos moçambicanos serem minoria no contexto moçambicano e mesmo estando habituada com tal situação, é normal que as interlocutoras da pesquisa se surpreendessem à primeira vista com a minha presença naquele contexto, como aconteceu em alguns momentos que relato nos capítulos I e III.

Guiada então pela necessidade de extrapolar a ideia de que xitiki se traduz por poupança, o objectivo geral da presente pesquisa foi mostrar que

esta prática não pode ser reduzida a poupança e crédito rotativo. Partindo dos encontros dos dois grupos de *xitiki familiar* que acontecem mensalmente, procurei caracterizá-los, assim como aos momentos que os compõem. Por consequência, e aliada à ideia de multiplicidade de sentidos do xitiki, procurei detectar e observar – durante os encontros - os diferentes vínculos que se originam, tencionam ou fortalecem entre os grupos. Finalmente, procurei mapear a prática do xitiki de modo a organizar, através das experiências das mulheres com quem conversei, as práticas de xitiki existentes em Maputo, algo que até então não havia visto explicitado nos trabalhos académicos sobre o tema.

No primeiro capítulo**,** faço a descrição dos grupos de *xitiki familiar* que acompanhei me atentando, como explicitei acima, aos encontros que acontecem mensalmente e aos momentos que os compõem.

De maneira a evidenciar como a etnografia exposta no capítulo I deixa evidente a limitação que existe nos estudos sobre a prática, faço no capítulo dois uma revisão crítica da bibliografia nacional e internacional sobre práticas de poupança e crédito rotativo, nome porque são conhecidas práticas como a do xitiki na bibliografia internacional.

Apoiada nas conversas tidas com vinte e quatro mulheres praticantes de xitiki, assim como na observação dos encontros de xitiki não só das famílias que acompanhei, mas também de outros a que tive oportunidade de ir, faço no capítulo três uma descrição detalhada das práticas de xitiki existentes na cidade de Maputo, dando especial atenção aos diferentes tipos que existem e suas características, a razão apontada pelas mulheres para fazerem xitiki, os usos dados ao dinheiro amealhado, entre outros aspectos. Faço, também, uma reflexão sobre a minha entrada em grupos de xitiki e de que forma isso mudou a maneira como olhava para o xitiki, assim como a compreensão de uma série de aspectos que até então não estavam claros para mim.

Durante todo o trabalho de campo tive a oportunidade de fazer registos fotográficos – com o consentimento dos envolvidos - dos encontros de xitiki em que participei. Estes registos encontram-se compilados em dois cadernos de fotos que apresento após o primeiro capítulo e após o capítulo três. O primeiro caderno inclui uma série de fotografias dos encontros das duas famílias que aconteceram ao longo de três meses. O segundo inclui uma compilação de fotos dos outros xitikis, a cujos encontros tive oportunidade de assistir, assim como de algumas conversas que tive. Os registos fotográficos servem o propósito de ilustrar a descrição dos encontros presentes no capítulo I, assim como os outros tipos de xitiki analisados no capítulo três.

Finalmente, e parafraseando David Webster (2009), a análise que se segue é a minha interpretação do que considero serem os múltiplos sentidos da prática do xitiki, sentidos esses que fui costurando a partir da minha observação e participação nos encontros, das experiências que me foram relatadas pelas interlocutoras da pesquisa e também da minha experiência enquanto pesquisadora *xitikeira*.

Capítulo I

Do *xitiki familiar*, seus encontros e os momentos que os compõem

> *Este método de reunir partículas, "sendo cada Nuer que encontrava usado como fonte de conhecimento" (Evans-Pritchard, 1978, p.20), requer do pesquisador boa dose de paciência (para registrar tantas coisas aparentemente inúteis) e coragem (para construir modelos lindamente equilibrados a partir de fragmentos da vida social minada de contradições e ambivalências). Indo além das falas, apostando na observação das práticas sociais, nossa abordagem apóia-se menos na linguagem normativa dos ritos do que na lógica informal da vida cotidiana inscrita no fluxo de comportamentos.*
>
> (Geertz, 1989 *apud* Fonseca, 2000, p. 7*)*

Introdução

O que significa, afinal, xitiki? Qual a sua melhor definição? Neste capítulo, faço uma descrição da etnografia do campo, procurando evidenciar os múltiplos sentidos que as participantes atribuem a esta prática. Através da descrição dos encontros e dos diferentes momentos que os compõem, procuro contribuir para uma definição mais ampla do xitiki, mostrando-o não só como uma prática económica, mas também como um meio de sociabilidade entre os membros do grupo, onde estes partilham uma série de elementos – elementos esses que os conectam - que vão desde o próprio dinheiro, à comida, aos afectos, a informações diversas, aos problemas e suas possíveis soluções e à entreajuda.

***

- Prima nova, tu que já fazes parte do grupo, fecha lá para mim.

Encontrava-me no meu primeiro encontro de xitiki e a Iva, que estava sentada ao meu lado e que eu conhecera nesse dia, pediu-me que lhe subisse o zíper da blusa que experimentava. Uma das senhoras mais velhas do grupo, Gigi, tinha começado há pouco a venda de roupa em segunda mão, o que provocou uma divertida confusão. Começou por tirar peça por peça do fardo que trouxera, para mostrar à sua plateia, e as senhoras estavam agora a escolher e experimentar roupa, umas ali no quintal e outras dentro de casa.

Quem me levou a esse encontro foi a Fauzira, mãe de uma das melhores amiga de infância da minha irmã, que eu não via há imenso tempo. Quando iniciei a pesquisa sobre xitiki, cedo percebi que seria mais fácil chegar até às famílias através de pessoas conhecidas. Isto porque os grupos de xitiki, nas suas diferentes constituições, são grupos reservados, de carácter mais íntimo e só é possível ter acesso a eles através de alguém de dentro, que faça parte do grupo.

Combinei de encontrar-me com a Fauzira na entrada da rua onde seria o xitiki, num Sábado às 14h. O trajecto da minha casa até ao local não durou mais que dez minutos, o que me fez chegar um pouco antes. Aquele caminho lembrou-me a minha infância e adolescência, época em que o fazia todos os dias no carro da escola, que ficava muito perto do local do encontro. À medida que seguia no carro, a paisagem ia mudando. Ruas residenciais, com muitas casas grandes, prédios de não mais que dez andares, pouquíssimo comércio, algumas escolas e creches, passeios arborizados e pouco trânsito - onde vivo – iam dando lugar a uma avenida larga, conhecida como a das embaixadas, com uma grande rotunda no final, de onde se vai para o aeroporto e que dá para uma das principais e mais movimentadas avenidas da cidade. Nessa grande avenida, com alguns prédios mais altos, viam-se vários homens vendendo fruta nos passeios, assim como uniformes para empregadas domésticas - pendurados nas árvores para melhor visualização dos transeuntes -, sapateiros fazendo o seu trabalho sentados no passeio, debaixo de árvores frondosas, e uma ou outra pequena barraca vendendo produtos básicos de mercearia. Contornando a rotunda entrei numa avenida mais

pequena, com muito trânsito e comércio também, que vai dar a um grande mercado, o do Compone, e de lá virei logo à esquerda, entrando numa estrada de terra batida, por onde tantas vezes andei. Estacionei o carro à sombra, em frente a uma rua também de terra batida, onde se encontrava a casa onde seria o encontro e fiquei à espera que a Fauzira chegasse.

Estava um pouco apreensiva. Era a primeira vez que participava de um encontro de xitiki e, para além da Fauzira, não conhecia mais ninguém. Ela chegou cerca de dez minutos depois de mim, de chapa[2] e, após nos cumprimentarmos e trocarmos algumas palavras sobre o calor, fomos andando a pé pela estrada de terra. Estávamos no bairro da Maxaquene, na área suburbana da cidade. Caminhámos pela estrada larga, de terra batida e dali entrámos numa rua mais estreita, com várias casas à volta e algumas oficinas mecânicas. As casas por que passávamos eram todas coladas umas às outras, por entre ruas e becos estreitos, a maioria de cimento, de um piso só, tecto baixo e maioritariamente rectangulares, tendo algumas telhado e portões feitos de zinco. Havia algumas crianças a brincar e mulheres sentadas à porta das casas.

Não demorámos muito a chegar à casa da D. Fatú, que ficava a menos de dois minutos da rua principal. Pedimos licença para entrar e logo ela apareceu à porta, convidando-nos a sentar. A entrada, que percebi ser da parte de trás da casa, dava para a cozinha, onde ela estava a fritar bolinhos. Era um espaço pequeno, com uma mesa e cadeiras no meio, uma televisão por cima da geleira[3], ligada num canal brasileiro e com o som alto, alguns electrodomésticos e utensílios de cozinha. A Fauzira começou por me apresentar e explicou, por alto, o que eu estava ali a fazer, sendo que eu fui acrescentando algumas informações pelo meio. A D. Fatú ia escutando e respondendo enquanto fritava os bolinhos, sem olhar muito para nós, mas nunca deixando de responder. Reclamámos um pouco do calor, que nesse dia

[2] O termo "*chapa*" refere-se a um *mini-bus* ou *van*, meio de transporte mais comum em Moçambique, com capacidade para 15 lugares, mas que leva, normalmente, muitas mais pessoas e é de propriedade privada.
[3] Geladeira, em português do Brasil.

estava insuportável, e da falta de electricidade que assolava a cidade. Ficámos na cozinha cerca de trinta minutos a conversar, sobretudo, sobre o xitiki delas e os outros que a D. Fatú fazia. Com alguns silêncios pelo meio, pois encontrava-me ainda pouco à vontade naquele ambiente, fui fazendo várias perguntas sobre a história do grupo, o seu funcionamento, quem fazia parte, ao que a D. Fatú ia respondendo sem muita atenção, com alguns intervalos silenciosos pelo meio, pois estava atenta à fritura dos bolinhos. Um pouco depois entraram na cozinha três mulheres, uma com cerca de 50 anos, que se sentou à mesa connosco e que parecia indisposta, e duas mais novas, de cerca de 30 e poucos anos. A mais velha, soube depois, era irmã da Fatú e encontrava-se em tratamento contra um cancer[4]. Pelo que fui percebendo da conversa que se iniciou quando elas chegaram, as senhoras não estavam à espera que ela viesse e ficaram surpreendidas por ter trazido o caderno onde se fazem as anotações da gestão do xitiki, já preenchido para o dia. As mais novas eram primas, Daniela e Iva, sendo a última filha da D. Fatú. As duas logo saíram da cozinha e, um tempo depois, a Fatú disse-nos para irmos andando também lá para fora, onde seria o encontro, pois já lá estavam outras senhoras.

A menos de quinhentos metros da casa da Fatú, virando num beco e adentrando num espaço mais largo, uma espécie de pátio, com algumas casas à volta e onde se encontra uma árvore baixa e enorme no meio, assim como dois ou três carros aparentemente avariados, está a casa da sua irmã mais velha, onde são sempre feitos os encontros. Numa parte daquele mesmo espaço a céu aberto, que dá para a parte de trás da casa, estavam dispostas as mesas, uma comprida, rectangular, e uma menor, redonda, em frente à porta da casa e debaixo de uma videira que dava sombra. Encostadas às paredes da casa estavam várias cadeiras, umas a seguir às outras, para as pessoas se sentarem. Quando nos aproximámos, já lá estavam algumas participantes e várias crianças a brincar no jardim, correndo de um lado para o outro. Sentadas num muro baixo e encostadas à parede lateral da casa estavam cerca de três mulheres, todas aparentemente na casa dos 20 anos, de

[4] Do qual veio a falecer um pouco depois do meu regresso ao Brasil.

capulana[5] *amarrada na cintura, que mais tarde percebi serem as babás das crianças. Enquanto o encontro decorreu, elas permaneceram por ali, vigiando as crianças enquanto estas brincavam, sendo chamadas pelas mães quando estas precisavam de algo e servindo a comida às crianças, quando a hora chegou. Não vi nenhuma delas comer durante todo o tempo que ali estive, mas também é verdade que elas permaneceram afastadas, longe da minha vista.*

A irmã da D. Fatú estava já sentada na mesa menor, juntamente com a Iva e a Daniela. Fui percebendo à medida que as observava, que as três estavam a organizar os cadernos e as listas (folhas A4), para começarem a preencher os nomes de quem iria receber no dia e a contribuição de cada membro. As mulheres foram chegando pouco a pouco, trazendo bolos, salgados e bebidas nas mãos, que colocavam na mesa maior. À chegada, o cumprimento ia-se repetindo:

- Salaam Aleikum!

- Aleikum Salaam![6]

O calor que se fazia sentir foi tema de quase todas as conversas iniciais, assim como a falta de electricidade. Eu sentei-me numa das cadeiras disponíveis e fiquei a observar o movimento durante um bom tempo, cumprimentando quem ia chegando sem, no entanto, ser apresentada. As mulheres iam conversando umas com as outras, sobre vários assuntos que se iam sucedendo à medida que mais mulheres chegavam e entravam na roda. Fui prestando atenção a uma ou outra, ainda pouco à vontade e tímida. As conversas giravam em torno do universo das crianças, compras, comidas, roupas, cabelos, quem não estava presente, entre outros assuntos.

Um pouco depois chegaram duas mulheres, uma aparentemente mais nova que a outra, carregando um grande saco que encostaram à parede

[5] Tecido de algodão, fibra sintética ou seda, geralmente estampado e colorido, que as mulheres usam para vários fins, mas principalmente amarrado à cintura, na cabeça ou para carregar os filhos nas costas, acto conhecido como *nenecar* ou *fazer neneca*.

[6] Cumprimento em árabe que se traduz por "*que a paz esteja entre vós"*, frequentemente usado entre os muçulmanos. O xitiki da família da Maxaquene é constituído maioritariamente por mulheres que professam a religião muçulmana.

da casa. Vinham bem animadas e a mais velha, que soube depois se chamar Gigi e ser irmã da mais nova, ambas primas da D. Fatú, começou a conversar e a fazer graça com algumas das mulheres que se encontravam presentes. Depois de se instalar, a Gigi tirou da bolsa um caderno pequeno, de capa dura e preta, e sentou-se ao lado da Daniela, Iva e Nassima, irmã da D. Fatú, que estavam concentradas nas contas e nas anotações. Percebi depois que ela também anotava tudo no caderno e que fazia parte da gestão do xitiki, conferindo vez ou outra para ver se as suas contas e as que constavam no outro caderno coincidiam. Enquanto elas faziam as anotações, as outras mulheres que ali se encontravam iam entregando o dinheiro, que tiravam do decote ou de pequenas bolsas, e deixavam na mesa. A Iva e a Daniela separavam o dinheiro em montes de notas iguais e anotavam os valores em quatro folhas brancas. Fiquei um bom tempo a tentar perceber como funcionava aquela gestão, prestando atenção aos seus movimentos, enquanto reflectia que, ao contrário do que muitos estudos sobre o xitiki apontam[7]*, a gestão não é simplicada, muito pelo contrário.*

Depois das participantes terem entregue a sua contribuição e as gestoras[8] *terminado as contas, os quatro maços de dinheiro, embrulhados nas listas, foram entregues às respectivas beneficiárias. Ao contrário do que pensei e do que tinha lido em algumas pesquisas sobre xitiki, este momento não foi acompanhado por nenhuma dança ou cântico. As senhoras receberam o dinheiro e guardaram-no nas suas bolsas, enquanto algumas das outras faziam graça, provocando:*

- Agora que tens dinheiro, podemos ir comer na tua casa, né?

- Amiga, não queres me emprestar um pouco desse dinheiro que recebeste?

[7] Para mais detalhes, consultar Dava et al. (1996), De Vletter (2006), Francisco (2006), entre outros.

[8] *Gestoras do xitiki* ou *gestão do xitiki* são conceitos por mim usados para me referir às mulheres encarregues da organização do grupo e da gestão do dinheiro. Descrevo mais detalhadamente quem são estas mulheres e as suas funções no capítulo três.

As "provocações" foram recebidas com risos e respostas à altura. Depois disso, deu-se início ao lanche. Havia uma série de pratos na mesa, com salgados, galinha assada, batata frita, bolos de todos os tipos, tartes e tortas, folhados, entre outras delícias. Havia também bebidas, principalmente sucos e refrigerantes, e algumas garrafas de cidra na mesa menor, que as mulheres mais novas pediram para algumas crianças comprarem ali perto. Enquanto as mulheres se serviam e comiam, iam conversando, principalmente sobre comida. Foi nessa altura que a Fauzira, aproveitando que estavam todas ali reunidas, me apresentou formalmente ao grupo, dizendo que eu estava a estudar o xitiki e queria aprender mais sobre a prática. Algumas mulheres surpreenderam-se, pois achavam que eu estava ali para entrar no grupo, outras não pareceram importar-se muito com o assunto. Uma delas, no entanto, mais velha, que olhava para mim pouco à vontade - algo que permaneceu nos encontros seguintes – mostrou-se surpeendida por eu estar a pesquisar o xitiki, uma vez que, segundo ela, não era nada de especial, apenas uma brincadeira que elas faziam. Não entendia porque eu dava tanta importância a uma prática tão comum na cidade, feita por tantas outras mulheres e um pouco por toda a cidade.

Depois da maior parte das mulheres terem comido, a Gigi pegou no saco que trouxe e colocou-o a seus pés. Anunciou então que, como todas já estavam de barriga cheia, ia começar a venda de roupa[9]*. Despejou o conteúdo do saco no chão e começou a mostrar, uma a uma, as peças de roupa às outras mulheres. Naquele dia trazia blusas e camisolas. Instalou-se rapidamente uma divertida confusão, com roupa a ser atirada por cima das nossas cabeças e a ser entregue a uma e outra mulher, umas a irem para dentro da casa experimentar e outras a mudar ali mesmo, muita opinião a ser dada, roupa espalhada pelo chão e nos colos e mãos das mulheres, tudo devidamente observado pelas crianças que brincavam por ali. Confesso que eu mesma me entusiasmei e quando dei por mim, estava agachada a procurar*

[9] Roupa em segunda mão, vulgarmente conhecida como *xicalamidade*. A expressão vem da palavra "calamidades" e refere-se aos donativos, em forma de roupa, que são enviados às vítimas de calamidades naturais e que, na maior parte das vezes, vão parar aos mercados informais para serem vendidas.

roupa e a pedir opinião à Fauzira, que estava ao meu lado. A Gigi ia dando opinião às mulheres sobre as peças, dizendo o que ficaria melhor a uma e a outra, convidando-as a experimentarem esta ou aquela peça, ao que todas acediam, mesmo que depois não levassem nada. Foi nessa altura que a Iva, filha da D. Fatú e que estava sentada ao meu lado, me pediu para subir o zíper da blusa que estava a experimentar. Fiquei surpreendida com a maneira como ela se referiu a mim, chamando-me de prima, e questionei-me sobre o seu significado. Um pouco depois, a irmã da Gigi, com quem ela chegou e que estava sentada do meu outro lado, perguntou-me:

- Não queres fazer parte do grupo? Em Abril começa um novo (estávamos em Março).

Respondi dizendo que não podia porque logo iria embora de Moçambique, mas aquele convite surpeendeu-me e deixou-me algo pensativa.

Depois da venda das roupas e de a Gigi ter anotado as suas vendas num caderno (ela cobra[10] o valor no encontro seguinte[11]), as senhoras começaram a arrumar as suas coisas para irem embora.

***

Da inserção em campo

O meu interesse pelo xitiki partiu da experiência de campo relativa ao meu trabalho de conclusão de curso da graduação, realizado na Universidade de Coimbra. Na altura pesquisei sobre mulheres vendedoras dos

[10] Esta atitude mostra, até certo ponto, o grau de confiança que existe entre a Gigi e as outras mulheres. Eu também fiquei de lhe pagar no encontro seguinte, apesar de ter sido a primeira vez que ali me encontrava e de ela mal me conhecer.

[11] A Gigi usa o dinheiro que ganha com a venda de roupas para dar a sua parte no xitiki. Porque são roupas em segunda mão, as peças são muito baratas (menos de R$10,00 cada), o que não permite que ela faça mais dinheiro do que o que receberia no xitiki, mas mesmo assim é suficiente para garantir, todos os meses, a sua parte no xitiki.

mercados informais que acediam a agências de microcrédito[12] para fazerem empréstimos. Ao questionar essas mulheres sobre as suas fontes de rendimento, assim como as estratégias encontradas para darem conta dos pagamentos dos empréstimos junto às agências, a maior parte referiu recorrer ao xitiki. Com o dinheiro poupado através desta prática, conseguiam mais facilmente pagar os empréstimos do microcrédito, uma vez que os rendimentos dos seus negócios não chegavam para tal. Não sendo objectivo da minha pesquisa, na altura, abordar o xitiki, prática que até então desconhecia, mas sim até que ponto o microcrédito permitia uma maior autonomia económica às mulheres, deixei de lado esta questão, tendo-a abordado somente de passagem na monografia. Depois de concluir a licenciatura em Sociologia, o interesse por esta prática levou-me a fazer algumas pesquisas, cujos dados me permitiram escrever um artigo para uma revista portuguesa[13]. Nesse artigo, procurei caracterizar os sistemas informais de poupança e ajuda mútua existentes em Moçambique, dando particular ênfase ao xitiki, não sem deixar de abordar também outros tipos de associações baseadas na ajuda mútua e reciprocidade. Sem qualquer tipo de pesquisa de campo, o artigo foi escrito a partir da bibliografia existente sobre o tema, ressaltando o facto de serem as mulheres as que mais fazem e dinamizam a prática do xitiki. Desde então tenho pesquisado continuamente a prática, primeiro através da bibliografia existente e de pequenas conversas com pessoas que fazem xitiki, e agora através da pesquisa de mestrado.

- Estás a estudar xitiki? Ah, eu conheço uma senhora com quem podes falar, ela sabe tudo de xitiki.

Esta foi, com certeza, a frase que mais ouvi durante todo o trabalho de campo. As pessoas com quem conversei achavam curioso que eu estivesse interessada em estudar o xitiki e, principalmente, em participar nos convívios. A

[12] O microcrédito ou microfinanças é definido pelo Banco de Moçambique como uma *"actividade que consiste na prestação de serviços financeiros essencialmente em operações de reduzida ou média dimensão"* (2005). São considerados operadores de microfinanças os microbancos e as cooperativas de crédito.

[13] *Convívio e solidariedade: Práticas de xitiki em Moçambique*, Artº Feminino. Coimbra: AJP, 2011.

verdade é que não foi difícil encontrar com quem falar, pois há sempre pessoas à nossa volta, amigas, conhecidas, ou amigas de amigas, empregadas domésticas pessoais e de amigas, maioritariamente mulheres, que participam em algum grupo. As pessoas achavam, no mínimo, curioso e engraçado o meu interesse, principalmente pelos encontros. Uma das coisas que mais me surpreendeu ao longo do trabalho de campo foi perceber que mais pessoas do que eu poderia imaginar fazem xitiki.

Depois de algumas tentativas frustradas – pois as pessoas desconfiavam da minha vontade de participar em encontros familiares e privados – e através de pessoas próximas, consegui finalmente que dois grupos de *xitiki familiar*[14] me permitissem participar dos seus encontros[15]. A família da Mafalala foi-me apresentada por uma amiga dos meus pais que faz parte do grupo de xitiki e com quem fui sempre aos encontros e a outra família, da Maxaquene, pela Fauzira, mãe da amiga da minha irmã, como mencionei na descrição que abre o capítulo.

Dos xitikis familiares

A decisão de acompanhar os xitikis familiares, um dos vários tipos existentes na cidade de Maputo, está directamente ligada àquele que é o principal objectivo da presente pesquisa: mostrar que, ao reduzir-se o xitiki a uma prática de poupança e crédito rotativo, limita-se a compreensão que se

[14] Cabe aqui apresentar algumas convenções usadas ao longo de todo o texto. Os conceitos de *xitiki familiar, xitiki de amigos, xitiki cartão, banca móvel* e *xitiki de serviço* são usados em itálico pois se trata de termos émicos, usados commumente tanto pelas interlocutoras da pesquisa como de maneira geral em Moçambique. O termo xitiki associativo é usado, também ao longo do texto, entre aspas pois trata-se de um conceito por mim apresentado, o qual destaco no capítulo três.

[15] Se, por um lado, não tive dificuldades em encontrar pessoas com quem conversar sobre as suas experiências como participantes de grupos de xitiki, o mesmo não aconteceu com a ideia de participar em encontros de *xitiki familiar*. Penso que tal dificuldade ficou a dever-se ao facto desses encontros serem restritos, sempre na casa das pessoas – o que torna um evento privado - e só ser normalmente convidado a participar quem é conhecido do grupo.

tem sobre ele, ocultando assim o seu carácter multidimensional. Assim, procurei grupos de *xitiki familiar* em cujos encontros mensais pudesse participar, de modo a observar como se realizavam. Por serem momentos de sociabilidade e confraternização, participar nos encontros de xitiki me permitiria, pensei, buscar os múltiplos sentidos que o compõem. E tendo em conta que uma das principais características dos xitikis familiares é exactamente a realização desses encontros, centrar-me nesse tipo seria a decisão mais acertada.

O *xitiki* feito entre membros de uma mesma família é geralmente chamado pelas pessoas que o fazem de *xitiki familiar*. No entanto, e não sendo objectivo da pesquisa analisar as diversas formas de abordagem teórica que recaem sobre o conceito de família - não esquecendo, no entanto, o papel fundamental que as relações de cooperação estabelecidas a partir dela representam na construção e reconstrução de redes de solidariedade e um lugar privilegiado para a construção social da realidade - é importante evitar uma ideia *a priori* sobre o que é família e sobre quem compõe os grupos.

Quando iniciei a minha participação nos encontros, pensava que os participantes eram todos ligados entre si por laços consanguíneos e afins. No entanto, logo percebi que estava equivocada e que também faziam parte do xitiki amigos e vizinhos. Esta constatação levou-me a pensar no que Webster (2009) refere como sendo uma das características do parentesco chope, um dos grupos étnicos do sul de Moçambique[16]: a sua plasticidade. Entre os vários factores dos quais deriva a natureza flexível do parentesco, está o uso de termos de parentesco de maneira a estranhos poderem aceder a grupos baseados no parentesco, como por exemplo chamar um amigo de irmão.

Deste modo – e retomando o relato da descrição que abre o capítulo – o facto da Iva me ter chamado, logo no primeiro encontro, de prima pode ser pensado como um esforço de aproximação, pois foi necessário – uma vez que

[16] Característica esta que, segundo o autor, não é única dos chopes, "pois vários outros estudos demonstraram a presença de sistemas de parentesco maleáveis noutras sociedades africanas" (Ibid., p. 164).

eu não fazia parte daquele meio - me localizar num determinado espectro, de maneira a envolver-me no grupo. O que o xitiki faz, então, é criar relações familiares para além do núcleo ordinário daquilo que supostamente se considera ser família. O que existe, assim, é uma relação – monetarizada – que funda um outro tipo de relações que se enquadrariam no que Webster chama de quase-parentes, tão forte e poderoso como as relações familiares. O xará e a amizade especial, instituições que compõem os quase-parentes, dão assim *"(...) origem a um conjunto de relações sociais que, em alguns aspectos, se assemelham a laços de parentesco e que, em consequência, são formuladas no idioma do parentesco"* (Ibid., p. 213). Criam, assim, laços que têm a permanência e as bases morais características do parentesco e constituem uma forma de estabelecer novas alianças. Webster nota, no entanto, que estas duas instituições são diferentes do parentesco uma vez que, enquanto que os laços de parentesco são geralmente herdados, os laços de quase-parentesco são alcançados. A flexibilidade do parentesco "faz então com que o sistema possa ser adaptado a várias situações e, em certo sentido, muitos laços de parentesco não são meramente atribuídos, mas, pelo contrário, devem ser mobilizados e activados" (Ibid., p. 247). Neste sentido, e pensando na composição dos grupos de xitiki – quem entra, quem não e o porquê – a escolha entre quem é ou não quase-parente pode basear-se em critérios de emoção, afeição ou ainda como uma estratégia com outras finalidades.

Neste sentido, pode dizer-se que a prática do xitiki funda parentes. Isso fica claro na fala da Iva. A relação que se estabelece entre membros de um grupo de xitiki é a de um compromisso também afectivo. Por esta razão, este compromisso pode ser maior e mais importante que o que se tem com uma instituição financeira formal. Quando existe um compromisso fundado por um determinado tipo de relação cujo contrato se dá na linguagem dos afectos - que é a linguagem da família - aí o xitiki deixa de ser um crédito ou uma poupança e passa a ser família.

A criação dos grupos, normalmente por iniciativa das mulheres, é explicada pelo facto dos familiares viverem espalhados pela cidade, longe uns

dos outros e terem uma vida corrida, que não lhes permite verem-se e conviverem tanto quanto gostariam. A este propósito, a D. Fatú conta que a ideia de fazerem um grupo de xitiki

> *(...) foi numa brincadeira. Foi numa cerimónia. Aquela minha sobrinha, a Gira, ela é que começou. Diz que "ah, vamos lá fazer um xitiki de família, não sei, uma maneira de a gente passarmos a conviver". Então pronto, começamos* (D. Fatú).

A D. Fátima, que participa num grupo de *xitiki familiar* conta, também, que a criação do grupo surgiu depois da sua mãe reclamar várias vezes que nunca ninguém a visitava, o que fez com que ela e a irmã pensassem em usar o xitiki como forma de as visitas se tornarem obrigatórias e regulares, por conta da rotação do dinheiro. Além disso, conforme me foi dito por algumas interlocutoras, muitos grupos são criados após cerimónias familiares, como um falecimento ou casamento, onde as pessoas se apercebem que precisam umas das outras e que, unidas, conseguem resolver com mais facilidade problemas que surgem, assim como organizar festas e cerimónias de família. Tal foi o caso de uma das interlocutoras, de cuja neta se tinha percebido uma doença durante um dos encontros, por uma irmã que nunca tinha visto a criança e reparou numas manchas que esta apresentava, ou do xitiki da Maxaquene, em que aproveitaram um dos encontros para organizar o casamento de uma participante.

O objetivo destes xitikis é, deste modo, conviverem umas com as outras, já que o dia a dia é muito corrido e a comunicação tende a funcionar basicamente via telefone. Como me disse a D. Fatú:

> *É muito raro eu ir...outras vivem na Matola, não sei aonde, não é fácil, não é fácil. Agora aquele dia do xitiki, estamos todos juntos. Aquilo é assim* (D. Fatú).

Deste modo, podemos pensar o xitiki como uma prática de sociabilidade, à luz da definição de Simmel (2002). Para o autor, a sociedade consiste na interacção entre os indivíduos, pensados como actores sociais. A sociedade, deste modo, toma forma a partir do momento em que os actores sociais criam relações de interdependência ou estabelecem contactos e interacções sociais de reciprocidade. No entanto, esta interacção só se

considera como sociabilidade quando se cumprem certos requisitos. Pensando na prática do xitiki, para que a relação entre os integrantes do grupo seja de sociabilidade é preciso que todos estejam envolvidos, sintam prazer nessa sociação – definida aqui como as formas ou modos pelos quais os actores sociais se relacionam. Por outras palavras, para que a relação entre os participantes do grupo de xitiki seja de sociabilidade, é necessário que, para além de estarem sociados por interesses específicos, se relacionem em função de um sentimento e por uma satisfação mútua de estarem socializados. Assim, os encontros seriam os contextos perfeitos de sociabilidade.

As famílias do xitiki

Nas duas famílias analisadas, os grupos de xitiki são compostos quase exclusivamente por mulheres. Devido à natureza dos encontros - realizados apenas uma vez por mês – e ao facto de só ter tido contacto com a maior parte delas nos dias dos encontros - onde nunca estavam presentes todas as participantes - não foi possível traçar um perfil socioeconómico do grupo. No entanto, pude observar, de maneira geral, que as participantes têm entre 20 a 60 anos, sendo a maior parte casada, mas havendo também solteiras e viúvas. Muitas têm filhos, que sempre as acompanham aos encontros, mas há também as que não os têm. Em relação a actividades geradoras de rendimentos, algumas das participantes, principalmente as mais velhas, são donas de casa, e destas a maior parte tem um pequeno negócio, normalmente em casa[17]. Há também participantes que trabalham no sector dito formal, como secretárias ou gestoras de recursos humanos. As duas famílias possuem também praticantes de diversas religiões, sendo as predominantes a católica, numa das famílias, e a muçulmana, na outra. São mulheres activas, que além de trabalharem dentro e fora de casa, possuem outras atividades que

[17] Venda de roupa em segunda mão, maquiagem, bijuterias e acessórios, confecção e venda de comidas e bolos, entre outras actividades.

as ocupam o dia todo, como cuidar dos netos, dos sogros, assistir a familiares doentes, coordenar reuniões com o grupo da igreja a que pertencem, participar de outros grupos de xitiki, visitar conhecidos que não se encontram bem de saúde, entre tantas outras.

Uma das primeiras observações que fiz, através das conversas e participação nos encontros, é que o xitiki é uma prática que atravessa marcadores de idade, classe, etnia, local de residência e religião, aspecto que não tem sido devidamente aprofundado na bibliografia e estudos locais sobre a prática que tendem a concentrar-se em grupos muito específicos. Estas diferenças, no entanto - e aqui caberia uma análise aprofundada sobre a relação entre os marcadores que mencionei acima e a participação no xitiki[18] - não me pareceram, a princípio, criar qualquer tipo de constrangimento ou diferença de comportamento entre as mulheres. Pude observar - e a descrição dos encontros que faço mais à frente no texto corrobora esta ideia – que, apesar de serem grupos bastante heterogéneos, existe um grande sentido de união e pertença.

Em ambos os grupos há homens (num grupo um, noutro três), mas estes quase nunca estão presentes nos encontros. É um espaço de convívio claramente feminino. Esta é, aliás, uma característica comum em relação aos grupos encontrados um pouco por todo o mundo. Baseando-se nas suas pesquisas sobre uma prática similar ao xitiki chamada *njangi*, dos Camarões, Ardener (1995) afirma que, além de não ser um espaço confortável para os homens, as mulheres temem perder o controlo do grupo com a sua presença. A autora refere ainda que os homens acham difícil trabalhar com as mulheres, pois acham que estão a ser controlados por elas. Penso que, a partir do que pude observar nos dois casos, a participação dos homens é fundamental na sua ausência. Isto significa que eles participam sim, fazendo a sua contribuição e estando presentes em certas ocasiões em que são convocados, mas na maior parte das vezes não estão lá, pois sabem que aquele é um espaço feminino, um momento em que as mulheres aproveitam para resolver uma

[18] Uma pesquisa que leve em conta estes marcadores poderá permitir analisar como eles são operados e operam a dinâmica do grupo.

série de questões que a elas diz respeito, assim como estarem à vontade para dançarem, rirem, conversarem sobre assuntos íntimos, trocarem segredos e confidências, se aconselharem, falarem sobre os filhos, sobre os maridos, entre outros.

No último encontro em que participei, da família da Maxaquene, pude observar um pouco como se dá a participação dos três homens. Nesse dia, por se estar a fechar um ciclo, fez-se um almoço em vez de lanche. Havia muita comida tradicional, dentro de grandes panelas de alumínio que estavam numa mesa exposta do lado de fora da casa, onde sempre acontecem os encontros. Quando cheguei fiquei surpresa, pois era a primeira vez que via ali homens. Não tive muito contacto com eles durante o almoço, mas percebi que eles não ficavam entre as mulheres, preferindo reunir-se num outro lado da casa, mais afastado. Só surgiam, vez ou outra, para servir-se de uma bebida ou comida e sempre fazendo piadas em relação ao facto de só estarem ali mulheres. Só um deles – marido de uma participante e um dos que iria receber nesse dia - sentou-se um tempo entre as mulheres e conversou com elas.

A propósito da participação dos homens em grupos mistos[19] de xitiki, lembro-me de uma ocasião em que, sabendo que os funcionários que trabalham na minha casa faziam xitiki, fui conversar com um deles, o guarda. Esperava que ele me contasse como é que o grupo funcionava, porque é que ele tinha entrado e o que fazia com o dinheiro arrecadado. Para minha surpresa, ele negou que fizesse parte do xitiki, mesmo quando lhe disse que os outros membros, nomeadamente mulheres, tinham confirmado a sua participação. Quando contei o ocorrido e a minha confusão à Esmeralda e à Cacilda – que trabalham como empregadas domésticas - elas riram-se e disseram que os homens às vezes não gostam de dizer que fazem xitiki porque isso "*é coisa de mulher".*

No caso das duas famílias, foram as mulheres que tiveram a ideia e incentivaram a criação dos grupos, são elas que organizam e coordenam tudo, marcam os encontros, confeccionam e levam as comidas, se reúnem para gerir

[19] É comum a existência de grupos só de mulheres, só de homens ou mistos.

as contas e fazer as anotações nos cadernos, entre outras atividades que serão descritas com maior detalhe ao longo do texto.

Da organização dos grupos

De maneira a distinguir os grupos de xitiki que analisei, nomeei-os a partir dos bairros onde foram feitos alguns dos encontros em que participei. É na Mafalala, bairro histórico onde nasceram e cresceram algumas figuras ilustres moçambicanas[20], que se localiza a casa da matriarca de uma das famílias, onde moraram quase todas as participantes e onde se realizou o primeiro encontro em que participei. No entanto, os encontros são rotativos, ou seja, cada mês acontece na casa da pessoa que vai receber. O bairro da Maxaquene, onde fica também a casa da família - onde todas as irmãs nasceram, cresceram e onde vive ainda a mais velha – é onde se realizam sempre os encontros, o que o distingue do grupo da Mafalala. Ambos os bairros ficam na chamada zona suburbana da cidade de Maputo.

Apesar de terem muito em comum, os dois grupos apresentam especificidades próprias. Têm mais ou menos o mesmo tempo de existência - cerca de quatro anos - e foram criados para que os familiares, que vivem espalhados pela cidade, se pudessem encontrar com certa frequência. Deste modo, têm a oportunidade de se conhecerem melhor, conhecerem as respectivas casas, conhecerem novos membros da família e se ajudar uns aos outros, nomeadamente em questões familiares, organização de festas ou cerimónias e resolução de conflitos. Apesar de terem um número de participantes ligeiramente diferente (um grupo tem cerca de 20 pessoas e o outro quase o dobro), ambos são compostos por irmãs – todas na casa dos 50 a 60 anos -, suas respectivas filhas, irmãs e primas entre si, os filhos destas,

[20] Como é o caso de José Craveirinha, expoente máximo da poesia moçambicana, e de Eusébio, exímio ponta de lança que jogou em Portugal. O bairro tornou-se atracção turística há alguns anos atrás, sendo possível fazer um tour e visitar os lugares históricos.

sobrinhas, primas e cunhadas, tanto do lado paterno quanto materno, amigos próximos das famílias, alguns vizinhos e outros conhecidos de longa data.

A contribuição mensal de cada grupo é também ligeiramente diferente. Enquanto que os membros da família da Mafalala contribuem com 2.500,00MT[21] fixos por mês, o grupo do Xipamanine contribui com um mínimo de 200.00MT[22], podendo este valor ser aumentado por quem conseguir dar mais, desde que a pessoa que vai receber esteja de acordo[23]. O facto de não haver um montante fixo faz com que o valor total varie de mês para mês podendo, num mesmo encontro, uma pessoa receber mais que outra. É preciso esclarecer, no entanto, que cada pessoa recebe sempre o total dos valores que foi contribuindo mês a mês.

Uma característica específica da Maxaquene é o facto de existirem três xitikis dentro do mesmo grupo. Para além do primeiro – que referi acima e que inclui todas as participantes – há um segundo cujas contribuições mensais são de 1.000,00MT, constituído por vinte participantes e um terceiro, de 3.000,00MT mensais, constituído por dez participantes. Esta particularidade faz com que a gestão do dinheiro seja um pouco mais trabalhosa e demorada, mas do que pude observar, as participantes encarregues de gerir o dinheiro fazem-no com bastante facilidade.

Enquanto que na família da Maxaquene quatro participantes recebem por mês, na Mafalala recebem duas, cujo montante é dividido relativamente às contribuições feitas. Não existe uma maneira específica de escolher a sequência em que as participantes vão receber o dinheiro, normalmente elas vão pedindo para receber em determinado mês – caso tenham algum plano específico - e cabe às gestoras organizar esta sequência.

[21] Para futuras referências, R$1,00 equivale a 12,67MT (câmbio diário, neste caso referente ao dia 27 de Janeiro de 2015). Mais especificamente, R$10,00 equivale a 126,69MT e R$100,00 a 1.266,86MT. No caso do valor do xitiki, 2.500,00MT equivale a R$197,34.
[22] Os rendimentos mensais de cada uma das participantes são variados, de maneira que a contribuição mínima tem que ser um valor baixo.
[23] Uma vez que o mesmo valor terá de ser retribuído.

Em relação aos encontros mensais, e como referi acima, enquanto que o grupo da Maxaquene realiza o seu sempre no mesmo local, no caso da família da Mafalala os encontros são rotativos, ou seja, cada mês é na casa de uma das pessoas que vai receber[24]. Isto permite, segundo a Gotinha - uma das fundadoras e gestoras do grupo - que as participantes se visitem umas às outras e conheçam as respectivas casas, o que no dia-a-dia é impossível acontecer por causa da vida corrida de cada uma delas. Em relação aos filhos, além de muitos deles estarem presentes nos encontros acompanhando as mães, alguns deles participam do xitiki – no caso da família da Maxaquene - através do dinheiro que as mães dão em seu nome.

A gestão de ambos os grupos é feita através de registos escritos. No caso da Maxaquene, a Gigi e a Nassima possuem cada uma um caderno onde anotam o nome de cada participante e os montantes dados por elas a cada uma das outras participantes, mês a mês. Neste caderno estão incluídas as movimentações dos três xitikis. No caso da Mafalala, a gestão do grupo fica a cargo da Gotinha e da prima Iva[25] onde, durante os encontros, preenchem uma ficha, composta por uma tabela feita no computador, contendo os nomes, contatos, sequência e montantes de cada um. Sempre que há alguma dúvida, como a incerteza do valor que alguém pagou ou qual é a sequência do ciclo, os dois objectos, caderno e tabela, são acionados pelas participantes, para tirar qualquer dúvida. No capítulo três, descrevo com mais detalhes como os cadernos e fichas são usados na gestão do dinheiro.

[24] Como recebem duas participantes por mês, é decidido entre elas em casa de quem será o encontro. Normalmente, as reuniões são feitas na casa que reúne as melhores condições para receber um grupo grande.

[25] Para que não haja confusão, cada um dos grupos tem uma participante chamada Iva. A da Maxaquene é filha da D. Fatú, a que me chamou de prima. A da Mafalala é prima da Gutinha. Ambas fazer parte da gestão de cada um dos grupos.

Dos momentos que compõem os encontros

Nas duas famílias, a organização geral dos encontros de xitiki e os momentos que o compõem seguem uma mesma lógica. Esses momentos, dos quais destaco a gestão do dinheiro - a que se junta a sua entrega (ritualizada ou não) - e a partilha da comida, são atravessados e compostos por conversas, trocas de afectos e de informações, brincadeiras, gargalhadas, desabafos e conselhos, vários tipos de dicas em relação às crianças e venda de produtos.

Na família da Mafalala os encontros são tidos como uma festa, uma celebração em forma de almoço que começa sempre com bastante atraso - algo muito comum em Moçambique - e que dura o dia inteiro. Já no caso da Maxaquene, os encontros, em forma de lanche, raramente atrasam e as pessoas costumam ir embora mais ou menos ao mesmo tempo, em grupo. Nos dois casos, raramente comparecem todas as participantes, mas a maioria sempre está presente, como me foi dito pelas próprias participantes. Em todos os encontros em que participei havia caras novas, que não tinham estado nos anteriores. Quando alguém não vai aos encontros, entrega o dinheiro antecipadamente ou manda-o por alguma outra participante no próprio dia.

A chegada aos encontros obedece, regra geral, à mesma sequência. À medida que chegam, carregando *tupperwares* e panelas com comida, travessas com salgados e doces e sacolas com bebidas, e depois de se cumprimentarem umas às outras - acenando de longe para o grupo ou cumprimentando individualmente quem já se encontra presente - as mulheres vão se sentando à volta das mesas, normalmente montadas na parte de trás das casas, ao ar livre. Logo começam a falar com quem está do lado, formando pequenos grupos com conversas distintas, acompanhadas de muitas gargalhadas e brincadeiras. As conversas, que atravessam todo o encontro, passam pelos mais variados temas, a maior parte deles referentes ao universo feminino, como o cuidado e educação das crianças, moda, comida e receitas partilhadas, pessoas que não se encontram ali, conhecidas de várias delas, doenças e como tratá-las, cabelos, cortes, alisamentos e extensões de cabelo,

problemas familiares de vários tipos, casos de violência doméstica vividos por algumas delas, conselhos sobre assuntos diversos, casamentos, entre outros tipos de informação. As crianças são presença constante nos encontros, estão sempre acompanhadas das mães, ficando o tempo todo a brincar umas com as outras no jardim, sendo vigiadas pelas babás.

Da recolha, gestão e entrega do dinheiro

A principal e maior diferença entre os dois grupos de xitiki analisados, em relação ao momento de gestão do dinheiro, é que num, ela é feita logo no início do encontro, depois de chegarem todas as participantes, e no outro, é depois de todas comerem e inclui danças e cânticos. A razão apontada pela Gigi, gestora do grupo da Maxaquene, para que se organize a gestão do dinheiro primeiro é de que *"(...) quando a gente pega dinheiro primeiro, é que comemos à vontade. Agora, sem dinheiro na mão epá...a gente não sabe se pagam, não pagam...'tá ver, né? É outro problema!"* (Gigi).

As obrigações - o trabalho de gestão e de entrega do dinheiro - vêm assim em primeiro lugar, para dar lugar depois a uma partilha de comida, conversas, brincadeiras e gargalhadas.

Através da descrição que inicia o capítulo mostro, em detalhes, como acontecem os encontros da família da Maxaquene. Neste grupo, há quatro mulheres envolvidas na gestão do dinheiro: a Gigi, que possui um caderno onde faz as anotações; a Nassima, irmã da D. Fatú, que foi depois substituída pela filha Márcia e que também é responsável pelo preenchimento de um segundo caderno; e as primas Iva e Daniela, que recebem, organizam e contam as notas, além de preencherem as folhas soltas, onde são anotados os nomes de cada participante, o montante contribuído e que são depois usadas para embrulhar o maço de notas e entregar às pessoas que recebem, para que

elas saibam exactamente quanto cada participante lhes deu, ao mesmo tempo em que controlam quanto têm que dar a cada um.

O momento da gestão começa, normalmente, cerca de trinta minutos após a hora marcada para o encontro, para que dê tempo de chegar toda a gente ou pelo menos a maioria. As gestoras costumam ficar numa mesa menor, onde se sentam com os cadernos abertos e com os respectivos celulares e máquinas de calcular que são usados como auxiliares nas contas. Ali ficam entre uma a uma hora e meia, em meio a notas de dinheiro, cadernos, folhas soltas, celulares, calculadoras, canetas, garrafas de bebida, conversas e risadas de fundo. Começam por abrir os cadernos e verificar as listas existentes, fazendo algumas alterações sempre que necessário. Enquanto isso, a Iva e a Daniela preenchem quatro folhas brancas, cada uma correspondendo às participantes que recebem nesse dia, contendo uma lista dos restantes participantes e o valor que cada um deu. À medida que a Gigi ou a Márcia vão chamando o nome das participantes, uma a uma, e estas se aproximam da mesa para deixar o dinheiro, a Iva e a Daniela separam-no em montes de notas iguais, empilhando-as umas em cima das outras. Este movimento repete-se até que todas as participantes entreguem o dinheiro, ao que se segue a sua contagem. Porque no grupo da Maxaquene existe o que se chama de aposta (é estabelecido um valor mínimo, sendo o máximo variável e discutido entre quem dá e quem recebe), os valores totais de cada participante que recebe não são iguais. Isto significa que é necessária muita atenção, pois são vários maços de notas, com diferentes montantes, e qualquer descuido obriga a que se tenha que voltar a contar. Enquanto a Márcia segue a lista do caderno, dizendo os valores em voz alta, e a Gigi confere os mesmos valores no caderno menor, a Iva vai separando as notas e entregando-as à Daniela, que as organiza num maço. Neste momento particular, as outras mulheres ficam em silêncio porque o barulho das conversas pode atrapalhar a contagem. No entanto, antes deste momento e durante a entrega do dinheiro, as mulheres conversam animadamente umas com as outras, para além de aproveitarem para mostrar e circular fotografias ou catálogos de marcas de cosméticos, das quais algumas delas são representantes.

No terceiro encontro a que fui, lembro-me das participantes terem aproveitado estarem todas reunidas ali para organizar o casamento de uma delas, distribuindo tarefas entre si e escolhendo a capulana com que todas teriam que fazer uma roupa. No encontro seguinte, cerca de um mês depois, a recém-casada trouxe as fotografias do casamento, que foram passadas de mão em mão e admiradas por todas.

Entre a entrega e contagem do dinheiro, as participante aproveitam também para falar de algumas questões de ordem, como a possível entrada de novos familiares, a saída de outras e o destino dado ao dinheiro poupado. No terceiro encontro a que fui, quando uma das participantes entregou a sua contribuição, reclamou que *"vou ficar txonadíssima*[26]*"*, ao que a Gigi, uma das gestoras, respondeu que *"mas estás a guardar, é banco"*. Ela logo respondeu que *"sim, esse é o meu consolo, estou a guardar"* e a Gigi finalizou dizendo que *"quando receberes, já tens uma boa grana".* Nesse mesmo dia, também se falou sobre a saída de uma participante. A Gigi perguntou porque é que uma das primas tinha desistido de continuar no grupo, porque não vinha mais, ao que a Márcia respondeu dizendo que o marido a tinha proíbido, pois o xitiki era considerado *haram* (pecado, em árabe). A Gigi ficou visivelmente irritada com essa resposta retorquiu que não era nada *haram*, que pecado era usar o dinheiro para fazer empréstimos a juros altos, coisa que o xitiki não fazia.

Depois do dinheiro contado e anotado, os maços são embrulhados nas folhas soltas e entregues às quatro mulheres que recebem[27]. Logo que as participantes recebem o maço, o clima torna-se mais leve, as conversas e risadas recomeçam e ouvem-se vários tipos de comentários e brincadeiras. É chegada, enfim, a hora dos comes e bebes. Antes disso, porém, é circulada uma bacia e jarra de água quente para que todas lavem as mãos. A preocupação em limpar bem as mãos recai sobre as gestoras, que sempre pegam em dinheiro, tido como algo sujo. A Gigi é sempre bastante enfática em

[26] Ficar txonado significa, em linguagem calão, ficar sem dinheiro.

[27] No terceiro encontro a que fui, da família da Maxaquene, os valores recebidos pelas quatro participantes foram, respectivamente 16.700,00MT, 28.600,00MT, 28.000,00MT e 12.500,00MT, totalizando um bolo de 85.800,00MT, que equivale mais ou menos a R$6,800,00.

relação a este gesto, dizendo que: *"Márcia, vamos lavar as mãos! Tirar os vírus dos dinheiros. Lava bem, pegamos muito dinheiro".* A água, neste caso, funciona não só como algo higiénico, que limpa, mas também como um elemento de separação entre o momento de gestão do dinheiro e o da partilha da comida. Noto, no entanto, que durante todo o momento de entrega e contagem do dinheiro, num determinado encontro a que assisti, as notas de dinheiro permaneceram lado a lado com os pratos e *tupperwares* de comida, em cima da mesa. Cabe aqui mencionar - pensando na água que limpa, no dinheiro que é visto como sujo e nos alimentos que serão consumidos – uma das mais importantes obras da antropóloga Mary Douglas. Em Pureza e Perigo (2003), a autora procura compreender, delimitar e desnaturalizar as categorias de pureza/impureza, sagrado/profano e limpeza/sujidade, considerando diferentes culturas de um ponto de vista estrutural. Neste sentido, acções como lavar, escovar, isolar e desinfectar têm apenas semelhanças superficiais com purificações rituais. As diferenças de comportamento face à poluição em uma ou outra parte do mundo são apenas questões de pormenor, pois a sujidade é uma ideia relativa. A autora argumenta, assim, que as distinções entre o que é puro e impuro são universais, mas as suas atribuições e o modo como se lida com elas são relativas.

Na família da Mafalala, a gestão do xitiki acontece, como dito anteriormente, depois da confraternização, que envolve um grande almoço que se estende pelo dia todo e entra noite dentro, com muita bebida, apresentações artísticas das crianças e música. Pelo facto dos encontros começarem sempre muito tarde, o momento da gestão acontece normalmente ao fim da tarde e início da noite. A responsável pela gestão é a Gutinha, fundadora do grupo, que conta com a ajuda da sua prima Iva e da irmã Marlene. O controle dos movimentos é feito através de uma tabela numa folha solta, folha essa que circula entre os participantes para consulta.

Depois do almoço e de se esperar um tempo para que estejam todas presentes, as participantes sentam-se - normalmente em círculo ou à volta de uma mesa - e preparam-se para entregar o dinheiro, tirando-o da bolsa ou

carteira, colocando-o no colo ou ficando com ele nas mãos. Num primeiro momento, discutem-se assuntos relacionados com a gestão do xitiki. Estas discussões acabam por vezes ocupando bastante tempo dos encontros e provocando uma alteração de ânimos. A sequência em que será distribuído o montante acumulado, atrasos no pagamento, ausências nos encontros, atrasos na chegada, entrada ou saída de membros e mau comportamento[28] são alguns dos temas que geram discordâncias.

A título de exemplo, no primeiro encontro a que fui, da família da Mafalala, presenciei uma discussão que durou cerca de trinta minutos e que envolveu, de um lado, as mais velhas e, de outro, as mais novas. A questão era a possível entrada de novas pessoas, no início do ciclo seguinte. Tanto as mais novas quanto as mais velhas sugeriram outros familiares e amigos que gostariam que entrassem e a questão era saber quem aceitar e quem não. As mais velhas achavam que se deveria dar prioridade a familiares (primas e tias), enquanto que as mais novas preferiam que fossem as suas amigas (uma mulher e um homem, marido de uma das participantes). Segundo a Gotinha e a Fátima, há tias e primas muito fofoqueiras, que só fazem confusão, e essas não são bem vindas porque podem vir a desestabilizar o grupo e criar conflitos. Outro ponto que suscitou discussão foi em relação à sequência de pessoas que iam receber. Enquanto umas senhoras diziam que se tinha que manter a ordem inicial, outras diziam que se tinha que mudar. Ora, para umas, mudar significaria correr o risco de, tendo sido das primeiras a receber no primeiro ciclo, ser das últimas neste, o que deixaria um intervalo muito grande entre um recebimento e outro. A entrada ou não de homens no grupo também levou a alguns questionamentos. Uma das participantes comentou que o grupo não tinha homens e que não os deixavam entrar, ao que a Gutinha respondeu que não era verdade. Não havia nenhum impedimento em relação à entrada de homens, muito pelo contrário, já até tinha havido um homem interessado em entrar, mas tinha desistido porque o grupo era muito grande e o ciclo demorava

[28] Alguns grupos estabelecem regras de como os participantes se devem comportar durante os encontros e principalmente quando há convidados de fora do grupo, como a maneira de se apresentar, de falar, comer, entre outras.

quase um ano a terminar. Uma outra participante então observou que o problema era haver muitas mulheres, que isso intimidava os homens. A solução, para a Gutinha, era então que os homens não participassem dos encontros – caso não quisessem – podendo só pagar. A Gutinha enfatizou, também, que antes de mais, as pessoas deveriam trazer a família, porque aquele era um xitiki de família, da família de casa, com quem as participantes vivem. Tudo acabou sendo resolvido depois de muita conversa, trocas de opinião e decisão final da Gotinha, por ser a fundadora do grupo.

Presenciei outro tipo de discussão na família da Maxaquene, no segundo encontro a que fui. Por ser um grupo grande, mais de quarenta pessoas, nem todas comparecem aos encontros. Se quem não pode participar em determinado dia deixar antes o dinheiro (ou entregar a alguma outra participante, que o faz chegar ao grupo no dia do encontro), não há qualquer problema, é o melhor a ser feito. Mas se essa pessoa, além de faltar, não entregar o dinheiro (ou entregar incompleto), gera-se um grande *stress* no dia. É necessário, deste modo, que cada membro dê a sua palavra, que é a de cumprir com todos os pagamentos, pois de outra maneira as restantes pessoas saem prejudicadas.

O compromisso é, aliás, uma questão de extrema importância para as pessoas envolvidas no xitiki, algo bastante enfatizado por todas as participantes. Uma das frases que mais ouvi durante os encontros, tanto num grupo quanto no outro, era "*xitiki é compromisso, ninguém pode atrasar ou faltar!*". É crucial que exista confiança e principalmente um compromisso entre as pessoas envolvidas, pois todas dependem umas das outras para que o grupo funcione. Cada pessoa tem que planear bem o seu mês para poder honrar a palavra que deu. Quando tal não acontece, a pessoa que recebe sai prejudicada, pois o dinheiro fica incompleto e, caso tenha feito já algum plano específico (o que, na maioria das vezes, é o caso), terá que esperar até que esteja completo. É necessário, assim, que todas estejam envolvidas em alguma actividade económica, seja ela um emprego formal ou pequenos

biscates[29], pois de outra maneira a sua contribuição para o xitiki ficará ameaçada. Sem estas bases, o xitiki "cai", não acontece.

No dia desse encontro, a Nassima ficou visivelmente incomodada, chegando a ligar - e desligar o telefone na cara - à prima que estava a faltar e não tinha entregado o dinheiro completo. Enquanto ela mexia no celular, as outras participantes iam soltando desabafos, como:

> *"Alah que me perdoe, mas próxima vez não entra!"*
>
> *"É castigo, Alah que me perdoe, mas é castigo!"*
>
> *"É isso, essas recebem e depois…"* (isto porque a senhora de quem estavam a reclamar já tinha recebido a sua parte no xitiki)
>
> *"Estava tão bem este xitiki, começou a barracar*[30]*…"*
>
> *"O primeiro correu tão bem!"*

As estratégias criadas pelas mulheres para evitar desentendimentos no interior dos grupos são variadas e dependem de cada xitiki. No entanto, um elemento importante a considerar é que, para haver estabilidade, é do interesse de todas as participantes que não haja falhas, pois tal poderá ameaçar o desenvolvimento do xitiki e fazê-lo cair. Assim, quando uma das participantes não tem como pagar o montante total do mês, a gestora ou então alguma outra mulher empresta-lhe o que falta, para que quem recebe não saia prejudicada. Nos dois grupos, há casos de participantes que foram convidadas a sair do grupo por atrasarem sempre as suas contribuições. No caso da Maxaquene, a D. Fatú contou – durante uma conversa em sua casa - o caso de uma prima que, para além de faltar muito aos encontros, não guardou a lista com os montantes que cada participante lhe deu, no dia em que recebeu. O que aconteceu nos meses seguintes foi que ela começou a reclamar que os valores que tinha que pagar às outras era muito alto. Quando lhe perguntaram onde estava a lista que lhe deram, ela disse que tinha deitado fora. Como podia, então, dizer que os valores eram mais altos, se não tinha onde

[29] Termo usado commumente para se referir a pequenos trabalhos ou negócios que as pessoas fazem.
[30] Barracar significa, em termos gerais, estar a dar barraco, estragar as coisas.

consultar? Não tendo ficado satisfeita e tendo criado um mau clima no grupo, por ter desconfiado da palavra das outras participantes, esta prima foi convidada a sair ao final da roda para, como observou a D. Fatú, *"(...) não nos arranjarem problemas. Mas nunca tivemos problemas. O dinheiro sai no dia certo e a pessoa recebe naquele momento. Se tem algo p'ra fazer, dia seguinte vai fazer, né?".*

Uma forma de evitar estes constrangimentos é, durante a criação do grupo, estabelecer regras claras em relação ao funcionamento do xitiki, marcar datas fixas para os encontros e escolher algumas senhoras que serão responsáveis pela gestão das contas, anotando tudo em cadernos que podem ser consultados por qualquer uma das participantes – o que acontece nas duas famílias.

No caso dos grupos em questão, e do que pude observar, os conflitos são normalmente resolvidos através dos diversos mecanismos que foram mencionados acima. Mesmo a expulsão de membros, tida como uma medida drástica e a evitar, é uma forma de resolver certos conflitos. No entanto, esta expulsão não costuma ser definitiva, pois quem sai tem sempre a oportunidade de entrar no ciclo seguinte, desde que haja acordo entre todas.

Após estes momentos de discussão e resolução de pendências, e como forma de chamarem as mulheres a entregar o dinheiro, algumas participantes do grupo da Mafalala começam a entoar um cântico em *changana*, normalmente puxado pela Marlene ou Cecília, irmã e mãe da Gutinha respectivamente, ao que as participantes respondem levantando-se e abanando as notas de dinheiro no ar enquanto se dirigem até ao centro da roda, sempre a cantar, onde está uma cadeira de plástico com um lenço de capulana em cima e alguns grãos de sal (para espantar a inveja), local onde depositam as notas, sempre a dançar e entre muitas gargalhadas, apitos e palmas. A letra da música cantada pelo grupo é - conforme me disse a Ercília, que foi traduzindo no momento - um chamamento e diz algo como *"és boazinha mãe, és linda"*. É normal algumas das participantes, católicas, provocarem a Fátima, muçulmana, a cantar uma música diferente, da sua religião, dizendo

“Fatiminha, tu que és maometana, canta lá uma música!”. Este movimento repete-se até que todas tenham tirado a sua parte do xitiki e se voltem a sentar. De seguida, a Gutinha e a Iva recolhem o lenço com o dinheiro, contam quanto tem e se está certo e o dividem em dois, ao mesmo tempo em que anotam os montantes na tabela. Depois de contados e registados, os dois maços de notas são embrulhados em lenços de capulana e, de novo ao som de um cântico (diferente do anterior, de teor religioso), são entregues às duas participantes que recebem esse mês, que estão de pé no meio da roda e que têm que dançar agitando o maço de notas nas mãos. É neste momento que uma das gestoras passa com uma peneira de palha (ou um lenço) entre os convidados, pedindo contribuições, que são usadas para despesas extra que a anfitriã possa ter. Estes tiram então algum dinheiro e depositam na peneira, que é depois levada até às gestoras para que seja contado e entregue, à parte, à senhora a quem cabe receber esse mês. As participantes trocam ainda presentes entre si, normalmente no último mês do ciclo, numa espécie de amigo oculto. Para tal, no início da roda fazem um sorteio em que cada uma fica com o nome da pessoa a quem tem que oferecer um presente. O valor máximo a ser gasto é de 500.00MT e, normalmente, oferecem-se loiças. Após este ritual, que se mantém em todos os encontros, com maior ou menor entusiasmo e intensidade, o almoço continua, entrando pela noite e madrugada dentro.

A partilha da comida

Como referido anteriormente, enquanto na Mafalala come-se primeiro e depois se conta e entrega o dinheiro, na Maxaquene acontece o contrário, primeiro se conta e entrega o dinheiro e só depois se come. Existe sempre muita comida, tanto nos almoços da Mafalala quanto nos lanches da

Maxaquene, característica aliás bastante comum nos encontros e festas em Moçambique.

No caso da Mafalala, cada anfitriã tem que preparar pratos que são fixos, nomeadamente um caril de carne ou peixe, xima[31] ou arroz, frango assado e salada de alface e tomate. As restantes integrantes do grupo trazem aquilo que comeriam nesse dia ou ainda uma sobremesa e bebidas. Quando há convidados, o que é comum, estes também contribuem com um prato, sobremesa ou bebidas.

Para os encontros da Maxaquene, as participantes levam uma variedade de doces e salgados, entre os quais galinha assada, batata frita, bolos de todos os tipos, tartes e tortas, salgados indianos – chamuças e rissóis - folhados, além de sucos e refrigerantes. Por ser um grupo cujas participantes são maioritariamente muçulmanas, há sempre muita comida indiana[32].

No meu caso, como convidada, contribuí sempre, em todos os encontros, com uma sobremesa confecionada por mim, sucos ou um prato salgado. Este momento de partilha da comida era sempre aquele em que me sentia mais à vontade, em que me parecia que as mulheres de repente se lembravam da minha existência e conversavam muito comigo. Apesar de, desde o início, ter tentado estabelecer alguns diálogos nesse momento de maior descontração, nunca consegui perguntar especificamente sobre as suas experiências com o xitiki ou as suas impressões sobre aquele grupo. Logo percebi que aquele não era o espaço para conversas personalizadas e desisti de tentar. Ao invés disso, participei das conversas sobre comidas, sobre a minha experiência no Brasil – que suscitava sempre muito interesse – e sobre as roupas que eram vendidas no local. Também percebi que o caderninho que levei no primeiro encontro, para fazer anotações, não foi muito bem aceite. Uma das participantes que estava sentada à minha frente perguntou-me, quando me viu escrever nele, o que é que eu estava a escrever ali, algo que

[31] Espécie de puré feito com farinha de milho, base da alimentação no sul de Moçambique.
[32] Sobre comunidades indianas (hindus) em Moçambique e as particularidades das práticas de cozinhar, ver Jardim (2006).

tomei como um sinal para não o voltar a fazer. No entanto, para não me esquecer de algum diálogo ou detalhe importante, comecei a anotar no celular, pois como é um objecto bastante presente nos encontros, ninguém se importaria.

O momento das refeições - o mais demorado - é sempre acompanhado por muita conversa - principalmente sobre comida e outros membros da família e os seus problemas - brincadeiras, gargalhadas e crianças a correr de um lado para o outro, atazanando a vida das mães por não quererem comer ou quererem comer demais. É o momento em que, caso haja participação dos homens, estes aparecem para comer e interajem um pouco com o resto do grupo. É também, no caso da Maxaquene, o momento em que as participantes que vendem roupa aproveitam para mostrar as suas mercadorias, espalhando as peças pelo chão. Gera-se sempre bastante borburinho, com peças sendo passadas de mão em mão, experimentadas, trocadas e compradas. É um dos momentos mais relaxantes, onde todas estão já bastante à vontade e animadas, conversando sem parar e onde há mais interacção com as crianças, que até então brincam umas com as outras, afastadas dali.

Pude observar, não só durante todos os convívios, mas também nas conversas que tive e nas conversas que escutei, que o dia da reunião do xitiki é um dia de congregação, um momento onde claramente as mulheres se sentem à vontade para falar, debater, confessar, aconselhar, beber, rir, comer, dançar, cantar, desabafar umas com as outras, sem a presença dos homens ou de outras pessoas de fora que as inibam. É também um momento de aprendizado, socialização das crianças, sempre presentes desde cedo, troca de experiências, de resolução de conflitos que eventualmente surjam, de discussão de vários assuntos, de esquecer, nem que seja por algumas horas, todos os problemas com que lidam no dia a dia.

Os encontros de xitiki são, assim, espaços únicos que possibilitam a construção e fortalecimento das relações entre as participantes, relações que se conectam de diversas formas. Essas conexões, no entanto, e

especificamente no caso do xitiki familiar, não podem ser explicadas unicamente – como tentei mostrar a partir do conceito de quase-parentes de Webster (2009) - sem termos genealógicos. Neste sentido - e partindo dos estudos de Janet Carsten sobre o conceito de *relatedness* - torna-se necessário apreender, considerando contextos culturais específicos e as suas respectivas práticas, o que é ser parente, suspendendo um conjunto de pressupostos em relação ao que seria o parentesco. O conceito de *relatedness*[33] é, assim, útil no sentido de se perceber como são construídas as relações entre os membros dos grupos de xitiki e como estes criam similaridades e diferenças entre si próprios e os outros. A autora usa o termo *relatedness* para problematizar o binómio social-biológico na definição antropológica de parentesco, enfatizando a necessidade de se apreender o que "estar relacionado" (*being related*) significa em diferentes contextos, independentemente de laços biológicos (Carsten, 2000; Finamori, 2012). De acordo com o conceito, então, não apenas o sangue, o sémen e o leite criam conexão entre corpos via parentesco, mas também outros elementos, como o compartilhamento da comida (Finamori, 2012).

Apesar de não ter sido possível participar em mais de três encontros de cada grupo e de me encontrar com as participantes fora daquele meio, pude observar – de maneira superficial – a forma como elas se relacionam entre si, como partilham certas substâncias e vislumbrar os laços que, não só as unem, mas que também criam relações de compromisso, obrigações e contraprestações, que do ponto de vista da sua fortaleza podem ser consideradas como análogas aos quase-parentes de Webster.

À primeira vista, o sangue aparece como a principal e mais visível substância que une as participantes, uma vez que se trata de grupos familiares. Essa foi a ideia com que parti quando comecei a ir aos encontros, como mencionei anteriormente, a ideia de que todas as participantes se relacionavam entre si através de laços consanguíneos e afins. Por se tratar de grupos criados, entre outros aspectos, para que as pessoas possam poupar

[33] Mantenho o conceito na língua de origem, mas o termo pode ser traduzido como *"relacionalidade"* ou *"estar relacionado a alguém"* (Finamori, 2012).

conjuntamente, o dinheiro surge como um segundo vínculo. Vínculo esse, aliás, que muitas vezes, ao invés de unir, tenciona as relações entre as participantes, uma vez que, como descrevi acima, a maior parte dos desentendimentos e tensões que ocorrem dentro do grupo se dá por uma falta de compromisso em relação aos pagamentos.

Carsten refere que existe uma combinação de sentimento, substância e cuidado como fundamentos de *relatedness*. A afeição, as substâncias partilhadas e o cuidado estão assim subjacentes a todas as formas de *relatedness*, tanto sendo estas baseadas na genealogia ou não (Carsten, 2000, p. 22). Neste sentido, para além do sangue e do dinheiro, o que circula durante os encontros – e com certeza extrapola aquele espaço – e é partilhado por todas as participantes, unindo-as, são os afectos, a comida, as relações de vizinhança, informações, conselhos e desabafos. Falei já com detalhes dos momentos que constituem os encontros de xitiki. A partilha de comida é sem dúvida um momento único e onde mais se evidenciam os laços que unem estas mulheres e as tornam uma família. Para além da partilha dos alimentos que são confeccionados por cada uma delas - e que, por si só, mereciam uma análise à parte – é naquele momento que as mães dão maior atenção aos filhos, até então afastados e sendo vigiados pelas babás enquanto brincam. Ali se observam os afectos entre mães e filhos, entre irmãos e primos, entre amigos e vizinhos. Partilham-se, também, conselhos em relação à saúde deles, à sua educação e aos maus comportamentos. Parece haver, entre elas, uma constante preocupação pelos mais novos. Para além disso, enquanto comem as mulheres vão partilhando segredos, fofocas, desabafos, alguns em voz alta e outros discretamente. Riem, troçam umas das outras, experimentam maquiagem e roupa, fazem planos para o futuro e se aconselham em relação a vários assuntos pessoais. É o momento privilegiado de compartilharem experiências, resolverem pequenas pendências que surjam e que, por estarem ali todas, são mais fáceis de resolver. Presenciei, a este propósito – e como mencionei numa passagem acima – a organização de um casamento e, posteriormente, a partilha das fotos e das várias histórias que aconteceram no dia. Partilham-se ali também modos de se comportar, uma certa moralidade,

algo que as participantes mais velhas tentam, subtilmente, passar para as mais novas, como por exemplo

> *(...) a maneira de se estar, de se expor nas pessoas...arrumar-se bem, vestir bem, as cores das roupas. Nós ensinamos uma a outra a vestir, ninguém zanga, no xitiki é p'ra isso. Então a pessoa vai p'ra lá, aprende boas maneiras, ser uma pessoa social com os outros, independentemente da classe, não é? (D. Fátima).*

Presenciei várias vezes, durante os encontros, as participantes mais velhas dando conselhos às mais novas, relativamente aos cuidados com os filhos, como a alimentação, educação, remédios para alguns incómodos, entre outros aspectos que compõem o cuidado com as crianças. Os conselhos passavam também por questões de foro mais íntimo, como revela a fala da D. Fátima:

> *Nós ajudamos em conselhos, "você não pode fazer isso", não sei quê...ah, brincamos, até falamos coisas ali de mulheres, quando os homens não estão ficamos mais satisfeitas. "Epá, você usa preservativo?", ah não sei quê quê quê...e agora se não...'tá a ver? (D. Fátima).*

Partilham-se, também celebrações, como aconteceu no segundo encontro a que fui, da Maxaquene. Fiquei bastante surpreendida quando nos chamaram para dentro da casa para comemorar o aniversário da Iva. Tínhamos acabado de comer lá fora, onde – como de costume – estava montada uma mesa com as comidas que cada uma tinha trazido, e nunca tinha entrado na casa. Quando cheguei à sala, juntamente com outras participantes, havia uma mesa montada com um bolo enorme de aniversário, salgados, refrigerantes e doces. Depois de cantarmos os parabéns, ficamos ainda um pouco a conversar, até que algumas participantes começaram a despedir-se e a ir embora, o que também fiz, não sem que antes me tivessem dado um pedaço de bolo para levar para casa, como é costume em Moçambique.

O dinheiro cria assim um tipo de sociabilidade pelo facto de todas dependerem umas das outras dada a obrigatoriedade dos encontros[34]. O compromisso e a reputação de cada participante possibilitam a estabilidade de que os grupos necessitam para se manter. Todos estes elementos juntos – dinheiro, sangue, comida, afectos – compõem aquilo que une os grupos e que a D. Fátima chama de *família do xitiki*.

Os dados que recolhi em campo não me permitem afirmar se família vem antes ou depois do xitiki, se é o xitiki que cria a família ou a família que cria o xitiki. No entanto, ele está imbricado nas relações mencionadas acima. Deste modo, constrói família e está constantemente a ser construído por ela. É uma relação que forma famílias.

Num dos encontros em que participei, e em meio a uma conversa sobre experiências de xitiki, a D. Fátima explicava o que significava para ela participar no grupo. Penso que a sua fala expressa a visão de que o xitiki é muito mais do que uma forma de poupança:

> (...) *nós fundamos esse xitiki aqui p'ra ajudarmos, convivermos, somos uma família do xitiki, não é que alguém depois há-de ver a outra, fala mal dela, porque aquela não sei quê...aqui não existe feia nem pobre, aqui. Somos todos iguais* (D. Fátima).

No capítulo que se segue tento mostrar, através de uma revisão crítica da literatura, como o que tem sido escrito sobre a prática é limitador, tendo em conta o que foi exposto no presente capítulo.

[34] Vale aqui ressaltar a discussão que a antropóloga Sabrina Finamori faz do conceito de parentesco, ressaltando a defesa feita por Marilyn Strathern, para a qual o parentesco é útil na medida em que se refere a pessoas conectadas umas às outras sem a *"(...) suposição do tipo de grupo social ou família que formam, embora tipos particulares de família possam deixar de existir, os relacionamentos permanecem*" (Finamori, 2011: 19). Deste modo, o parentesco pode cobrir não só conexões como também desconexões.

CADERNO DE FOTOS I

DOS ENCONTROS DE XITIKI FAMILIAR EM FOTOS

Família da Maxaquene - abril e maio




EXTRA
DRY
HUNTER'S
DRY








500
BANCO
500
DE MOCAMBIQUE




PEPSI

Família da Mafalala - março e abril


TELEFONE















Capítulo II

Das ROSCAs ao xitiki: uma discussão bibliográfica

A minha proposta é ensaiar uma variedade de descentramentos epistemológicos e analíticos e colocar uma pergunta, ainda que possa ser considerada impertinente ao status quo das correntes frias da sociologia: poderá ser o xitique uma antecipação profética, uma ferramenta de uma economia política pós-capitalista?

(Cunha, 2011, p. 73-74)

Introdução

O capítulo anterior buscou mostrar - através dos encontros de *xitiki familiar* e dos momentos que os compõem - como o xitiki se reveste de múltiplos sentidos que não só o económico. No entanto, grande parte da bibliografia sobre o xitiki enfatiza o seu carácter económico, o que a meu ver limita a compreensão que se tem sobre a prática, para além das definições apresentadas não serem satisfatórias. É de destacar, a este propósito, que a enfatização dada ao económico se encontra também nos estudos sobre as ROSCAs – Rotating Savings and Credit Associations ou associações rotativas de crédito e poupança – nome que é dado internacionalmente a práticas como o xitiki.

Deste modo, é objectivo do presente capítulo mostrar como a etnografia exposta anteriormente torna mais complexa a relação que tem sido estabelecida entre o xitiki e as ROSCAs. Para tal, inicio com uma contextualização do estudo sobre as ROSCAs, enfatizando o modo como estas têm sido definidas e caracterizadas por diferentes autores. Seguidamente, reúno o que tem sido escrito acerca da prática do xitiki, destacando o modo como tem sido apresentada e definida por vários autores que se debruçaram sobre o tema.

Da dádiva às redes de reciprocidade

Grande parte dos autores que pesquisam a prática do xitiki inserem-na no que denominam de redes de solidariedade (Loforte, s/d; Cruz e Silva, 2002; Dava et al., s/d) ou de reciprocidade (Espling, 1999). Estas redes de relações são criadas para fazer face "*a situações estruturais que conduzem à vulnerabilidade e pobreza"* (Loforte, s/d) e incluem, entre outras, redes de parentesco, vizinhança, a comunidade religiosa, associações locais e grupos informais de poupança, como o xitiki. A este propósito, Loforte (Ibid., p. 286) destaca o papel das mulheres na "solidificação destas relações pelo contacto directo com outras mulheres vizinhas". Através desse contacto, criam e aderem a redes que se constituem, por vezes, como grupos informais de poupança e ajuda mútua, de modo a minimizar a crise económica, alargando assim a sua rede social.

Aspectos como o respeito, as obrigações, o compromisso e a solidariedade estão na base destas redes de reciprocidade e ajuda mútua. A este propósito, é nos trabalhos de Durkheim, segundo Radomsky (2006), em especial na teoria das trocas, que se origina nas ciências sociais a reflexão sobre reciprocidade que, juntamente com a dádiva, são noções a partir das quais se pode compreender a constituição das relações sociais baseadas em significados (Ibid., p. 78). A teoria da troca social de Durkheim - e dos autores que se seguiram – incidia fortemente na natureza moral dos actos colectivos, na capacidade de estruturação da ordem social e na geração de formas de solidariedade que dela derivariam. Foi Mauss, no entanto, e ainda segundo Radomsky (Ibid.), quem observou que na troca há sempre três momentos que se revertem no princípio da acção recíproca – dar, receber, retribuir. O autor diferencia a dádiva-troca – presentes, bens e símbolos – da troca mercantil, na medida em que associa uma moral, um valor ético, à transacção económica (Ibid., p. 79). Neste sentido, para Mauss as dádivas voltam sempre e a devolução das dádivas é explicada pela força presente na coisa dada, pelo laço espiritual, não existindo assim apenas uma razão material que evoque a

necessidade das trocas. A troca, para o autor, não inclui só presentes ou produtos, mas também visitas, festas, comunhões, heranças, ou seja, um sem número de prestações. Deste modo, ela carrega a potencialidade da sociabilidade humana, sobre a qual se fundam a solidariedade, a integração social e as obrigações mútuas. É pela dádiva, então, que as redes se criam e pela renovação das dádivas que a confiança se mantém (Ibid., p. 79). Vale lembrar, no entanto, que na introdução à obra de Mauss *Sociologia e Antropologia*, Lévi-Strauss (2003) argumenta que não é por trocarmos as coisas que damos sentido a elas, mas porque damos sentido às coisas é que as trocamos. Neste sentido, o dar-receber-retribuir não é impulsionado pelo significado inerente à coisa dada - como Mauss argumenta - mas é a própria maneira como as coisas são definidas, delimitadas, postas, que faz com que elas sejam percebidas enquanto passíveis de serem trocadas.

Assim se constitui o xitiki, como uma rede de solidariedade e entreajuda, ajuda essa que não é limitada e está cuidadosamente prescrita, ainda que de modo informal. Ela é de tal modo aceite como natural que a ajuda que se presta hoje pode (e deve) ser solicitada amanhã. Sobre a forma como o xitiki é entendido, a Nilza – que está inserida em cinco grupos, três deles familiares – destacou que

> *(...) Acho que é uma questão de promover igualdade, solidariedade e temos que ser acima de tudo responsáveis, não é? Da mesma forma que alguém contribui para mim, eu também tenho que contribuir para a pessoa.*

O compromisso que se estabelece – consigo e para com o grupo – é a força motora que alimenta o xitiki, é o que Mauss descreveu como sendo a obrigação da retribuição, sem a qual estes grupos estariam condenados ao fracasso.

Dos estudos sobre as ROSCAs

As ROSCAs que, como observei acima, é o nome dado na literatura internacional a este tipo de redes ou associações, existem um pouco por todo o mundo[35], em especial em países africanos e asiáticos. Apresentam variações no que diz respeito à sua designação, têm especificidades e variantes locais, mas possuem em comum as características gerais do seu funcionamento. Este tipo de associações é formado a partir de um núcleo de participantes que fazem contribuições regulares para um fundo que é dado, no seu todo ou em parte, a cada contribuinte, à vez. Esta definição permite a inclusão de uma ampla variedade de grupos, alguns com estruturas bastante complexas; exclui, no entanto, instituições de poupança e crédito que não incorporam o princípio da rotação e que incluem juros[36] (Ardener, 1995).

As ROSCAs são geralmente definidas como um *sistema financeiro* (Ibid.), "instituições sociais que representam mais do que somente a expressão única de uma racionalidade económica, ainda que ela esteja presente" (Taniguti, 2012, p. 54), *instituições de poupança* (Gugerty, 2005) ou ainda *veículos financeiros alternativos* (Hevener, 2006). Segundo Taniguti (2012), que fez um historial dos estudos sobre ROSCAs, é possível encontrar, nas décadas de 20 e de 30, algumas descrições semelhantes às ROSCAs em registos etnográficos sobre vilas camponesas asiáticas. No entanto, é somente a partir da década de 50 que começam a surgir, entre os antropólogos, pesquisas totalmente dedicadas ao tema e inseridas em debates académicos mais amplos. Tal é o caso do estudo de Bascom (1952) sobre a prática de

[35] China (*hui*), Japão (*ko*), Vietname (*ho*), Camarões (*djanggis*), Nigéria (*esusu*), Cambodja e África Central (*tontine*), Coreia (*wichin gye*), República Democrática do Congo (*likelembas*), Guiné-Bissau (*abota*), Angola (Kixikila), México (*tandas*), entre tantos outros. Para uma lista mais completa dos diferentes nomes dados às ROSCAs, acessar: THE GLOBAL DEVELOPMENT RESEARCH CENTER (GDRC). ROSCAs: Whats in a Name? Disponível em: <http://www.gdrc.org/icm/rosca/rosca-names.html>. Acesso em: 25 de Junho de 2014.

[36] As ASCAs (Accumulating Savings and Credit Associations) constituem também grupos informais de microfinanças temporalmente limitadas. No entanto, e contrariamente às ROSCAs, existe um membro responsável por gerir um fundo comum, anotar todos os registos e emprestar o dinheiro aos outros membros. Depois de um período pré-acordado (normalmente de 6 a 12 meses), todos os empréstimos têm que ser pagos e o fundo, juntamente com o lucro acumulado, é distribuído pelos membros (Rutherford, 2000).

esusu entre os *Yoruba*, de Ardener (1953) sobre os *Ibo* e de Geertz (1962) sobre os *arisan* de Java. Estes são os principais autores que iniciaram o debate académico sobre as ROSCAs. Ainda segundo Taniguti (2012), foi a partir destes autores que cresceu o interesse sobre as ROSCAs entre cientistas sociais. Uma das características principais das pesquisas seguintes foi a ampliação dos estudos de caso, com a descrição detalhada de experiências ao redor do mundo, principalmente em países asiáticos e africanos. Contudo, por serem pesquisas efectuadas na sua maioria em contextos rurais, as ROSCAs eram vistas como práticas exóticas, específicas de determinados contextos culturais afastados dos grandes centros urbanos. Só mais tarde, com a divulgação de outras pesquisas, é que este carácter exótico foi sendo posto de lado, com a constatação de que também em contextos urbanos se encontravam estas práticas, para além do facto de elas existirem em todo o mundo.

Em 1962, Geertz publicou um artigo intitulado *The Rotating Credit Association: A "Middle Rung" in Development*, onde descreveu uma prática de poupança e crédito rotativo existente em Modjokuto, na Indonésia, e conhecida como *arisan*. No artigo, o autor faz uma comparação entre os vários tipos de associações deste tipo encontrados em diferentes países asiáticos e africanos. Este foi um dos artigos mais importantes para o início do estudo das ROSCA's[37], expressão por ele cunhada. Para Geertz (1962), as associações de crédito rotativo são essencialmente um mecanismo através do qual "*formas tradicionais de relacões sociais são mobilizadas de forma a atender funções económicas não tradicionais"* (Taniguti, 2012, p. 56). São, ainda segundo o autor, instituições intermediárias que harmonizam padrões económicos agrários com comerciais, que agem como uma ponte entre atitudes camponesas e comerciais em relação ao dinheiro e aos seus usos. O interesse por este tipo de associações encontra-se, assim, e ainda segundo Geertz,

> na sua habilidade para organizar relações tradicionais de tal forma que elas sejam lenta mas firmemente transformadas em não

[37] Geertz não foi um pioneiro na dedicação ao estudo destas associações, no entanto o seu artigo teve grande repercussão no meio académico, especialmente entre os antropólogos Taniguti (2012).

> tradicionais, como uma instituição cujo significado funcional é primeiramente facilitar mudanças sociais e culturais no que diz respeito a problemas e processos económicos (Geertz, op. cit., p. 261, tradução da autora).

Nos *arisans*, palavra que significa, literalmente, “ajuda mútua”, a estrutura geral do grupo é constante, cada pessoa a quem cabe o montante arrecadado é responsável por organizar o próximo encontro na sua casa e por providenciar comida e café para todos os membros. O encontro de um *arisan* é, assim, uma festa, um pequeno encontro entre amigos, vizinhos e parentes e é visto, comummente, não como uma instituição económica, mas sim social, em que o principal propósito é o fortalecimento da solidariedade comunitária. A principal atracção do *arisan*, diz Geertz (Ibid.), não é o dinheiro que se recebe, mas a criação de uma harmonia comunitária, assim como acontece no caso do xitiki. No entanto, e apesar da maior parte dos membros de um *arisan* dizerem que os aspectos sociais e cooperativos da instituição são mais importantes que os aspectos económicos, Geertz refere como estes se têm tornado cada vez mais importantes instituições económicas, como mecanismos para mobilizar recursos monetários, uma vez que as necessidades monetárias dos camponeses aumentaram. A importância do artigo deve-se ao facto de, segundo Taniguti (2012, p. 56) citando Ardener (1964) e Low (1995), Geertz ter ampliado qualitativamente os estudos sobre o fenómeno na área das ciências sociais. Trata-se do primeiro estudo comparativo sobre o tema, onde Geertz utiliza dados das associações que analisou entre 1953 e 1954 com relatos e estudos de outras associações deste tipo existentes ao redor do mundo. Para Geertz (Op. cit.), este tipo de associação, embora útil num estágio intermediário de desenvolvimento (daí o título do artigo e o uso da expressão *middle rung*), necessariamente desapareceria à medida que instituições financeiras mais desenvolvidas as substituíssem. Ou seja, elas funcionariam como um degrau intermediário no processo de desenvolvimento societário (Taniguti, op. cit.), entre sociedades com uma economia estática e largamente desmonetarizada e outras com uma economia dinâmica e largamente monetarizada (Geertz, op. cit.). No entanto, e de acordo com Ardener (1995) – antropóloga cujas pesquisas sobre microcrédito e ROSCAs se centram na áfrica ocidental, mais especificamente nos Camarões - num artigo que escreveu em 1964 onde

contesta a ideia de Geertz[38], considerando que em alguns lugares as ROSCAs podem se ter tornado menos importantes em relação a outras instituições de crédito, em outros elas espalharam-se e germinaram mais vigorosamente do que nunca. Assim aconteceu em contextos onde outros sistemas de crédito falharam, devido à incapacidade ou falta de vontade dos credores para cumprir as suas obrigações. Para Ardener (1995), a ideia de Geertz baseava-se na hipótese de que as ROSCAs eram continuações de uma forma antiga de estilo de vida mais tradicional, comunal, menos estranha e hostil que os bancos. Ainda, segundo a autora, é tentador dizer que é em contextos cujo clima económico é regularmente severo que as ROSCAs se tornam particularmente necessárias. Onde os rendimentos são baixos, onde não existe uma rede de segurança social formal, onde a saúde é precária e uma variedade de calamidades paira no ar, um sistema de baixo custo como as ROSCAs ajuda a enfrentar os desafios para todos, mas especialmente para os mais empobrecidos.

Mas se as ROSCAs são populares entre os pobres e em condições económicas instáveis, elas também prosperam em alguns estratos económicos mais altos. O mesmo se pode dizer em relação à prática do xitiki. Apesar de ter as suas origens no meio rural e estar associado a pessoas com baixo poder aquisitivo que, individualmente, não conseguem arcar com certas despesas, tendo por isso que se juntar e apoiar mutuamente, hoje em dia o panorama é diferente. Ao contrário do que Geertz previu em relação aos *arisans*, a prática do xitiki continua presente na vida das pessoas, não só das zonas rurais, mas também de centros urbanos, como é o caso da cidade de Maputo. Para além disso, não são só as pessoas com baixo poder aquisitivo que recorrem a esta prática. Grande parte das mulheres com quem conversei tem um salário fixo, acesso ao banco e a empréstimos e não deixam por isso de fazer xitiki. A existência cada vez maior de instituições financeiras não substituiu a prática do

[38] Artigo esse reimpresso no livro por ela organizado e intitulado *Money-go-rounds: the importance of rotating savings and credit associations for women* (1995) onde, através de uma série de estudos de caso de vários países, principalmente africanos e asiáticos, examina as ROSCAs de maneira a melhorar a compreensão que por elas se tem, dando especial atenção às actividades das mulheres e à sua importância na tomada de decisões financeiras junto às suas famílias.

xitiki[39]. Como bem apontou Ardener (1995), a familiaridade com o sistema bancário não impede o uso dos bancos por membros de ROSCAs, muito pelo contrário, um complementa o outro, podendo estes pagar as suas contribuições em cheque ou transferência bancária[40] e, caso não tenham planos imediatos para o dinheiro que recebem, depositam-no no banco. Ardener refere ainda que, não só as ROSCAs floresceram hoje em dia, como também proporcionaram o surgimento de novas formas de gestão financeira, como aconteceu na Índia com o estabelecimento de uniões de crédito e o *Grameen Bank*, e também no Gana, com o surgimento dos bancos itinerários nos mercados. Ainda em relação ao artigo de Geertz (1962), Taniguti (2012) afirma que, apesar da sua inegável contribuição, este apresenta algumas outras limitações: primeiro, o teor exótico que Geertz conferiu às sociedades que analisou, tendo descrito somente casos de ROSCAs provenientes de vilas rurais, o que limita a compreensão destas como fenómenos mais gerais, desconsiderando a sua presença em contextos urbanos; e segundo, o recurso metodológico que separa os "valores tradicionais" (solidariedade, parentesco, laços comunitários) da actividade económica (comércio), termos que, para Taniguti (Ibid.) não podem ser dissociados.

De lá para cá, foram surgindo mais estudos e pesquisas ligadas às associações de poupança e crédito rotativo em todo mundo, mas com maior ênfase em países africanos, que dão conta da diversidade da prática, não só em termos de tipos encontrados, mas também das suas características mais específicas.

[39] É preciso acrescentar que, à excepção de Maputo e algumas outras cidades, grande parte dos moçambicanos não tem acesso às instituições bancárias, por diversas razões (as instituições estão longe dos seus locais de residência, as pessoas não possuem documentos de identificação, entre outros aspectos).

[40] O que acontece já com bastante frequência em Maputo, principalmente em grupos de xitiki compostos por colegas de trabalho. Volto a este assunto no capítulo três.

Da caracterização das ROSCAs

Baseando-se nas formas de contribuição e colecta que as ROSCAs apresentam, Hevener (2006) agrupa-as em três tipos, nomeadamente as simples, as de bens de consumo duráveis e as por licitação ou desconto. No tipo de ROSCAs simples, as contribuições são fixas e todos contribuem com o mesmo valor e recebem o mesmo montante, sendo que no final da rotação, todos terão recebido o total das suas contribuições, não havendo assim ganho ou perda líquida para qualquer participante. As ROSCAs de bens de consumo duráveis - populares entre as mulheres – apresentam-se como uma variação das simples. Em vez das participantes rodarem um montante fixo em dinheiro, recebem bens, como electrodomésticos ou móveis, que tenham sido acordados no início. A título de exemplo, – pois retomarei este tópico no capítulo três – existem em Maputo grupos de xitiki cujo objectivo é a compra de loiça ou capulanas, não podendo o dinheiro colectado ser usado para outro fim. O terceiro tipo de ROSCA, comum em países asiáticos e raro em países africanos[41] (Gugerty, 2005) é o por desconto ou licitação. Neste tipo de associação, é usada a licitação como forma de determinar a ordem na qual os participantes irão receber o valor total. Quem fizer a maior oferta, recebe o valor total.

Apesar da forma geral de organização das ROSCAs não variar muito de contexto para contexto, cada grupo adapta as regras à sua maneira e de acordo com as necessidades específicas de cada membro. Antes da criação de uma ROSCA é necessário, assim, decidir quantos participantes o grupo terá (quanto maior o grupo, maior a soma das contribuições, mas também maior a demora em receber), o valor das contribuições, assim como a frequência das mesmas (semanal, quinzenal, mensal, etc.), como alocar o dinheiro (aleatoriamente, por licitação ou outro critério como necessidade, antiguidade,

[41] Apesar de não ter encontrado, na bibliografia existente, nenhuma informação sobre este tipo de ROSCA em Moçambique, uma das interlocutoras da pesquisa, Nilza, coordenadora do programa de Economia de Género de uma ONG local, disse-me durante uma conversa que tinha já assistido a encontros de grupos com características similares às ASCAS no norte do país, a que dão o nome também de xitiki.

entre outros), pensar em estratégias e regras para evitar falhas de pagamento e também como prevenir atritos durante o ciclo da ROSCA. Todos estes elementos dependem, como dito anteriormente, da natureza do grupo, assim como também das necessidades individuais de cada um.

São várias as razões, apontadas em diferentes pesquisas, que levam as pessoas a aderirem às ROSCAs. Algumas fazem-no para financiar a compra de um bem durável, outras como resposta a conflitos intra-familiares em relação às poupanças ou ainda para uma prestação mútua de seguros (Gugerty, 2005). Fazem-no também porque poupar requer autodisciplina e as ROSCAs fornecem um mecanismo colectivo para o autocontrolo individual, assim como um mecanismo de compromisso que une e compromete as pessoas a padrões de poupança, e por vezes também a padrões de despesas (Ibid.). A sua natureza pública é usada também como um mecanismo de compromisso, uma vez que é sabido por todos quem participa nos grupos e, consequentemente, quem segue as regras a rigor e quem tem tendência a falhar com frequência. Estas ajudam, assim, as pessoas a poupar, pois nem sempre é possível fazê-lo sozinho, surgem sempre despesas extras. As ROSCAs possibilitam também uma ajuda em tempos de crise, uma vez que a ordem da rotação pode ser ajustada/alterada caso algum membro tenha urgência em receber a sua parte. Este aspecto mostra a rapidez com que estas instituições reagem às necessidades dos seus membros, o que raramente pode ser comparado aos sistemas bancários, distantes e impessoais (Ardener, 1995).

Os benefícios de quem participa em ROSCAs são descritos por Hevener (2006) em termos de *capital social* e *outros benefícios económicos*. O capital social de uma pessoa é a base da sua credibilidade e pode garantir-lhe acesso ao capital. A maioria dos membros de uma ROSCA conhece-se bem e faz parte, geralmente, da mesma comunidade. Assim, a condição económica anterior e presente de cada um, assim como o compromisso em atender às suas obrigações económicas, são geralmente do conhecimento de todos. O bom funcionamento de uma ROSCA depende, assim, do capital social para

avaliar o risco financeiro e a viabilidade, para promover poupanças forçadas, para a troca de informações, para aumentar as redes de comunicação e também para criar a pressão necessária que garantirá um contínuo compromisso por parte de cada membro. Também Ardener (Op. cit.) refere o capital social como parte importante do bom funcionamento de uma ROSCA, sendo parte essencial deste a reputação que as pessoas têm. É do interesse de todos que não haja falhas, pois estas ameaçam o sistema e um membro sem condições pode prejudicar a reputação de todo um grupo. O estigma da vergonha e da humilhação em não cumprir com as regras impede, a princípio, que outros membros falhem, uma vez que a desaprovação social é o fim do acesso ao crédito. Existem várias estratégias para evitar que tal aconteça, sendo uma delas o empréstimo que outros membros do grupo fazem a quem não consegue pagar ou então a permissão para a pessoa pagar um pouco mais tarde do que o prazo acordado.

Em relação às mulheres, que são, regra geral, as maiores praticantes deste tipo de associações, Ardener (Ibid.) refere que a sua participação nas ROSCAs aumenta a sua própria condição pessoal, pois elas ganham experiência e confiança para levar a cabo projectos maiores. Para a autora, o elemento social tem funções práticas. O dinheiro, tempo e energia gastos socializando, longe de ser um desperdício (alguns autores afirmam ser esta uma desvantagem[42] das ROSCAs), pode ser um requisito essencial para justificar a adesão e a viabilidade das ROSCAs. Socializar pode, assim, ter um custo-benefício eficaz, ou seja, gasta-se mas ganha-se. Gasta-se tempo e dinheiro, mas ganha-se amigos, troca de informações, partilha de notícias, organização de negócios entre os membros, troca de conselhos relativos a vários temas, na contrução de uma reputação, principalmente para aqueles com poucos bens materiais, entre outros aspectos. Em relação aos outros benefícios económicos, Hevener (2006) refere que a participação nas ROSCAs permite aos seus membros atingir um poder de compra necessário para

[42] Algumas interlocutoras que participam em xitikis familiares referiram que alguns membros da sua família não participavam nos xitikis porque achavam que estavam a "hipotecar" o seu tempo.

negociar bens a um preço mais baixo, assim como aceder a estes mais cedo do que se poupassem individualmente. Além disso, as ROSCAs não possuem custos associados a empréstimos bancários, como acontece com outras instituições financeiras, ponto bastante enfatizado pelas participantes de grupos de xitiki com quem conversei. As ROSCAs são também, diz Hevener (2006), mais acessíveis e flexíveis. Acessíveis porque os membros do grupo recebem a sua parte mais rapidamente do que se recorressem a outras instituições financeiras, flexíveis porque as regras podem ser organizadas de acordo com as necessidades específicas dos membros. Curiosamente, Gugerty (2005) refere a inflexibilidade das ROSCAs como uma das suas principais características, sendo que neste caso a inflexibilidade refere-se aos pagamentos, ou seja, todos têm que efectuar o pagamento todos os meses, sem excepção. É também menos intimidante aceder a fundos gerados por uma comunidade. É importante sublinhar, no entanto, que os benefícios sociais e económicos misturam-se. O económico sustenta o social, enquanto que o social apoia o económico. Os benefícios ou recompensas de se participar numa ROSCA são, assim, simultaneamente materiais e imateriais, e aqui reside a sua força (Ardener, 1995).

De acordo com as pesquisas existentes, o dinheiro poupado através das ROSCAs é geralmente usado na compra de terreno e contrução de casas, compra de bens duráveis para a casa, como electrodomésticos, móveis e loiças (Gugerty, 2005; Ardener, 1995), custos com a escola das crianças (Gugerty, 2005), comida (Gugerty, 2005; Ardener, 1995), roupa e bens importantes para a aquisição de status e mobilidade social (Ardener, 1995). O mesmo acontece no caso de Maputo e em relação ao xitiki, onde a maior parte das interlocutoras desta pesquisa investe na compra de terreno e casa e na compra de bens duráveis, para além de investirem também nas suas actividades empresariais, para aquelas que vivem de pequenos negócios, como a venda de roupa, sapatos, acessórios, maquiagem e comida para fora. Voltarei a este tópico no capítulo três.

Apesar de não serem obrigatórios, os encontros são considerados um elemento de extrema importância para as pessoas, pois a presença de cada um reforça as relações de confiança e a união do grupo (Ardener, 1995). Estes permitem ainda a partilha de uma língua e cultura (Hevener, 2006). Os encontros podem ser grandes festas, com muita comida, bebida e actividades culturais e que duram o dia inteiro ou pequenos lanches ou almoços, de curta duração.

Das ROSCAs moçambicanas

Tidas como as mais antigas e prevalentes instituições de poupança, as ROSCAs encontram-se com maior incidência no continente africano (Guguerty, 2005), como é o caso de Moçambique. Existem em todo o país vários tipos de associações de poupança e crédito rotativo, sendo algumas mais comuns no sul, outras no norte, umas no meio rural e outras no meio urbano.

De maneira geral, as actividades mais conhecidas são a *Kurhimela/Xitoco* e *Tsima/Ntimo*, que se fundam em actividades relacionadas com o trabalho agrícola, baseadas na amizade e convivência comunitária e cujas contribuições podem ser tanto em numerário quanto em espécie, refeições conjuntas acompanhadas de bebidas alcoólicas ou somente bebidas alcoólicas; *Matsoni/Xivunga*, que consiste em práticas tradicionais que se baseiam na troca de mão-de-obra por mão-de-obra; *Thôthôtho, Kuthekela e Ganho-ganho*, baseadas em troca de mão-de-obra por alimentos ou dinheiro e *Kuvekhelissa e Ovaliha*, actividades em que um indivíduo ou agregado familiar entrega os seus animais domésticos à guarda de outra família que não tenha tais animais e pretende iniciar a actividade de criação, sendo a recompensa o recebimento de parte dos animais procriados durante o período em que esta relação decorrer (Nhatsave, 2011). Estas práticas variam em termos de

objectivos, durabilidade e estabilidade, têm designações distintas, mas apresentam muitas similitudes. É de se destacar que, no período anterior à independência (antes de 1975), nas zonas menos urbanizadas, eram mais praticadas as actividades relacionadas com os trabalhos agrícolas, especialmente as baseadas no trabalho colectivo não remunerado e na amizade ou convivência comunitária. Na cidade de Maputo, havia uma proeminência de actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e outros esquemas de poupança e crédito. No período pós-independência e anterior às grandes mudanças políticas e económicas ocorridas no país (1975-1986), constata-se que, apesar de uma ligeira tendência de crescimento na realização de práticas alternativas, não se registaram grandes alterações em termos dos tipos de actividades preferidas (Dava et al., 1996).

As mulheres apresentam-se como as maiores participantes nestas práticas tradicionais e algumas actividades como *matsoni/xivunga e xitiki* aparecem particularmente dominadas por elas. Segundo Dava et al. (Ibid.), este aspecto mostra como as mulheres desempenham um papel importante na provisão de meios de subsistência às suas famílias. Mesmo quando homens e mulheres se envolvem numa actividade particular, são elas que mais participam[43]. O facto de serem as mulheres as maiores praticantes e dinamizadoras mostra como esta é uma prática que, fora do controlo dos familiares, mais propriamente do marido, possibilita que elas tenham poder de administração do seu dinheiro, podendo fazer planos com o que vão receber, geralmente relacionados com o bem estar dos filhos e de outros familiares próximos.

Sobre as origens do xitiki – das quais não consegui recolher informações concretas - sabe-se que este, assim como outros tipos de ROSCAS existentes em Moçambique, já era praticado antes da independência[44], principalmente nas zonas rurais. Apesar de não saberem

[43] Para mais informação, ler Dava et al. (1996), De Vleter (2006) e Francisco; Paulo (2006).
[44] José Feliciano refere, na sua tese de doutorado intitulada *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique* (1998) que a Tsima, uma forma individual e colectiva de ajuda mútua, era praticada nos anos 50, no sul de Moçambique.

explicar como surgiu o xitiki, grande parte das interlocutoras - todas com mais de 30 anos - enfatizou o facto de que as suas mães e avós faziam também xitiki; e que os grupos eram menores, assim como as quantias investidas, mas funcionavam de maneira muito semelhante ao que se faz actualmente.

Dos estudos sobre o xitiki

São relativamente recentes (de inícios da década de 90) os estudos que se debruçam sobre a prática do xitiki em Moçambique. As primeiras referências surgiram em trabalhos relacionados com o micro-crédito, onde o xitiki era referido como uma prática informal de poupança, dentre outras existentes no país. Cunha (2011) argumenta, a este propósito, como o xitiki tem sido analisado fundamentalmente como uma prática comum de poupança e crédito rotativo entre um *grupo* restrito de pessoas, normalmente mulheres. Esta definição, apesar de correcta, mostra-se simplista e insuficiente, pois

> a pragmática do xitiki mostrava sem muita dificuldade uma ética e até uma estética de relações sociais complexas e ricas em variações, detalhes, significados e códigos de conduta (Cunha, 2011, p. 83).

Para a autora, que se tem especializado nos estudos sobre economias feministas não capitalistas, é central na análise do xitiki o facto deste ser uma prática que vai além de uma "estratégia de sobrevivência" das pessoas empobrecidas, ter "objectivos extra-económicos e contribui(r) para a coesão social, controlo dos recursos existentes, identidade e afirmação" (Ibid, p.5). Loforte (2000), por outro lado, insere o xitiki nas chamadas "estratégias de sobrevivência" ao dizer que

> As estratégias económicas, sociais e de poder utilizam as redes de parentesco, de vizinhança e associações, com vista a optimizar hipóteses alternativas de sobrevivência e de reprodução destas unidades sociais (Loforte, 2000, p.111).

A circulação de pessoas, de bens e de ajuda entre as unidades domésticas aliadas e vizinhas, continua a autora, produz um equilíbrio entre as desigualdades criadas pelas aleatórias condições económicas (Ibid.).

Assim como Loforte, também Espling identifica a prática do xitiki como uma "estratégia de sobrevivência". Na sua tese de doutorado intitulada *Women's Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique* (1999), Margareta Espling pesquisou como pessoas com recursos limitados, especialmente mulheres, se sustentavam a elas e ao seu agregado familiar, em contexto urbano[45], e em como as "estratégias de sobrevivência" das mulheres foram mudando no interior das comunidades locais. Espling argumenta que, em contextos urbanos, as mulheres recorrem frequentemente a actividades geradoras de rendimento no chamado sector informal, que podem ser executadas tanto nas suas casas[46] como no seio da comunidade onde residem. Além disso, elas ainda se envolvem em trabalhos comunitários, que se configuram como uma extensão das suas actividades reprodutivas. As responsabilidades das mulheres para com a reprodução e manutenção da família fazem com que elas tenham que atender às suas necessidades de maneiras diversas, seja esticando o salário dos maridos ou ganhando elas mesmas uma renda, produzindo alimentos para vender ou iniciando pequenos negócios. São elas que têm que criar "estratégias de sobrevivência" quando a renda familiar cai e os preços sobem. Também as que trabalham no sector formal (professoras, administradoras, trabalhadoras da saúde, etc.) têm que recorrer a actividades informais adicionais, pois os seus salários não mais cobrem o aumento do custo de vida. Para Espling, as "estratégias de sobrevivência" das mulheres dependem frequentemente da construção de redes de reciprocidade no seio da comunidade onde estão inseridas. Entre as principais redes apontadas por Espling, que incluem a família em primeiro lugar, depois a comunidade religiosa, os vizinhos e amigos e as organizações

[45] A pesquisa foi feita em três comunidades urbanas de Moçambique (no sul, centro e norte do país).
[46] Estas atividades podem incluir, entre outras, a venda de produtos à porta de casa, a transformação de um cómodo da casa em salão de beleza, costura de roupa, confecção de comidas e bolos para vender, etc.

formais locais, está o xitiki. Sobre esta prática, a autora – assim como as interlocutoras desta pesquisa - comenta que ela existe há imenso tempo e funciona da maneira que sempre funcionou[47], embora os montantes tenham subido.

A autora aponta, através das falas das suas interlocutoras, para alguns elementos que caracterizam o xitiki e que passarei a problematizar, tendo em conta as leituras que fiz e o que o campo me mostrou. Entendendo que a prática do xitiki não foi o elemento central da pesquisa de Espling, penso que a sua análise é um tanto ou quanto equivocada, principalmente quando aponta para a fragilidade deste sistema de poupanças, afirmando ser uma rede que pode quebrar a qualquer momento. A este propósito, Ardener (1995) afirma, baseando-se na revisão de vários estudos sobre ROSCA's, assim como nas suas próprias pesquisas, que este tipo de associação tem um alto índice de sucesso, pois existem inúmeros mecanismos de controlo para que as pessoas cumpram com a sua palavra. Uma delas é a exclusão do grupo daquele membro que não cumpre com o combinado, algo fortemente temido, pois prejudica a entrada em outros grupos, uma vez que a credibilidade fica ameaçada. Quando um membro não cumpre com o pagamento, é também usual os restantes membros irem a sua casa ameaçá-lo de levar algum bem, para cobrir o valor. É necessário lembrar, como foi referido anteriormente, que é do interesse de todos que não haja falhas, pois uma pessoa que não paga pode ameaçar o sistema criado e uma situação deste tipo pode prejudicar a reputação de todo o grupo. Pude perceber também, durante a pesquisa de campo como estes mecanismos funcionam e a eficácia que eles têm. Nas duas famílias pesquisadas, existe certa tolerância para quem não consegue cumprir com o compromisso de pagar mensalmente. Caso alguma das participantes esteja com dificuldades e avise atempadamente, acontece o que Ardener mostrou, ou seja, outra participante pode oferecer-se para cobrir a sua parte ou então é dado um prazo maior para que o dinheiro seja entregue. Caso as falhas sejam constantes e nenhuma outra estratégia funcione, a participante é

[47] Apesar de, segundo a autora, se terem desenvolvido novas formas de poupar dinheiro, mais organizadas e controladas por grupos maiores, mesmo que continuem a ser informais.

convidada a sair do grupo. Estes casos de exclusão não são, no entanto, comuns nos dois grupos que observei, tendo acontecido somente uma vez em cada família, conforme me foi reportado por algumas participantes.

Outra característica apontada por Espling em relação ao xitiki é o facto de este ser uma rede de reciprocidade económica, uma espécie de estratégia baseada numa reciprocidade económica e material e que pouco ou nada tem a ver com apoio social ou moral. No entanto, do que pude observar em campo e ouvir das mulheres que pesquisei, o contrário do que Espling afirma acontece. As participantes dos grupos pesquisados afirmam que os encontros servem também para aproximarem as famílias, restabelecerem ou criarem laços afectivos entre si. É preciso salientar, no entanto que o carácter solidário e de ajuda mútua existente nos grupos de xitiki não evita que existam também desentendimentos, como explicitei no capítulo anterior, com a descrição dos encontros de xitiki.

Espling aponta ainda para o desenvolvimento de novas formas de xitiki[48], mais organizadas e controladas no interior de grupos maiores - mesmo que continuando informais - como é o caso do chamado *xitiki geral*, *xitiki cartão* ou *banco móvel* e dos xitikis com grupos grandes, constituídos por 50 a 90 pessoas, podendo ultrapassar facilmente este número. No entanto, e contrariamente ao que Espling afirma, este último tipo de xitiki não é mais recente que os outros, como pude comprovar durante o trabalho de campo, onde tive conhecimento de alguns grupos com as mesmas características, sendo que um deles existe há mais de 45 anos e é constituído por mais de 160 senhoras, algumas das quais pertentes às famílias pesquisadas. Descreverei com maiores detalhes estes e outros tipos de xitiki no capítulo três.

As visões contrastantes de Cunha (2011), de um lado, e de Loforte (2000) e Espling (1999), de outro, podem ser mais bem compreendidas a partir da problematização que Cláudia Fonseca faz do conceito de "estratégia de sobrevivência". Em *Família, Fofoca e Honra* (2000), Fonseca conta que, na

[48] Os diferentes tipos de xitiki praticados em Moçambique e as suas respectivas descrições serão desenvolvidos no capítulo três.

década de 70, na tentativa de evitar conotações pejorativas, surgiram estudos que catalogavam as *"práticas particulares de populações pobres como "estratégias de sobrevivência", ou seja, como respostas por "adaptação às condições de extrema pobreza"* (Ibid., p. 31). No entanto, adverte Fonseca, o uso dessa noção leva a um funcionalismo simplista que reduz o comportamento dos "pobres" a uma dimensão utilitarista. Neste sentido, a autora afirma ser interessante lembrar que certas práticas observadas em populações "carentes" e explicadas como "estratégias de sobrevivência", são também características das camadas mais altas do que ela chama de Primeiro Mundo. Torna-se evidente, assim, conclui a autora, *"que não há um só contexto de pobreza. Há maneiras e maneiras de "sobreviver""* (Ibid., p. 32). Neste sentido, a ênfase que tem sido dada aos aspectos económicos e a visão do xitiki como estratégia de sobrevivência enfraquece e limita a compreensão que se tem sobre o tema, uma vez que se trata de uma prática cujo objectivo ultrapassa a simples sobrevivência e que se encontra um pouco por todas as camadas socioeconómicas.

É de destacar o considerável crescimento, nos últimos dez anos, de pesquisas que apontam para os aspectos extra-económicos do xitiki e que contribuem para um maior aprofundamento do estudo da prática. É nesta linha que autores como Cuamba (2008), Nguenha (2010), Nhatsave (2011), Matlava (2012) e Nhone (2013) – que escreveram monografias sobre a prática do xitiki nas áreas da antropologia, economia e sociologia - destacam, entre outras coisas, que os encontros mensais de xitiki proporcionam uma maior integração do *grupo* e que ajudam a manter viva a ligação e os laços de parentesco, para além de se constituírem como uma forma de inserção em redes de solidariedade. Servem ainda como um espaço de resolução de problemas e debate de assuntos familiares, como gravidez indesejada, violência doméstica, organização de casamentos, entre outros. Sobre o *xitiki familiar*, por exemplo, mostram que este reforça a fraternidade, o afecto entre os membros e a manutenção das origens e da identidade.

Trazendo os aspectos extra-económicos da prática do xitiki para a discussão, a socióloga Denise Cuamba (2008) pesquisou, através do estudo de caso de um grupo de xitiki chamado *Ntwanano*, em que medida a prática do xitiki desempenha uma função social e procurou compreender o tipo de relações sociais que se estabelecem num grupo de xitiki, tendo apurado que este

> proporciona a integração do grupo através das relações sociais que se estabelecem e pelos contactos sociais que são de uma base regular, assim como se geram relações e sentimentos de solidariedade em momentos de casamento e doença (Cuamba, 2008, p. 4).

Ainda segundo a autora, a pertinência da sua pesquisa reside no facto dela procurar resgatar o "outro lado" do xitiki, uma vez que este tem vindo a ser negligenciado na abordagem sobre a prática, abordagem esta que dá primazia ao lado económico.

Nguenha (2010), partindo da mesma ideia de que o xitiki tem sido abordado principalmente na sua vertente economicista, observou um grupo de xitiki composto por membros de uma igreja - familiares, vizinhos e conterrâneos -, dando especial atenção aos aspectos simbólicos, relações sociais e significados que os membros atribuem à prática do xitiki, principalmente no momento das cerimónias ou encontros mensais. O autor concluiu que os encontros constituem uma forma de manter viva a ligação entre os membros, assim como os laços de parentesco e são também uma forma de inserção, por parte de quem acaba de chegar à cidade, nas redes de solidariedade e adaptação ao contexto da cidade. São também uma forma de mostrar à vizinhança que cada um deles possui relações com outras pessoas. Os encontros servem também para a resolução de problemas e para o debate de assuntos que têm a ver com a vida dos participantes, como falecimentos, casamentos, nascimentos, entre outros. Entre os membros do grupo verifica-se ainda uma reciprocidade de acções de ajuda, ou seja, quem exerce uma acção tem expectativas de ter o retorno quando chegar a sua vez. O dinheiro e os bens transaccionados preenchem o universo cerimonial e simbolizam a ajuda.

Tendo em conta que o xitiki é uma das formas mais comuns de poupança e crédito informal que as pessoas usam para a canalização das suas poupanças, assim como uma estratégia de solidariedade e ajuda mútua, a economista Noémia Nhatsave (2011) analisou o papel deste na mitigação do risco associado à insegurança financeira e social. Através de dados do Inquérito aos Agregados Familiares (IAF) de 2002/03 e do Inquérito ao Orçamento Familiar (IOF) de 2008/09, a autora procurou analisar as potencialidades e limites que o xitiki proporciona na redução de riscos sociais, tendo concluído que esta prática apresenta impactos positivos nos níveis de rendimento de quem faz xitiki e, consequentemente, no orçamento familiar, ao contribuir para a compra de bens duráveis em curto espaço de tempo. No entanto, Nhatsave (Ibid.) argumenta que, apesar do xitiki providenciar serviços financeiros para aqueles que não têm acesso às instituições bancárias pertencentes ao sistema financeiro formal e em promover a solidariedade entre os membros do grupo, este apresenta também limitações devido à sua inabilidade de atrair fundos suplementares e providenciar a acumulação de capital a longo prazo.

Numa pesquisa com aspectos bastante semelhantes à aqui apresentada, o antropólogo Geraldo Matlava (2012) procurou analisar, através do estudo de caso de um *xitiki familiar*, os relacionamentos e as redes de entreajuda e reciprocidade existentes entre os seus membros, procurando compreender as motivações que levam as famílias a accionar as redes de entreajuda. Matlava atribui ao *xitiki familiar* a produção de novas formas de relacionamento, como o reforço da fraternidade, o afecto entre os membros de modo a não esquecerem as suas origens e identidade, a amizade, cooperação, apadrinhamento e o surgimento de novos xarás. O *xitiki familiar* é, assim, convívio, festa e reduz o isolamento através da recomposição das famílias. As redes que se manifestam dentro do grupo de xitiki são, assim, importantes na resolução de problemas pontuais e futuros cuja resolução não seria possível caso os membros vivessem isoladamente.

Mas apesar da enorme contribuição destes estudos, é importante salientar que se trata de monografias com análises pouco aprofundadas, cujos autores nomeiam, mas não desenvolvem, noções que considero importantes e que mencionei acima.

Além da superficialidade destes estudos mais recentes - mas tendo em conta a sua grande contribuição para o estudo do xitiki - parece-me existir uma divisão entre as pesquisas: de um lado, estão as que dão ênfase aos seus aspectos económicos, mais antigas e, de outro lado, as que focam os aspectos para além do económicos, mais recentes. Aqui penso residir a principal contribuição desta pesquisa no estudo da prática, uma vez que olha para o xitiki em todos os seus aspectos como um todo, económicos e para além dos económicos, pois estes dois não devem estar separados: o económico faz parte da prática de fazer família e das redes que se estabelecem. Separar estes dois aspectos como se fossem duas características contraditórias ou contrastantes tende a enfraquecer a sua análise.

O xitiki é, assim, muito mais do que um sistema de poupança e crédito rotativo, envolve a criação e o estreitamento de relações pessoais, familiares, compromisso, entre-ajuda e solidariedade, entre outros aspectos que são poucas vezes trazidos ao de cima. Para além disso, uma característica comum dos estudos sobre xitiki é o facto de centrarem a sua análise nas mulheres vendedoras dos mercados ditos informais que recorrem a esta prática para fazerem as suas poupanças. Ainda que os mercados informais sejam um espaço em que o xitiki prolifera[49] bastante, nas suas variadas formas[50], penso ser necessário, para uma melhor compreensão desta prática, alargarmos o campo de análise a outros contextos. Existem ainda poucos estudos sobre o *xitiki familiar*, por exemplo, ou sobre as associações de xitiki, sobre os xitikis

[49] Segundo LITTLE; COLOANE (1992) citados por Espling (1999, p. 166), o xitiki é mais comum entre mulheres que fazem pequenos negócios do que entre outras pessoas.
[50] Uma das formas mais comuns de xitiki nos mercados ditos informais é o chamado *xitiki cartão*, *banca móvel* ou *xitiki geral*.

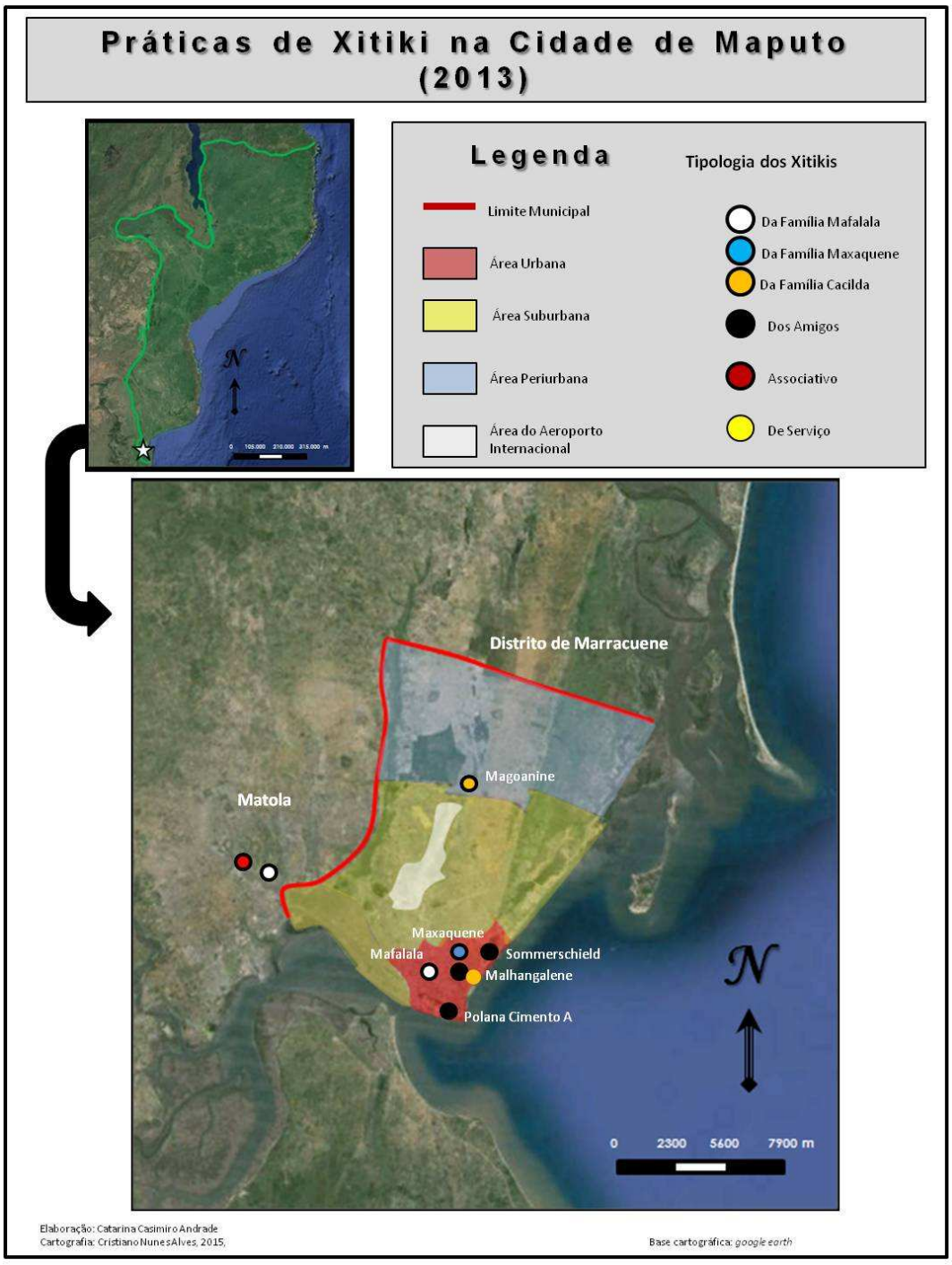
feitos entre colegas de trabalho ou ainda sobre as *mukheristas*[51] que usam o xitiki para desenvolver os seus negócios.

No capítulo que se segue, tento preencher um pouco esta lacuna, apresentando uma tipificação dos xitikis que encontrei durante o trabalho de campo.

[51] Segundo Chivangue (2012), "*o mukhero pode ser definido como actividade de micro-mportação informal caracterizada pela travessia da fronteira de Ressano Garcia para África do Sul, local onde os mukheristas compram diversos bens para posterior revenda, geralmente a grosso, nos mercados de Maputo. (...) Na realidade, o mukhero pode também situar-se na categoria do comércio transfronteiriço informal".*

Capítulo III

Do mapeamento das práticas de xitiki em contexto urbano



Introdução

O xitiki faz parte do dia a dia das pessoas em Maputo. Por onde quer que circulemos na nossa rotina diária, dos mercados às casas das pessoas, passando pelas repartições públicas, empresas privadas, escolas e feiras de artesanato, facilmente encontramos pelo menos uma pessoa que faz parte de algum grupo ou que conhece alguém que faz xitiki[52]. Essa foi a minha primeira grande constatação ao iniciar, timidamente, a pesquisa de campo perguntando às mulheres com quem me cruzava se elas faziam xitiki.

Contrastes. Falar da cidade de Maputo é falar em contrastes. Passear por Maputo, percorrer as suas ruas e avenidas, de carro ou a pé, entrar e sair dos mercados sempre cheios e barulhentos, é ver contrastes. Por todo lado. Contrastes nas estradas, avenidas, ruas e vielas, em alguns lugares asfaltadas e sem buracos, noutros com buracos do tamanho da largura da estrada, que nos obrigam a contorná-los com bastante dificuldade, para não atropelar os vendedores ambulantes que se amontoam nos passeios quase inexistentes. Contrastes que convivem lado a lado, na maior parte das vezes emaranhados um no outro. *Cidade de cimento e cidade de caniço,* que se percebem quando passamos de uma para a outra, algo que tanto pode levar horas como não mais que dez minutos, distância que eu levava da minha casa à casa da família da Maxaquene. Contraste que se nota ao passar de avenidas asfaltadas, bastante arborizadas, relativamente limpas, ladeadas por mansões luxuosas e bem cuidadas a ruas esburacadas e muitas vezes de terra batida, com uma variedade de construções de cimento (blocos de cimento nas paredes), zinco (nos telhados e, por vezes, nas portas), caniço, madeira, entre outros, que foram surgindo como cogumelos nas últimas duas décadas, sem qualquer organização ou planeamento urbano, entupidas de pessoas (a andar e a vender todo o tipo de mercadorias nos passeios), carros (com destaque para os *xapas*[53]), animais (cães, cabritos, galinhas, patos) e lixo, muito lixo.

[52] Durante a pesquisa de campo, circulei pelos locais que mencionei acima: mercados, feiras de artesanato, casas, escolas, empresas privadas e públicas, ONG's, entre outros.

[53] Veículo privado de transporte coletivo de passageiros, que no Brasil se conhece como van.

Assim é a cidade que percorri e fui descobrindo um pouco mais através dos olhos e das experiências que as xitikeiras me iam relatando. Cidade onde a prática do xitiki se faz presente em meio a todos esses contrastes.

Ao longo de cinco meses, ao mesmo tempo que me encontrava mensalmente com as famílias da Maxaquene e da Mafalala, conheci, convivi e conversei com 24 mulheres xitikeiras com quem fui fazendo contacto por indicação de outras mulheres, através da estratégia da bola de neve. A minha maior preocupação não foi colectar um grande número de experiências e histórias, mas sim adopar como critérios de escolha perfis sócio-económicos distintos e experiências de xitiki diversas. Webster (2009) relata, na sua etnografia sobre a sociedade Chope, que a maior preocupação em relação à amostra de campo – e uma vez que não é possível encontrar um grupo que se pudesse dizer típico de todos os Chope – era assegurar-se de que a sua amostra fosse razoavelmente típica. Neste sentido, pensa tê-lo conseguido fazer ao alargar a sua amostra de uma para três povoações. Ao alargar o meu campo – saindo das casas das pessoas e observando a prática do xitiki noutros espaços – penso ter conseguido conhecer um universo mais diversificado das xitikeiras e dos diferentes tipos de xitiki que se praticam em Maputo.

No meio desse percurso, e como descreverei mais adiante, fui confrontada com a ideia de começar a fazer xitiki, experiência que aconteceu paralelamente e para além da pesquisa de campo e que, com certeza, enriqueceu e moldou a minha visão sobre a prática.

O modo como cheguei a essas mulheres e os locais por onde andei mostram como o xitiki é uma prática comum e sempre presente no dia a dia das pessoas. Pude compreender aos poucos o porquê de, no início da pesquisa, as pessoas se surpreenderem com a minha curiosidade em relação ao xitiki, uma vez que, como disse uma das senhoras, *“o xitiki é uma brincadeira”*. Comecei por conversar com pessoas mais próximas a mim, como as duas mulheres que trabalham na minha casa, Cacilda e Esmeralda, depois com amigas próximas que me apresentaram a outras amigas, que me levaram às suas empregadas domésticas e assim sucessivamente. Conversei com

amigas, amigas de amigas, empregadas domésticas de amigas, artesãs, uma juíza, donas de casa com actividades geradoras de rendimento desenvolvidas em casa, uma engenheira agro-pecuária, uma jurista, uma contabilista, uma assistente social, várias coordenadoras de programas dentro de uma ONG, entre outras. Um mundo de portas e surpresas foi-se abrindo à medida que eu circulava pela cidade e me apercebia de como o xitiki atravessa várias esferas da vida social. Visitei casas onde algumas dessas mulheres trabalham, passeei na feira de artesanato onde uma delas tem uma banca onde vende roupa confeccionada por si, passei dias inteiros dentro de uma ONG que luta pelos direitos humanos das mulheres e onde as trabalhadoras, desde a mulher das limpezas à directora executiva, compõem vários grupos de xitiki. O objectivo dessas conversas foi organizar, através das experiências das mulheres com quem conversei, as práticas de xitiki existentes em Maputo, algo que até então não havia visto explicitado na bibliografia existente. O meu contacto com essas mulheres foi guiado por uma série de questões e dúvidas cujas respostas me permitiram entender melhor a dinâmica da prática do xitiki naquele contexto, o que será desenvolvido mais à frente no texto. Apesar de, como já referi, existirem vários estudos sobre a prática do xitiki, sentia falta de uma compilação mais detalhada dos tipos existentes, das suas características, do perfil de quem faz e dos usos que as pessoas dão ao dinheiro. Esta necessidade ligava-se também à ideia - bastante incómoda para mim, pois o campo me mostrava algo diferente - de que são as pessoas com escassez de moeda, assim como as que não têm acesso aos bancos, as que mais recorrem à prática do xitiki, por falta de alternativa.

Deste modo, o presente capítulo tem como principal objectivo partir das experiências e histórias das mulheres e minhas com o xitiki para caracterizá-lo e tipificá-lo em meio à cidade, uma vez que o tipo de descrição sobre o xitiki que mais se encontra na bibliografia me parece limitadora e generalizante, ao contrário da heterogeneidade que encontrei em campo e que pretendo aqui demonstrar.

A prática do xitiki em contexto urbano

Foi complicado escolher entre os muitos convites para assistir a encontros, entre tantas mulheres com quem conversar, em afunilar a minha pesquisa para que esta não fosse engolida por um contexto em que o xitiki se fazia muito presente e que se ia desdobrando à medida que avançava. Isto porque as mulheres com quem conversei me apontavam para uma série de outros grupos com características diferentes do comum, assim como me davam contactos de amigas ou conhecidas que faziam xitiki em contextos diferentes daquele em que circulava. No entanto, o tempo era pouco e eu tinha que me centrar nos encontros familiares.

No início, e ainda muito agarrada à bibliografia que fui lendo ao longo dos anos, a prática do xitiki me parecia bastante simples de entender e sem muita variação. No entanto, e ao longo do percurso que fiz, fui cruzando com e me apercebendo da existência de várias formas de fazer xitiki, cada uma contendo especificidades mas partilhando entre si características comuns. Ainda que possamos identificar nele uma caracterização geral, bastante presente e enfatizada na bibliografia existente, o xitiki se apresenta de variadas formas e tipos.

Partindo de um grupo de pessoas que contribuem monetariamente para que cada um receba, de forma rotativa, o conjunto das contribuições, defino o xitiki a partir de duas características que considero principais, nomeadamente a destinação dada ao dinheiro acumulado e a composição dos grupos. Estas características, que desenvolvo de seguida, me permitiram fazer uma tipificação ideal das práticas do xitiki, no sentido *weberiano* do conceito.

Em relação à primeira característica, existem dois tipos de grupos de xitiki: os que estabelecem previamente regras de utilização do dinheiro, como por exemplo os xitikis de capulana, loiça, material de contrução[54] ou ainda para abertura de um fundo comum - não podendo as pessoas dar-lhe outro destino

[54] Mencionei estes tipos de xitiki, em passagem, no capítulo dois.

que não o previamente estabelecido - e aqueles nos quais cada participante investe o dinheiro em planos pensados individualmente. Em relação à segunda característica, pude observar que os diferentes grupos de xitiki são nomeados consoante a sua composição. Deste modo, existe o *xitiki familiar*, composto por membros de uma mesma família, o *xitiki de serviço*, composto por colegas de trabalho e o *xitiki de amigos*, que como o próprio nome diz, é composto por amigos. Há ainda o chamado *xitiki cartão* e o "xitiki associativo"[55], que não se encaixam exactamente nos modelos citados acima, mas que partilham com eles algumas características.

É importante destacar, no entanto, que estas características não são rígidas. Existe na prática do xitiki uma flexibilidade e plasticidade, que contribui para a sua complexidade e múltiplos sentidos. Essa flexibilidade e plasticidade é vista nos rearranjos que vão sendo feitos pelos grupos e que vão moldando a prática para seu benefício. Por exemplo, há grupos de *xitiki familiar* compostos, para além dos parentes, por amigos e vizinhos, da mesma maneira que há grupos de *xitiki de serviço* que contam com a participação de um ou mais membros de fora do ambiente de trabalho. Assim como há também *xitikis de loiças* que - após todas as participantes terem já atulhado o armário de peças de todo o tipo, utilidade e tamanho – continuam a existir, sendo o dinheiro usado para outras coisas, como por exemplo roupa ou compra de ingredientes para fazer bolos e vender. A rotação dos membros do grupo, decidida normalmente no início de um ciclo, pode também ser alterada sempre que haja necessidade. Tal é o caso, bastante comum, de um participante que pede para antecipar a sua vez – por vários motivos -, trocando com outro que esteja prestes a receber o dinheiro.

Os cadernos de gestão e os encontros são características comuns aos vários tipos de xitiki que observei. Ao contrário do que supus a princípio, os encontros não são exclusivos dos xitikis familiares, sendo comuns também em xitikis de amigos ou associativos. Tal é o caso do "xitiki associativo" que descrevo mais à frente, onde o grupo se encontra semanalmente, sempre em

[55] Nome por mim dado a um tipo de xitiki com características próprias, que será descrito mais à frente no texto.

lugares diferentes. No entanto, cada encontro apresenta as suas especificidades, como por exemplo o lugar onde acontece (pode ser sempre na mesma casa, ir rodando de casa em casa ou ainda ser num local alugado para o efeito), o horário (pode ser um lanche, almoço ou jantar), os rituais envolvidos (cânticos, músicas, a capulana usada para embrulhar o dinheiro que é entregue, o prato de sal para afastar os invejosos, entre outros), a dimensão (tanto pode ser um rápido lanche a meio da tarde como uma festa que dura o dia inteiro, regada a muita bebida e comida), a presença ou não de convidados, entre outros.

Mais comum nos xitikis que fazem encontros, mas não sendo exclusividade deles, é a utilização de um caderno de gestão. Gestoras do xitiki é o nome por mim dado àquelas mulheres, escolhidas de comum acordo pelo grupo, que são responsáveis pela organização do xitiki. Muitas vezes, as escolhidas para gestoras são as mulheres que criaram os grupos ou que tiveram a ideia de juntar as pessoas. Por organização do xitiki refiro-me, entre outras actividades, ao preenchimento de um caderno ou folha solta que são sempre usados nos encontros. É através destes objectos que são controladas as entradas e saídas de dinheiro, quem recebeu e quem ainda não, quem pagou e quem não, as quantias que cada participante recebeu, quem deu quanto a quem, quantas pessoas são, as datas dos encontros, quanto tempo falta para terminar, entre outras informações. Ele é também accionado cada vez que há alguma dúvida em relação aos montantes, servindo como prova de todas as movimentações monetárias.

De maneira geral, e tendo em conta as especificidades e pequenas diferenças de cada grupo, costumam ser usados cadernos de linhas, pequenos ou grandes, de capa dura (mais resistentes) ou mole (que se deterioram facilmente e cujas páginas se vão soltando). Ficam sempre com as gestoras, tanto os cadernos quanto as folhas soltas, que os guardam consigo e os levam para os encontros. A informação contida nos cadernos segue, normalmente e salvo algumas excepções, um mesmo padrão. Na primeira folha, em coluna, estão listados os nomes de todas as participantes e à frente o mês em que irão

receber o xitiki. Nas folhas seguintes, divididas por mês, estão escritos, na primeira linha, os nomes dos participantes que irão receber naquele dia, na linha de baixo, no canto esquerdo e em coluna, estão listados os nomes de todas as participantes (incluíndo as que vão receber) e à frente o valor da contribuição.

Em todos os encontros existe um momento em que o grupo de gestoras - é normalmente mais que uma - se junta para, primeiro, receber o dinheiro das participantes e registar os valores nos cadernos - momento esse que, dependendo do grupo, pode contar com danças e cânticos - e, depois, contá-lo, comparar o montante com o que foi registado nos cadernos, dividi-lo pelo número de pessoas que recebem em cada mês e, finalmente, entregar-lhes o dinheiro. O momento da entrega do dinheiro à pessoa a quem corresponde esse mês, assim como o momento anterior em que todos dão a sua contribuição, pode também ser feito entre cânticos e danças, como é o caso da família da Mafalala, da qual falei no primeiro capítulo.

No artigo intitulado *Práticas Económicas e Formas Ordinárias de Cálculo* (2002), Florence Weber propõe demonstrar como os raciocínios nativos diferem de uma cena social para outra, utilizando práticas de mensuração, anotação, ordenamento e contabilidade como índices da existência de cenas sociais distintas. Para tal, a autora adopta a hipótese de que

> (...) os indivíduos dispõem de uma pluralidade de sistemas de referência e agem em várias cenas sociais em que as regras de comportamento, os objetivos procurados, os limites percebidos, as racionalidades práticas, são distintos. **A atenção às práticas de medida e de contabilidade permitirá compreender como os indivíduos obtêm êxito em articular essas diferentes cenas sociais** (Ibid., p.152, grifos meus).

As anotações das transacções comerciais, uma das práticas de medida de contabilidade por Weber analisada, possuem duas dimensões: cognitiva (as anotações permitem organizar as transacções, fazer contas, adicionar perdas e ganhos, por exemplo) e ritual (essas inscrições fixam o sentido da transação,

impedindo qualquer tipo de contestação). Nos xitikis familiares pesquisados[56], que envolvem uma série de transacções, entre as quais a económica, os cadernos ou folhas de gestão são usados para se anotarem todas as transações relativas ao dinheiro dado por cada participante, feitas durante os encontros. Desta maneira, podem ser consultados e servem de auxiliar sempre que surjam dúvidas, problemas ou discussões, como presenciei algumas vezes e mencionei no capítulo I. Por estas razões as gestoras do xitiki são mulheres escolhidas em consenso por todas as participantes, de confiança e que têm noções básicas de cálculo e escrita. A dupla função (dimensão), ritual e cognitiva, das anotações permite articular a relação pessoal que têm umas com as outras e a transacção económica, ou seja, a poupança.

Vale aqui ressaltar o conceito de *boas combinações*, usado por Zelizer (2009) como explicação alternativa para a mistura de transações económicas com relações íntimas. Apesar de existir a crença generalizada de que o dinheiro corrompe a intimidade, Zelizer diz-nos que as relações íntimas coexistem com transações económicas sem dano aparente para quaisquer das duas, a partir do que ela chamou de *boas combinações*. Casais que compram um anel de noivado, pais que pagam babás ou centros infantis para os filhos, pais que dão mesadas aos filhos, entre tantos outros, são exemplos apontados por Zelizer de relações íntimas coexistindo com transacções económicas.

Os dois elementos intersectam-se todo o tempo, mas só funcionam bem quando as pessoas fazem boas combinações dos dois. No entanto, estas combinações dependem muito de negociações entre os parceiros. Zelizer aponta três características principais *das boas combinações*: a transação económica distingue a relação de outras com as quais poderia ser confundida; boas combinações demonstram e propiciam acordos entre os parceiros numa

[56] Vale aqui referir uma variante de xitiki familiar da qual tive conhecimento através de uma interlocutora. Durante uma conversa no escritório onde trabalha como contabilista, Cíntia contou-me que tinha entrado há pouco tempo – através de uma vizinha – num xitiki composto por uma família e seus amigos. A particularidade deste xitiki é que as pessoas nunca se encontram e algumas sequer se conhecem entre si, apenas entregam o dinheiro num local fixo – um escritório – e recebem de volta um recibo como comprovante do seu pagamento. É interessante a entrada de mecanismos "oficiais" neste tipo de prática tida até hoje como "informal".

relação, eles compartilham a mesma compreensão sobre a relação e boas combinações identificam a relação claramente para um terceiro envolvido (dependem do stock de significados, marcadores e práticas existentes no meio local). O xitiki pode ser pensado nos termos por Zelizer descritos. Certas especificidades dos encontros, como a prática de poupança e a gestão do dinheiro, definem e distinguem (para o grupo e para os de fora) estes de outros encontros familiares que acontecem frequentemente. Em relação ao primeiro ponto, a poupança em grupo, que envolve a recolha, contagem e entrega do dinheiro a quem recebe em determinado mês, é precisamente a transacção económica que distingue estes de outros encontros que as pessoas fazem entre si. Neste sentido é necessário, para o bom funcionamento dos grupos, que se criem, discutam e acordem regras de modo a que todos compreendam e partilhem o significado da prática, que passa pelo respeito e pelo compromisso, caso contrário o xitiki cai. Deste modo também, quem está de fora do grupo, como é o caso dos convidados, é capaz de identificar, através de uma série de momentos e de ritualizações que estão envolvidas na prática do xitiki, o tipo de relação ali envolvido.

De maneira geral, existe uma série de *boas combinações* usadas para não deixar que a mistura entre família e dinheiro, entre relações pessoais e transações económicas, corrompam as duas. No entanto, e como aponta Zelizer, é importante salientar que nem sempre as combinações funcionam, as pessoas têm que trabalhar muito para negociar a combinação certa entre economia e intimidade, entre dinheiro e relações familiares, entre encontros de xitiki e outro tipo de encontros familiares.

A experiência das mulheres com a prática do xitiki permitiu uma maior e melhor compreensão da sua dinâmica, assim como a descoberta de várias características e especificidades que até então desconhecia. Como e porquê começaram a fazer xitiki, com quem fazem, quantos xitikis fazem e quais os valores de cada um, como investem o dinheiro poupado e que diferença encontram entre a prática do xitiki e a utilização de serviços

bancários foram as principais questões que guiaram as conversas e que passo a desenvolver.

É através de pessoas próximas e experientes, nomeadamente familiares, amigos ou colegas de trabalho, que as mulheres se iniciam na prática do xitiki. A decisão surge muitas vezes depois de serem convidadas a participar dos encontros mensais ou de reuniões de grupos, onde têm a oportunidade de conhecer os participantes e ver como o grupo se organiza. Sara, 26 anos e engenheira agro-pecuária, entrou no primeiro grupo de xitiki por influência da sogra, que a convidou. E Terezinha, 66 anos e planificadora social, nunca tinha feito xitiki até que foi convidada para um almoço de *xitiki familiar* de uma amiga de há mais de 30 anos, onde acabou sendo convidada a participar.

As mulheres que fazem xitiki participam, normalmente, em mais de um grupo, sendo um deles quase sempre de tipo familiar, envolvendo também amigos próximos e vizinhos. Há ainda, mas em número reduzido, as que fazem xitiki com as empregadas domésticas e as que estão envolvidas em xitikis de tipo associativo. A Esperança, 61 anos e aposentada, faz dois xitikis, um com ex-colegas de trabalho e outro com amigas e familiares. Já a Nilza, 28 anos e coordenadora de um dos programas de uma ONG, faz três xitikis familiares (um com a família da parte do pai, outro com primos do lado da mãe e ainda um com os pais e um casal de tios) e dois no local onde trabalha, com colegas. Os valores dos xitikis variam bastante consoante o rendimento de cada mulher ou das suas despesas mensais, que ditam quanto pode ser colocado de parte para o xitiki. No caso das interlocutoras, os valores vão de 150,00MT a 15.000,00MT.

O factor económico é um dos mais frequentes argumentos encontrados nos estudos sobre xitiki, em relação às motivações que levam as mulheres a aderirem à prática. No entanto, apesar desta ser a motivação mais perceptível, ela é uma entre uma série de razões complexas. Este é um dos argumentos de Constable (1999) acerca das razões que levam um grande número de empregadas domésticas a sair das Filipinas para trabalhar em Hong

Kong. O dinheiro aparece como a resposta mais fácil, mais aceitável e mais automática que as mulheres dão. No entanto, ela oculta outras razões, de natureza mais pessoal e privada, como a ajuda a familiares, a busca por independência pessoal e económica, por individualidade e por prazeres. A razão inicial pode ser a necessidade de poupar para a concretização de planos que, individualmente, seriam mais difíceis e demorados de realizar é uma das razões. Tal dificuldade advém da incapacidade de conseguirem poupar por conta própria guardando consigo ou depositando um valor numa conta poupança, pois há sempre a possibilidade de tirar esse dinheiro quando surgem despesas extra. O que não acontece no caso do xitiki, uma vez que o dinheiro é entregue a outra pessoa e não pode ser pedido de volta, é necessário esperar a sua vez de receber. Esta é, aliás, uma das principais vantagens do xitiki em relação ao sistema bancário e que foi apontada pelas interlocutoras da pesquisa. Somado a isso, e tendo em conta que, apesar de ter aumentado o número de agências bancárias em todo o país[57], estas não serem acessíveis à maioria da população, existe ainda uma certa desconfiança em relação aos bancos, o que faz com que as pessoas prefiram fazer poupanças em grupo. Apesar de serem, na sua maioria, usuárias do sistema bancário, poucas mulheres com quem conversei preferem guardar o dinheiro do xitiki no banco, pois ao receber já têm planos para ele e, para além disso, existe para a maioria delas uma clara separação do que é dinheiro do salário, do qual é tirado um tanto para as despesas do dia-a-dia, e dinheiro do xitiki. Para além de ser mais fácil poupar com o xitiki, a relação que se cria é com um grupo de pessoas e não uma instituição, que sufoca e tem juros. No xitiki, cada um contribui para o outro, se ajuda, a relação é mais flexível e não há cobrança de taxas ou juros. Deste modo, segundo elas, os bancos são bons para guardar dinheiro, mas não para pedir crédito. Como afirmou a D. Fatú,

[57] Para mais informações a este respeito, acessar: PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. Total de 578 agências bancárias operam em Moçambique, dez. 2014. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias/news_folder_econom_neg/dezembro-de-2014/total-de-578-agencias-bancarias-operam-em-mocambique>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2015; e JORNAL VERDADE. Apenas 20 por cento dos adultos moçambicanos possuem conta bancária, fev. 2013. Disponível em: <http://www.verdade.co.mz/economia/34437-apenas-20-por-cento-dos-adultos-mocambicanos-possui-conta-bancaria>. Acesso em: 12 de Abril de 2013.

> *(...) o banco é bom, eu não digo que não. Mas a qualquer momento que tu precisas, tu vais tirar. Se estou aflita, não tenho, eu vou pegar no cartão e vou tirar. Mas no xitiki eu entreguei, não tenho como ir buscar. No xitiki tu entregaste, tu entregaste. Não tens como ir buscar aquele dinheiro. Até chegar a tua vez* (D. Fatú).

É interessante mencionar, a título de curiosidade, que têm surgido, mais recentemente, discussões em torno de uma formalização do xitiki[58], ideia essa com opiniões bastante divergentes.

Somados a isso, a solidariedade, assim como a aproximação entre as pessoas, o convívio, a partilha de problemas, a ajuda a familiares, entre outros, são também motivos apontados pelas mulheres e que as levam a juntarem-se em grupos de xitiki. A prática em grupo ajuda também a conter os gastos exagerados, dar conta de despesas extra, empoderar as mulheres e crescer como empresárias (caso de mulheres que têm pequenos negócios). A Isa, costureira e dona de uma banca de roupas e artesanato na Feima (Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo) disse-me, quando falávamos sobre o facto de homens também fazerem xitiki, que

> *(...) ajudando uma mulher, ajuda uma família. O que já não é o caso quando se ajuda um homem. (...) Eu noto que, se tu dás um... um empréstimo...é um casal tu dás o mesmo valor aos dois, um empréstimo à mulher e dás um empréstimo ao homem, quem vai ter sucesso é a mulher. Porque é que ela vai ter sucesso? Porque a mulher não é daquelas que de repente vai levar dinheiro e oferecer homens. Enquanto que já o homem não. (...) Então eu acho que, entre o casal, quem teria mais sucesso é a mulher. Então eu dava mais aposta à mulher. Porque dando aposta à mulher, ela vai erguer uma família. Não erguer só uma família, vai poder cuidar do sogro, da sogra, da mãe e do pai. Enquanto que o homem já não, não tem essa possibilidade. Não é p'ra discriminar os homens, só que os homens não têm essa parte aí.*

Quando inquirida sobre as razões que a levavam a manter mais de três xitikis, a D. Fatú, que é viúva e faz comidas para fora, respondeu admirada que *"Eu quero é mais p'ra conviver, é um convívio. Sim, vou ficar aqui em casa a fazer o quê?"*.

---

[58] Discussão essa que tem aparecido com frequência nos meios de comunicação. Formalização, neste contexto, significa que se está a pensar fazer do xitiki um produto bancário. A título de exemplo, acessar: JORNAL DOMINGO. Formalização do "xitique" divide opiniões, mar. 2014. Disponível em: <http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/economia/3122-formalizacao-do-xitiki-divide-opinioes>. Acesso em: 2 de Janeiro de 2014.

O mês em que recebem o dinheiro do xitiki é sempre pensado com antecedência e depende dos planos que foram feitos. Como me disse a Ercília, 31 anos e secretária de uma ONG, o xitiki programa-se, há sempre um plano a cumprir. Os planos podem envolver o consumo de bens e serviços como compras ligadas à casa, como electrodomésticos e mobília (geladeiras, móveis, loiça, etc), compra de terrenos e construção ou melhoria/reabilitação das casas. Outros usos dados ao dinheiro são o pagamento de dívidas contraídas, pagamento das mensalidades da escola delas (algumas fazem cursos) e dos filhos, abertura de contas poupança para os filhos e depósitos mensais, viagens, realização de festas de aniversário para os filhos, o reforço das despesas do dia-a-dia, a compra de presentes mais caros para os filhos, compra de roupa para elas próprias (pois como disse uma das minhas interlocutoras, ela não costuma comprar roupa, só as compra quando recebe o xitiki), manutenção do carro, compra de capulanas, ajuda na realização de cerimónias familiares e também a familiares em dificuldades. A Esmeralda, 39 anos e empregada doméstica, usava o dinheiro dos primeiros xitikis que fez para comer, como ela própria disse, ou para comprar capulanas. Hoje, fazendo parte de grupos com valores maiores, comprou uma geladeira, cimento, areia e outros materiais para as obras da sua casa. A Nzira, 39 anos e coordenadora de um dos programas de uma ONG, abriu contas poupança para cada um dos 3 filhos e uma parte do dinheiro do xitiki vai para lá. Usa o dinheiro também para comprar presentes mais caros para os filhos e para si mesma, já que normalmente não costuma gastar dinheiro consigo. Para além disso, faz a manutenção do terreno, paga algumas obras, faz a revisão do carro, poupa para as férias do fim-do-ano, compra capulanas e sempre um livro (tem um livro de cada xitiki que recebe).

Tendo em conta que, como disse anteriormente, para além das características em comum, cada tipo de xitiki apresenta especificidades próprias, apresento de seguida algumas das práticas que pude observar.

Xitiki de serviço

Um dos locais que frequentei e onde realizei a maior parte das conversas foi a sede de uma rede de organizações da sociedade civil – localizada no bairro de Malhangalene B, área urbana da cidade - que congrega várias organizações comprometidas com a defesa dos direitos humanos das mulheres, que conheço desde o tempo em que trabalhei nesse meio. Depois de saber, através de uma amiga, que várias funcionárias faziam xitiki, contactei a gestora de comunicação e documentação e consegui permissão para passar algumas horas, em diferentes dias, conversando individualmente ou em grupo, com algumas delas.

A primeira surpresa que tive, ao iniciar as conversas, foi o facto de existirem ali cinco grupos de xitiki, cada um com cerca de cinco participantes, sendo que grande parte das funcionárias participam em dois deles. A ideia com que fiquei a início era a de que iria conversar com algumas mulheres sobre as suas experiências com o xitiki, mas em nenhum momento me passou pela cabeça que elas o faziam ali naquele espaço, muito menos que existissem tantos grupos ao mesmo tempo.

Ao todo, conversei com 11 mulheres, das empregadas de limpeza, passando pelas coordenadoras de alguns programas, até à directora executiva, algumas de modo mais demorado, outras nem tanto. Para além dos *xitikis de serviço*, a maior parte delas participa noutros grupos fora daquele ambiente, nomeadamente familiares e entre amigos.

Nos cinco grupos existe um valor estipulado – um grupo é de 1.000,00MT, um de 5.000,00MT, um de 10.000,00MT e dois de 15.000,00MT - que é entregue mensalmente a uma das participantes, não havendo diferenças de funcionamento entre eles. Alguns dos grupos, nomeadamente os de maiores valores, contam com uma das participantes para fazer a sua gestão, através de uma ficha que circula entre todos e deve ser assinada quando cada um paga e recebe. O pagamento é feito, via de regra, no dia em que recebem o

salário e, em particular nos grupos de maiores valores, através de transferências bancárias ou depósitos. No grupo de menor valor, uma pessoa recolhe a contribuição de cada uma e entrega a quem recebe esse mês. Admirada com o valor do maior xitiki, que é cerca de um quarto do salário de grande parte das funcionárias com quem falei, perguntei como elas faziam para conseguir pagar, uma vez que muitas participam de mais de um grupo. A Nilza disse-me que, apesar dos muitos xitikis "enforcarem bastante", compensam no momento em que se recebe um grande valor de uma só vez, podendo assim usá-lo para grandes planos, como comprar um carro, dar entrada numa casa ou começar a construir.

Assim como a maior parte das funcionárias com quem conversei, a Florinda, copoeira, participa em dois xitikis – no caso o de 1.000,00MT e o de 5.000,00MT – que distingue como *xitiki da cozinha* e *xitiki de dentro*. Esta denominação parece servir para marcar uma diferença entre os xitikis de dentro – a sede é composta por uma série de áreas ou gabinetes, que ficam na parte interna da casa – e o de fora – a cozinha ou copa situa-se na área externa da sede, numa divisão que fica na parte de trás do terreno.

Segundo a Nzira, coordenadora de um dos programas da rede, trabalharem todas no mesmo local facilita a gestão do xitiki, uma vez que a falta de convivência entre pessoas que fazem xitiki gera insegurança. Todas se conhecem, se vêm diariamente e recebem o salário ao mesmo tempo. Deste modo, a convivência diária que existe entre elas acaba tendo a mesma função que os encontros mensais, característica de outros tipos de xitiki e que cria uma obrigatoriedade de convivência entre pessoas que raramente se vêem no dia-a-dia. Deste modo, os xitikis de serviço acabam sendo mais direcionados para a poupança, sem encontros fora daquele ambiente, que acarretariam mais gastos – uma vez que as participantes fazem parte de outros xitikis com encontros – de tempo, comidas e bebidas.

“Xitiki associativo”

Uma das pessoas com quem sempre conversei bastante sobre o xitiki foi a Farida, minha depiladora há quase 20 anos. Sempre que a encontrava ela me contava sobre as suas experiências, os grupos de que fazia parte e os problemas que muitas vezes a perturbavam. Ela foi uma das primeiras pessoas com quem contactei quando cheguei a Maputo para fazer a pesquisa mas, surpreendentemente, nunca consegui conversar com ela mais formalmente, pois a Farida se mostrava sempre muito ocupada. Assim, todas as informações que ela me passou, as histórias que me contou, foram ouvidas deitada numa cama, enquanto ela fazia o seu trabalho. Foi através dela que ouvi falar, pela primeira vez, de grupos de xitiki grandes, com mais de cem pessoas e que, pelo que ela descrevia, apresentavam características muito próprias. A Farida falava sempre no “grupo do *Xipamanine*”, referindo-se ao bairro onde aconteciam os encontros. Contava que só mulheres faziam parte, que se encontravam todas as semanas, ofereciam presentes a quem ia receber o dinheiro e se vestiam com capulanas iguais e blusas com o nome do grupo gravado. Ouvi falar novamente neste tipo de xitiki através da D. Fatú, da família da Maxaquene, que também faz parte de um grupo deste tipo há cerca de 19 anos, chamado *Anzabe* e que segundo ela, existe há mais de 45 anos.

Comecei a chamar estes xitikis de associativos depois de ter sido convidada pela D. Laura, sogra de uma ex-colega minha de trabalho, para participar de um encontro do grupo do qual ela é presidente, chamado *Bismillah*[59]. Nesse único encontro a que fui, as senhoras vestiam quase todas capulanas amarradas à cintura e lenços na cabeça, de cores verde e branca[60]. Disse-me a D. Laura que aquelas são as cores do *Bismillah* e que de tempos a tempos elas escolhem e compram capulanas novas. Usavam também, grande parte delas, uma t-shirt feita para o grupo, verde ou branca, com dizeres na parte de trás, como “Comissão *Bismillah*” ou “Associação da Boa Vontade”. Na

[59] Expressão que em árabe significa *Em nome de Deus.*

[60] Verde e branco são cores frequentemente associadas ao Islão, pois eram as preferidas do Profeta Mohamed. Não consegui saber, no entanto, se este facto está ligado ou não à escolha das cores, uma vez que a maioria das participantes é muçulmana.

parte da frente, num dos lados do peito, as blusas das gestoras do xitiki evidenciavam os seus cargos, podendo ler-se "*Bismillah* – Presidente" ou "*Bismillah* – Tesoureira". A palavra "associação" chamou-me bastante a atenção no momento em que a li estampada nas costas de uma das participantes e, de modo a distinguir esse xitiki de outros que pesquisava ao mesmo tempo, comecei a referir-me a eles como associativos.

O grupo em questão é composto por cerca de 65 participantes, com os mais variados perfis, na sua maioria muçulmanas (daí a origem do nome, Bismillah) e, do que me foi possível perceber, algumas pertencem à mesma família. Fazem três encontros mensais, sempre às Segundas-Feiras, sendo que no primeiro organizam-se as listas do xitiki e escolhem-se as senhoras que irão receber esse mês (recebem duas pessoas) e nos outros dois acontecem os convívios, sempre em casa da pessoa que vai receber[61]. As senhoras contribuem com um valor pequeno para comprar a capulana e o lenço, para o lanche e para o apoio, que normalmente se usa para comprar presentes, que se oferecem depois às senhoras que vão receber o dinheiro e às mulheres que fazem parte da gestão, como a presidente, a vice-presidente, a tesoureira, a secretária, etc. Os presentes são, normalmente, loiça para casa. O montante total acumulado não é fixo, pois existe uma base de 500.00MT, mas assim como acontece noutros tipos de xitiki, há quem dê valores mais altos. Desta maneira, a entrada no grupo não fica só restringida a quem pode pagar valores altos, sendo que existe uma atenção em estipular um valor possível para todas. Assim, o montante total pode chegar facilmente a 100.000,00MT. A este propósito, a D. Fatú conta que pagou o casamento de um dos filhos com o dinheiro que recebeu do grupo de xitiki a que pertence, o que dá ideia dos valores que se podem acumular.

No dia do encontro a que fui, encontrei-me com a D. Laura na sua casa, pois iríamos juntas ao xitiki. Antes de sairmos, deu-me um lenço e uma capulana e ajudou-me a amarrá-los na cabeça e na cintura, pois percebeu a

[61] As duas senhoras que recebem o dinheiro não o fazem no mesmo dia, como se poderia pensar. Cada uma delas faz um encontro na sua casa, com a presença do grupo e com comida, cânticos, danças e trocas de presentes.

minha falta de jeito. Ela estava com uma saia da mesma capulana, uma t-shirt com os dizeres "*Bismillah*" e "presidente" e carregava consigo uma pasta, de tipo executivo, com os papéis do xitiki e um grande bolo, que me pediu para levar atrás no carro. Antes de chegarmos ao local do encontro, que seria na Matola[62], passámos na casa de uma participante do grupo onde outras esperavam, sentadas numa mesa posta do lado de fora da casa, pelo ônibus que nos levaria a todas ao local do xitiki.

A ida, que durou pouco mais de trinta minutos, foi silenciosa. As senhoras pareciam concentradas na paisagem, absortas nos seus pensamentos, algumas mexendo no celular e levando ao colo presentes enormes para as gestoras e para a senhora que iria receber. O encontro foi numa quinta muito grande – que a dona usa para a organização de diversos tipos de eventos, como casamentos – onde foi feita uma construção aberta dos lados mas com tecto. Ao lado desse local havia outro, também com tecto, onde estavam montadas mesas como se de um casamento se tratasse, com cadeiras à volta, tudo bem decorado em tons de verde e branco, onde seria o local da refeição. Confesso que fiquei bastante surpreendida com a qualidade da apresentação, mas logo me lembrei de que a dona da casa era organizadora de eventos, o que poderia explicar todo o cuidado. Me perguntei se os outros encontros obedeciam ao mesmo padrão ou seria aquela uma excepção.

O primeiro local que identifiquei, grande o suficiente para caberem cerca de duzentas pessoas, foi o escolhido para a gestão e entrega do dinheiro. Havia várias cadeiras dispostas em linha, umas atrás das outras, e ao fundo, destacada, uma mesa quadrada, grande e com cadeiras à volta. À medida que chegavam, as senhoras sentavam-se nas cadeiras, enquanto as gestoras colocavam os presentes, a pasta da presidente e as listas de organização em cima da mesa. As senhoras da organização foram-se sentando à volta da mesa enquanto as outras conversarvam entre si. Também eu aproveitei para conversar com algumas senhoras que ali estavam e que

[62] Capital da província de Maputo, a cerca de 13km da cidade de Maputo. Devido ao seu dinamismo económico e demográfico, foi elevada à categoria de cidade em 2007.

achavam curiosa a minha presença, pelo facto de eu estar a tirar fotos e ser a única branca com um lenço na cabeça e capulana amarrada à cintura, que estava sempre a cair, o que me obrigava a ter que estar constantemente a amarrá-la. Num desses momentos atrapalhados, umas das mulheres que estava sentada chamou-me e ajudou-me a amarrar a capulana, ensinando-me a melhor maneira de fazê-lo para que ela não voltasse a cair. Durante cerca de uma hora, as participantes foram-se levantando e entregando o dinheiro do xitiki às gestoras, sentadas à volta da mesa, que anotavam em vários cadernos e folhas e contavam o dinheiro. Na mesa, do que pude perceber, estavam a presidente, a vice-presidente e, distribuídas pelo resto da mesa, a secretária, a tesoureira e duas coordenadoras. Havia só mulheres naquele espaço, de todas as idades, mas sobretudo acima dos 50 anos, algumas com filhos e netos ao colo. Depois das contas feitas, organizou-se a entrega do dinheiro e dos presentes. Fez-se uma fila atrás da mesa onde estavam as organizadoras, com algumas mulheres a carregar bandejas com copos, outras presentes. A aniversariante ficou no meio enquanto as outras cantavam os parabéns e a cumprimentavam com um abraço e um beijo. Durante um tempo a comemoração tomou conta do local, com muitos risos, canções, danças e, sobretudo, muita diversão e gargalhadas. A D. Laura era a mais animada, cantando várias músicas diferentes, indo para o meio da roda e dançando muito, chamando as outras para dançarem com ela.

Um tempo depois, dirigimo-nos ao salão do lado, onde estavam organizadas as mesas para a refeição. Eram mesas de dez lugares e, enquanto nos sentávamos, reparei que a única mesa com lugares marcados era a destinada às senhoras da gestão do xitiki, desde a presidente até às tesoureiras, o que deu a impressão de certa hierarquia entre as mulheres do grupo, algo de que já me tinha apercebido. Durante um bom tempo o salão foi inundado pelo som de conversas, gargalhadas, pratos, talheres e copos a serem manuseados. Conversei bastante com as senhoras com quem me sentei, fazendo perguntas sobre o xitiki e a experiência delas. Quase todas ali trabalham por conta própria, fazendo bolos, comidas para fora ou dando aulas de culinária, e pertencem a mais de um xitiki, tendo a semana bastante

preenchida com convívios. Quando lhes perguntei como conciliavam tantos xitikis e, principalmente, tantos lanches, algumas delas riram-se e disseram que sempre dava para conciliar, o que não dava era ficar em casa, que os convívios eram importantes para estarem juntas, verem-se.

Quando todas já tinham comido, algumas senhoras passaram nas mesas carregando caixas com marmitas, que distribuíram por todas. Lá dentro havia bolos e doces, para levarmos para casa. Nessa altura as senhoras começaram a levantar-se e a despedir-se umas das outras. O dia estava no fim e a escuridão ia tomando conta do jardim onde o ônibus nos esperava. O regresso a Maputo foi completamente diferente. As senhoras estavam visivelmente animadas, divertidas e passaram a viagem toda a cantar, dançar e fazer palhaçadas, me chamando a atenção várias vezes para as letras das músicas que cantavam e me incluindo nas brincadeiras.

Pude vislumbrar, naquela agitação, uma união muito forte entre as senhoras, que se conhecem bem e se apoiam em diversas situações. Descobri, também no caminho de volta, que algumas das senhoras, principalmente as mais velhas, pertenciam ao mesmo xitiki da D. Fatú, que mencionei anteriormente e que existe há mais de 45 anos. Foi curioso perceber, aliás, através das histórias e experiências que as senhoras me foram relatando, a existência de vários grupos de “xitiki associativo” espalhados por Maputo e ligados entre si por estas mulheres que, em alguns casos, participam em dois deles. A título de exemplo, uma das participantes do xitiki Bismillah contou-me que participa também no xitiki do Xipamanine, do qual a D. Fatú faz parte, que por sua vez também conhece algumas participantes do Bismillah. Ou seja, existe um emaranhado de xitikis associativos através dos quais estas mulheres se movimentam, se conhecem e trocam informações. Devido ao tempo limitado que tinha para concluir a pesquisa de campo, não pude aceitar os posteriores convites para assistir aos outros encontros. No entanto, pude perceber, a partir do que observei e das falas da D. Laura, D Fatú e Farida, que este tipo de xitiki possui um forte carácter associativo, carácter esse que pode ser pensado como uma união de esforços de várias pessoas para atingir um

fim comum. Uma série de elementos constitutivos dos grupos e que os distinguem de outros tipos de xitiki revelaram esse carácter. Todos os xitikis possuem um nome específico, nome esse que faz referência a alguma característica comum e específica das participantes, como a religião que professam e o bairro onde vivem (como por exemplo os grupos *Bismillah, Anzabe* e *Moafile*). Os grupos são constituídos por uma presidente, vice-presidente, tesoureira, secretárias, entre outros cargos, organização essa que só encontrei nestes xitikis. Elementos que só encontrei também nestes xitikis são o uso de capulanas e blusas como uniformes que dão a sensação de pertença e igualdade entre as participantes.

Xitiki familiar

Mesmo depois de ter começado a seguir os xitikis da família da Maxaquene e da Mafalala, continuei a receber convites para conhecer outros grupos dos quais algumas interlocutoras fazem parte, de tipo familiar. No entanto, e como referi anteriormente, várias vezes as datas dos encontros coincidiam e eu tive que escolher entre participar em encontros de famílias distintas ou me centrar em duas delas. Como ficou evidenciado no primeiro capítulo, escolhi a segunda opção. No entanto, consegui participar num encontro do grupo da Cacilda[63], que já me havia convidado algumas vezes para ver como era o seu xitiki e conhecer a sua casa.

Numa tarde, e enquanto passava uma pilha de roupa na sala, a Cacilda contou-me sobre a sua experiência com xitiki. Para além do *xitiki de serviço* que faz com o pessoal da casa desde que ali começou a trabalhar, a Cacilda participa há cerca de nove meses de um *xitiki familiar*. Foi através de

[63] A Cacilda, como já mencionei anteriormente, trabalha como empregada doméstica na casa dos meus pais.

uma prima que entrou no grupo, quando este já estava a meio, depois de ir a um encontro e ter gostado do que viu.

O encontro, o primeiro na casa da Cacilda, que iria receber o dinheiro pela primeira vez, aconteceu num Sábado. O percurso entre a minha casa, no bairro de Sommerschield[64], e a casa da Cacilda, no bairro de Magoanine CMC[65], foi acompanhado por bastante trânsito, alguns erros de caminho e um ligeiro atraso. Cheguei passava um pouco das 14h30 e foi a própria Cacilda quem abriu a porta. O quintal era grande, de terra batida[66] e algumas árvores de cada lado, com bastante sombra – embaixo das quais estava montada uma mesa de plástico com uma toalha de renda portuguesa, loiça e copos por cima - e a casa, de cimento sem ser pintada, encontrava-se ao fundo. Havia muro a toda a volta do terreno, menos num lado que dava acesso à parte de trás do bairro. O filho da Cacilda, de cerca de 3 anos, estava sentado à porta de casa dentro de uma bacia com água, a tomar banho e a divertir-se jogando água e esfregando o corpo.

Cá fora, onde ficámos durante todo o tempo que a festa durou, cozinhava-se em fogões a carvão. A Cacilda, de capulana amarrada na cintura, estava a preparar xima, com a ajuda de duas jovens. Uma delas, Alice, é amiga de longa data da família da Cacilda, foram vizinhas no bairro de Polana

[64] O bairro de Sommerschield faz parte da chamada área urbana ou "cidade de cimento" – termo que vem desde o tempo colonial e representa, juntamente com o termo "cidade de caniço", a cidade dual que se construiu -, composta "(...), por bairros organizados, de avenidas e ruas amplas, com edifícios de diversos pisos (o prédio mais alto da cidade tem 33 andares), bairros de vivendas, comércio especializado, diversos e variados serviços e infra-estruturas sociais e de abastecimento e saneamento" (Araújo, 1999, p. 176). No entanto, acrescenta Araújo, "a separação entre o urbano e o suburbano não deve ser vista como estática e definitiva. Na realidade, os bairros suburbanos que confinam com os urbanos encontram-se num rápido processo de transformação" (Ibid., p. 177).

[65] O bairro de Magoanine, situado a norte e nos limites da cidade, está inserido na chamada área periurbana ou cidade de caniço que, assim como a área suburbana, "(…) crescem sem qualquer plano de ordenamento, de forma espontânea, sem infra-estruturas adequadas, com uma rede viária que é uma rede de ruas estreitas e tortuosas, caminhos e vielas e onde predominam as casas de caniço, donde vem a designação, e de Madeira e zinco que aqui funcionam como um símbolo de uma certa urbanidade" (Ibid., p. 176).

[66] Os quintais das casas em Maputo, assim como as calçadas em frente a elas são, normalmente, cuidados minuciosamente. Um dos primeiros sons que se ouve ao amanhecer é exactamente o da vassoura a varrer o chão das casas.

Caniço[67], onde moraram por muitos anos. Quando a Cacilda e a mãe – que deu o nome à irmã mais nova da Alice - se mudaram para Magoanine, a Alice foi com elas e viveu lá um tempo. A Cacilda comentou comigo que ela estava ali no papel de madrinha do xitiki, para testemunhar o momento em que esta recebesse o dinheiro. Estavam a assar galinhas, a fazer uma feijoada e a cozinhar uma cabeça de porco. Estava também a Elisa, a prima que a convidou para entrar no xitiki, a andar de um lado para o outro a arrumar coisas. Perguntei várias vezes se queriam ajuda, mas todas recusaram dizendo que não havia necessidade, que estava tudo encaminhado. A Cacilda levou-me a conhecer a parte de dentro da casa, constituída por uma sala, uma cozinha, o quarto dela e do filho, o quarto dos irmãos e um mais pequeno, ao lado da cozinha, onde dorme um primo que está a viver com eles. Havia uma televisão na sala, sofás um pouco desgastados e uma estante com algumas fotos da Cacilda com o filho e da Joana, mãe dela que morreu há cerca de 3 anos e que trabalhou na minha casa. No quarto da Cacilda havia uma cama de casal, em cima da qual reparei que estava o saco de dormir antigo da minha irmã, a fazer de colcha. À volta do quarto havia muita roupa empilhada, algumas das quais reconheci, como uma saia que foi da minha mãe, e uma cómoda com algumas bijuterias em cima, igualmente reconhecidas como tendo sido minhas. Confesso que fiquei com uma sensação estranha ao ver todos aqueles objectos familiares espalhados pela casa, como que a confirmarem os laços que me unem à Cacilda. Quando saímos da casa a Cacilda veio sentar-se comigo debaixo da árvore e ficámos a conversar um pouco. Estava muito calor, muito calor mesmo e esse foi um dos assuntos mais comentados durante todo o dia.

A Elisa, prima da Cacilda que a convidou a entrar no grupo, foi sua vizinha na Polana Caniço, quando a família vivia lá. Uns anos depois, quando estavam já em Magoanine, o marido da Elisa comprou o terreno ao lado da casa da Joana, mãe da Cacilda, por conselho dela, onde construíram uma casa de caniço e viveram um tempo. Quando se separaram - a Elisa sofreu violência

[67] Bairro suburbano da cidade de Maputo, que tem crescido e se transformado rapidamente (Araújo, 1999).

doméstica durante muito tempo, algo que fiquei sabendo ouvindo as conversas -, o marido vendeu o terreno e a Elisa voltou para casa da mãe. Actualmente vive com o novo marido no mesmo bairro da Cacilda, bem perto dela.

A Cacilda disse que tinha uma vizinha que vivia em frente que também fazia xitiki e que iria chamá-la para conversar comigo. Mandou o filho chamá-la e um tempo depois apareceram a Florência e a Laura, ambas vizinhas. Fomos apresentadas e sentámo-nos debaixo da árvore um tempo a conversar. Os temas foram praticamente os mesmos: o calor, o atraso das pessoas que ainda não tinham chegado, a Joana, falecida mãe da Cacilda, e a falta que ela fazia, diferenças nos xitikis que cada uma faz, entre outros. A nossa conversa foi interrompida pela Cacilda, que pediu às duas vizinhas, Laura e Florência, que me acompanhassem num passeio pelo bairro, enquanto as coisas não ficavam prontas, para conhecer a padaria, o quartel, entre outros locais. No início fiquei surpreendida e um pouco hesitante, porque não queria perder o que se passava ali no pátio de casa, mas logo achei a ideia óptima, pois era uma oportunidade de conhecer um pouco mais o bairro e conversar com as senhoras, que estavam a ser muito receptivas e simpáticas comigo. Enquanto andávamos pelas ruas de areia, senti alguns olhares na nossa direcção, com certeza pelo facto de verem uma branca ali perdida, uma pessoa que nunca tinham visto antes por aquelas bandas[68]. Íamos conversando sobre o bairro, sobre o que havia ali, passámos pela casa da Esmeralda (outra senhora que trabalha na minha casa), que elas fizeram questão de apontar, mas falámos sobretudo sobre a Joana, falecida mãe da Cacilda, e de como ela era uma boa pessoa, sempre alegre e boa para todos. A Florência contou que muitas vezes a Joana vinha para casa com roupa que eu e a minha mãe lhe tínhamos dado, chamava-a e dava-lhe algumas peças. Quando dei por mim, estávamos em frente a um bar chamado *Djambo* e entrámos porque elas disseram que era muito bonito. O local era realmente agradável, com um jardim, uma parede colorida onde ficava o balcão, a tv ligada e mais ninguém a não ser nós as três. Quando nos aproximámos do balcão apareceu a atendente

[68] Grande parte da população branca moçambicana está concentrada na área urbana da cidade de Maputo, daí o espanto das pessoas do bairro ao me verem passeando por lá.

e perguntou o que queríamos. A Laura tirou dinheiro da capulana, mas eu logo disse que quem convidava era eu e perguntei o que elas queriam. Ambas pediram uma cerveja Lite e eu uma Coca-Cola. *"Não bebes?"* perguntaram as duas quase ao mesmo tempo, ao que respondi que bebia sim, mas naquele momento não estava com vontade. Sentámo-nos e continuámos a conversa. Quando voltámos para casa da Cacilda, ainda não tinha chegado ninguém, mas já havia música. Os irmãos da Cacilda e alguns amigos estavam sentados à porta de casa e ao lado deles tinham colocado um som. Enquanto as senhoras que tinham estado a cozinhar tomavam banho, uma de cada vez, eu e as duas vizinhas continuávamos a conversa, sentadas nas cadeiras de plástico cá fora, em círculo. Por volta das 17h chegou a primeira participante, na casa dos seus 50 anos, de capulana na cintura e na cabeça. Sentou-se no nosso círculo e por lá ficou, depois de nos ter sido apresentada. As conversas continuaram enquanto o sol se ia pondo. Marcado para as 14h, o almoço estava bastante atrasado e essa era a principal reclamação. Por volta das 18h chegou um grupo grande de senhoras, as restantes participantes, que me foram todas apresentadas. Ali estavam irmãs, filhas e primas. Pouco depois, já depois de ter escurecido, colocaram as comidas na mesa - as pessoas estavam sentadas num semi-círculo, de um dos lados da mesa - e o pessoal começou a servir-se. As crianças - que foram surgindo sem que eu me apercebesse - foram sentadas numa esteira no chão, todas organizadas, a comer. Enquanto comiam, as pessoas iam conversando umas com as outras, principalmente em changana, o que fez com que eu ficasse um pouco de fora por não dominar a língua. Fui tentando tirar algumas fotos, mas estava já muito escuro. Conversei também um pouco com as outras participantes do xitiki, que me fizeram muitas perguntas sobre o meu trabalho e sobre o que eu queria saber do xitiki. À nossa volta a música continuava a tocar, entre ritmos sul-africanos e música tecno, com algumas crianças e homens a dançarem.

Um pouco depois de comermos, e sem que eu me apercebesse, uma parte do grupo, incluindo a Cacilda, entrou na casa para entregar o dinheiro. Quando me apercebi do que estavam a fazer lá dentro, aproximei-me e ainda apanhei uma discussão entre a Cacilda, que tinha na mão um caderno

com as anotações do xitiki, e as outras senhoras. Soube depois que a discussão era pelo facto de algumas senhoras não terem ido e não terem o dinheiro suficiente, inclusive a contribuição do almoço. Um pouco depois saíram todas em grupo, com a Cacilda e a Alice, que não faz parte do grupo, na frente. As senhoras iam cantando enquanto caminhavam em bloco em direcção à mesa onde estava a comida. Depois de pararem, continuaram a cantar e, ao som de muitos ululos, entregaram o maço de notas à Cacilda, que o recebeu juntamente com a madrinha Alice e o sacudiu no ar, para que todos pudessem ver. As danças e músicas continuaram durante bastante tempo. A certa altura eu, que tinha trazido de presente uma capulana para a Cacilda, fui chamada pelas senhoras para ir até ao centro do círculo que se tinha formado, de modo a entregar o presente e dançar com elas. Cada uma ia para o meio da roda e dançava, mexendo as ancas enquanto as outras aplaudiam e gritavam. Houve um momento em que algumas delas, das mais novas às mais velhas, estenderam uma capulana no chão e, em meio às danças, músicas, gritos e palmas – tudo devidamente acompanhado pelas crianças - deitaram-se e começaram a simular posições sexuais entre si, rindo sempre muito. Enquanto aconteciam estas danças, os poucos homens que estavam no convívio continuavam no seu canto, à entrada de casa, com a sua música alta que em nada atrapalhava as danças e cânticos das mulheres. Assim ficámos um bom tempo, até nos cansarmos e nos voltarmos a sentar à volta da mesa e a conversarmos umas com as outras, já mais à vontade e animadas. Nessa altura muitas delas se sentaram ao meu lado e, muito entusiasmadas, me chamaram para ir aos seus xitikis. O resto da noite passou-se entre conversas, muita música, bebida e bastante dança. Fui embora por volta das 21h, enquanto a animação continuou madrugada afora.

Nos dias que se seguiram a esse encontro, conversei um pouco mais com a Cacilda para esclarecer dúvidas sobre a composição e organização do grupo. Percebi então que a Elisa e a Cacilda não são primas em termos consanguíneos, mas se tratam como tal pela proximidade que têm uma com a outra. O xitiki é composto assim por 11 mulheres, todas familiares consanguíneas e afins da Elisa – mãe, tias, sobrinhas e primas - e a Cacilda.

Este facto revela – assim como enfatizei acima - como as fronteiras entre os vários tipos de xitiki não são rígidas, sendo a tipificação por mim elaborada um exercício de organização das práticas que observei e que me foram relatadas.

Xitiki cartão

Apesar de não ter tido contacto directo com este tipo de xitiki, várias interlocutoras me falaram sobre esta que é uma prática bastante comum entre trabalhadores dos mercados ditos informais, na sua maioria mulheres. A D. Fátima, que faz bolos para fora, contou-me que há alguns anos atrás fez *xitiki cartão*, através de jovens contratados por ela que vendiam de forma ambulante os seus bolinhos fritos nos mercados e que se encarregavam de depositar diariamente um montante fixo. Com esse dinheiro, comprava os ingredientes para fazer os bolos, de maneira a ter sempre em stock quando recebesse encomendas.

Muito comum especialmente nas cidades de Maputo e Matola (Gomes, 2008), o *xitiki cartão*, *xitiki geral* ou *banca móvel* é muito popular nos mercados ditos informais e consiste num sistema diário de poupança depositado nas mãos de operadores que ali trabalham. É uma espécie de banco informal móvel, onde comerciantes – dos chamados sectores formal e informal – depositam, diariamente, um montante fixo durante 31 dias, sendo que o valor referente ao último dia reverte a favor dos operadores, como uma espécie de salário. Esse montante varia de acordo com as capacidades de cada contribuinte. Este tipo de xitiki permite que os comerciantes, que normalmente fazem lucros diários, tenham como guardar esse dinheiro (e não levá-lo consigo, correndo o risco de o gastar ou serem assaltados), além de não dependerem de um grupo, podendo poupar de acordo com as suas próprias capacidades.

Padil (2011) esclarece, na sua pesquisa sobre *xitiki cartão* - onde buscou comprender as motivações que levam vendedoras de carne de um mercado de Maputo a aderirem a esta prática -, que este não integra a lógica de grupo e por isso, não se apresenta como "um mecanismo de natureza rotativa e de inter-ajuda como é o caso do xitiki mais comum" (Padil, 2011, p. iv). O surgimento do *xitiki cartão* está ligado, ainda segundo a autora, aos conflitos que aconteciam dentro de outros tipos de xitiki que integram a lógica de grupo, nomeadamente a "falta de pagamento ou de desonestidade por parte de uma das integrantes do grupo de xitiki" (Ibid., p. 18).

No caso do grupo pesquisado por Padil, a tesoureira – que recolhe, guarda e ao fim de um mês devolve o dinheiro a cada contribuinte, mediante o pagamento correspondente a um dia – é uma comerciante do mesmo mercado onde trabalham as vendedeiras de carne, da confiança de todas pelo cargo de chefia que ocupa naquele local. Com o crescimento da adesão a esta prática, a tesoureira contratou e circula diariamente com seguranças, que a acompanham na recolha do dinheiro e regresso a casa. A prática baseia-se num contrato verbal entre a tesoureira e as vendedeiras, escolhendo cada uma delas o montante que pretende depositar diariamente. De modo a confirmar o valor pago, e para garantir a seriedade do contrato verbal, a tesoureira regista as operações num caderno, marcando um círculo na data a que corresponde cada pagamento. Faz também o registo num cartão – daí o nome deste tipo de xitiki - que é entregue a cada uma das participantes, de modo a que possam também controlar quanto terão a receber. Este tipo de xitiki pode ser interrompido a qualquer momento, não há necessidade de chegar ao fim do mês, desde que se pague à tesoureira o correspondente a um dia.

É interessante verificar como um dos principais motivos para se fazer certos tipos de xitiki, como é o caso do familiar, – o estar em grupo, a solidariedade e o sentido de união – é apontado como causador de conflitos e uma das razões da criação do *xitiki cartão*. Mais interessante ainda é o facto de, segundo Padil, algumas vendedeiras se sentirem insatisfeitas com a prática, pelo facto desta não incluir uma comemoração no seu encerramento,

que é percebida "como tendo por objectivo, para além da sua satisfação financeira, a comemoração com as colegas vendedeiras" (Ibid., p. 19).

Xitiki de amigos

Tu! Que tal, entras?

No segundo encontro da família da Maxaquene em que participei, perguntaram-me mais uma vez se queria fazer parte do grupo. Ia começar uma nova roda e as senhoras estavam a organizar as listas de participantes, uma vez que há pessoas que preferem sair ao fim de um ciclo, enquanto que outras continuam ou ainda há as que querem entrar[69]. Faltavam duas[70] pessoas para completar o grupo do xitiki de 1.000,00MT e a Gigi, de caderno e caneta na mão, virou-se para mim e fez-me a pergunta. Quase sem pensar, disse que sim, queria entrar. A verdade é que era a segunda vez que me perguntavam e achei que, fazendo parte do grupo, poderia estreitar a minha relação com elas e quem sabe vivenciar toda aquela experiência de maneira diferente, passando de observadora para participante. Logo depois de ter aceite o convite, lembrei-me que em breve iria embora e que não estaria presente na maior parte dos meses de duração do xitiki, mas as senhoras disseram-me que eu poderia colocar uma amiga no lugar, o que posteriormente fiz.

No encontro seguinte, um mês depois, consegui perceber uma subtil diferença de comportamento, tanto da minha parte como das outras senhoras, pelo menos com as que iam com mais frequência aos encontros. Por ser já o terceiro encontro em que participava e por estar ali como parte do grupo,

[69] Em cada ciclo do xitiki há sempre mulheres que entram e saem, por diversas razões, mas há aquelas que estão sempre presentes. Uma das razões é que, por não quererem ultrapassar um ano de ciclo, para não demorar muito e as pessoas se cansarem, o número de participantes tem que ser limitado, não podendo ultrapassar 40 pessoas. Outras razões são mais pessoais, dependendo de mulher para mulher, tendo a ver por vezes com o facto dela não ter planos nesse ano ou estar desempregada e não ter como contribuir, entre outros.

[70] Para que não demore muito tempo, este xitiki tem no máximo dez pessoas, sendo que a cada mês duas recebem.

sentia-me mais à vontade, participando e interagindo com as senhoras mais espontaneamente. As conversas fluíram com mais naturalidade, ajudei na recolha do dinheiro juntando as notas que iam sendo dadas pelas participantes, dei a minha opinião em algumas discussões e até ajudei na venda das roupas em segunda mão, expondo as peças que a Gigi ia tirando do fardo.

A minha segunda e mais importante experiência com o xitiki começou a ser pensada quando, num dia em que conversávamos na cozinha enquanto ela preparava o almoço, a Esmeralda me disse que, já que eu estava a estudar xitiki e queria compreender como funcionava, deveria fazer também. A verdade é que eu já tinha pensado no assunto, mas alguns receios me assombravam, como tão bem explicitou Favret-Saada ao dizer que,

> (...) se eu "participasse, o meu trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse "observar", quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para "observar" (Favret-Saada, 2005, p. 157).

A verdade é que, após a participação em alguns encontros, percebi que ficar só a observar, sem participar de alguma forma, não me permitiria entender por completo o funcionamento da prática, assim como os sentidos a ela atribuídos. Sem reflectir muito mais, decidi criar um grupo. Não estava eu a pesquisar uma prática tão comum e tão presente na vida das mulheres, seja directa ou indirectamente? Não tinha grandes planos de construir uma casa, comprar um terreno ou um carro, mas nunca tinha conseguido fazer poupanças e seria uma boa oportunidade para tal, para além de poder contribuir de alguma maneira para a minha pesquisa. A minha participação no xitiki seria assim, "um instrumento de conhecimento" (Ibid., p. 157). Assim eu, a minha mãe Isabel, minha irmã Joana - que trabalha no norte do país, mas vem frequentemente a Maputo - e amigas Sara, Catarina, Clarice e Teresa – que vive em Portugal, mas vai com frequência a Moçambique -, todas sem qualquer experiência, começámos a fazer xitiki.

Depois de acertarmos as datas dos encontros, assim como o montante a contribuir e a sequência a seguir, ficou combinado que cada uma contribuíria com um mínimo de 2.500,00MT, sendo possível aumentar esse

valor sempre que quem recebesse estivesse de acordo. Porque todas queriam ser as primeiras a receber, recorremos ao sorteio para decidir a sequência em que receberíamos, tendo ficado eu em primeiro lugar. Decidimos também que faríamos um lanche todos os meses, para podermos estar juntas, conversar e partilhar a experiência do xitiki. O lanche seria sempre na casa da pessoa que iria receber, sendo que cada uma teria que trazer um doce/salgado[71] e uma bebida.

Ficámos todas muito animadas e ansiosas para começar o xitiki, já com ideias de planos para o dinheiro que receberíamos. O primeiro encontro foi na minha casa. Cada uma levou uma bebida e um salgado, como ficou combinado. Éramos cinco, pois como referi anteriormente, duas não estavam em Maputo. A minha mãe cobriu o dinheiro da Joana e a Teresa ficou de entregar a parte dela quando viesse, no mês seguinte. Como todas nos conhecemos bem e há imenso tempo, o clima foi de à vontade e descontração. Chegaram todas ao mesmo tempo e ficámos um pouco a conversar na sala de estar, com a mesa posta na sala de jantar. Uma meia-hora depois chamei o grupo para a mesa e, com a lista do xitiki na mão, imprimida previamente, sentámo-nos e cada uma foi tirando o seu dinheiro e me entregando, enquanto eu anotava no papel e o organizava em montes de notas iguais. Depois de contar o dinheiro, conferi com o papel para ver se batia certo e, para comemorar tê-lo recebido, agitei as notas no ar enquanto o resto do grupo batia palmas e gritava de alegria. Depois disso lanchámos e conversámos bastante. A certa altura, a Cacilda e a Esmeralda vieram à sala despedir-se e, antes de irem, começaram a cantar uma música comum nas cerimónias de xitiki em que participam. Ficámos depois a conversar e a comer, por mais cerca de duas horas, até todas irem embora. Recebi um total de 18,500.00MT, com os quais comprei uma máquina fotográfica e uma armação de óculos.

No último encontro antes de me ir embora, em Maio, o atraso da Sara levou a uma discussão sobre as regras do xitiki. Era a vez da minha mãe receber e estávamos, mais uma vez, em minha casa. A verdade é que os

[71] Ficou decidido também que cada uma de nós teria que confeccionar o doce ou salgado que levasse para o encontro.

encontros foram-se tornando cada vez mais importantes para nós e a presença de todas era necessária, senão obrigatória, pois de outra maneira o sentido se perderia. Nesse encontro particular, a Sara atrasou-se muito e avisou em cima da hora, o que aborreceu as restantes, que tiveram que ficar à espera dela para começar (os encontros só começam depois de estarem todas presentes). Discutimos então regras adicionais, de maneira a não permitir que situações destas se repetissem. A partir daquele momento o grupo passaria a contar com uma presidente, que teria a última palavra nas decisões a tomar. A escolhida foi a minha mãe, por ser a mais velha e a que ficou mais incomodada com os atrasos. Decidiu-se que, caso alguma de nós chegasse atrasada e não avisasse, teria que pagar dez por cento do valor da sua contribuição à pessoa em casa de quem se realizasse o encontro. Por fim, ficou decidido que a Sara ficaria no meu lugar de gestora do grupo, cujas actividades consistem em preparar as tabelas com os nomes, avisar as pessoas dos encontros e datas, via e-mail ou celular, receber o dinheiro, contá-lo e entregá-lo no dia do encontro e certificar-se de que todas assinaram a folha que comprova que o pagamento foi feito.

Depois de voltar ao Brasil, continuei participando do xitiki e dos encontros mesmo à distância, o que tornou a experiência muito mais desafiadora e inusitada. Apesar do xitiki conter na sua essência o sentido de proximidade, grupo e união, as novas tecnologias – que tiveram um papel importante neste processo - vieram mostrar-nos que, mesmo não sendo uma forma ideal, a distância não minou o desenrolar desta experiência. A troca de e-mails, conversas e partilha de fotos por *Whatsapp* a tempo real, vídeochamadas e o *Facebook* foram algumas das ferramentas usadas para todas pudéssemos estar presentes - mesmo na ausência[72]. A Joana – que não pôde participar em alguns encontros – afirmou em conversa, um tempo depois do ciclo terminar, que *"claro que o convívio e o contacto (mesmo por e-mail) a que o xitiki "obriga" é um óptimo side effect"*. Lembro-me da D. Fátima contar também, numa das conversas que tivemos, o quanto as ausências eram

[72] De maneira a nenhuma de nós faltar com o compromisso de dar a sua parte do dinheiro, ficou combinado que uma de nós adiantaria o dinheiro da que estivesse ausente.

sentidas nos encontros do seu grupo, uma vez que para eles o xitiki *"(...) é uma brincadeira que nós todos temos que estar juntos, não é justo também a pessoa faltar. Porque quando chegar a vez dela, em casa dela não ir ninguém, ela não vai gostar."*

A pesquisadora como xitikeira, uma reflexão

Ter começado a fazer xitiki não só mudou a maneira como pensava a prática, mas ajudou-me também a entender certos aspectos que até então não tinham ficado claros. Não quero dizer com isto que podia agora colocar-me no lugar das mulheres com quem estava convivendo. No entanto, pude entender melhor como o senso de compromisso e de que todos dependem uns dos outros é muito forte, logo de início. Como bem destacou a Clarice, numa conversa que tivemos,

> *Eu achei a experiência muito boa, não só porque dava para receber uma bolada de dinheiro de uma vez, mas porque ajudava a controlar os gastos porque eu sabia que tinha um compromisso com outras pessoas e esse valor eu não poderia falhar.*

Quando começámos não levávamos a experiência tão a sério, mas à medida que os encontros foram acontecendo, que fomos vendo como realmente funcionava, que nos fomos adaptando às regras (algumas criadas por nós e outras adaptadas do que conhecíamos) e descobrindo que afinal era possível poupar e fazer planos a médio prazo, planos esses que envolvem dinheiro - coisa que nenhuma de nós conseguia fazer antes -, o xitiki foi tendo todo um outro significado para nós. A Joana, por exemplo, destacou o facto do xitiki ter sido *"um incentivo para poupar uma quantia que de outra forma se calhar não pouparia e acho que me obrigou também a pensar em algo útil para fazer com o dinheiro, em vez de gastar em coisas banais ou pôr só no banco"*. A Clarice também destacou, numa troca de *e-mails*, esses aspectos, dizendo que

> *Eu acho que o que mais gostei foi o facto de se poder criar essa convivência periódica que muitas vezes não existe porque não se encontra tempo. Mas com o xitiki havia um compromisso marcado com agenda certa e todas faziam questão de cumprir. Eu celebrava não só receber os valores mas ter conseguido juntar esse valor e poder investir em algo útil, no meu caso para a minha obra. Eu não conhecia muito do ritual xitikense. Aprendi com você e por imitação segui todos os procedimentos meticulosamente controlados pelas gestoras. Acho que a razão de sabermos está no facto de muitas pessoas frequentarem vários grupos e as tradições do xitiki vão perpetuando e renovando também, desde as comidas aos procedimentos no dia. O sacudir do dinheiro seria para mim o alívio de finalmente chegar a minha vez e o show off para quem ainda não recebeu*.

Lembro-me que, uma vez, antes de um dos encontros, ouvi a minha irmã, que estava em Maputo a passar férias, dizer à minha mãe que queria muito que a vez dela calhasse numa altura em que ela estivesse lá, pois não queria receber o dinheiro sem comemorar conosco. Percebi então que aquela experiência ganhava novos contornos e significados. Era um momento de, como tantas vezes ouvi em campo, convivermos umas com as outras, conversarmos sobre a nossa vida, coisas boas e más, partilharmos emoções, sentimentos, discutirmos bastante, estarmos à vontade e aproveitarmos a companhia uma das outras. Por estas razões, qualquer atraso ou ausência (física ou virtual) era fortemente lamentado, pois quebrava um pouco o processo.

A esse propósito, Loforte (2000) comenta que, por ocasião da realização de rituais que envolvem toda a família, os vínculos entre os familiares são reactivados. Eu penso que o mesmo se pode aplicar às relações que se criam ou reforçam através do xitiki, o que conteceu com o grupo de xitiki do qual fiz parte. Apesar de sermos quase todas amigas de longa data e nos encontrarmos frequentemente, o xitiki permitiu uma maior aproximação entre nós, um maior sentido de compromisso, de união, de grupo, de dever, um estreitamento dos laços afectivos, familiares e de amizade, não esquecendo, no entanto, que esta maior aproximação envolveu também – e em alguns momentos -, negociações, tensões, e reformulações, como aconteceu em relação aos atrasos e às ausências inesperadas. A Joana descreveu, a este propósito, quais seriam as partes menos boas da prática do xitiki, destacando *"(...) o facto de eu estar longe e de mesmo sendo um grupo pequeno, várias*

vezes houve faltas e atrasos". Também a Clarice destacou os atrasos como a parte negativa do grupo, dizendo que

> *Atrasos conta? E faltas, inclusive as minhas, mesmo que por questões de saúde acho que podem ter quebrado um pouco o processo. A distância de algumas também se sentia, acho eu. Talvez porque realçava a saudade da bagunça e tal.*

As experiências de xitiki aqui descritas, provenientes não só dos grupos de xitiki que observei e dos quais participei, mas também de todas as mulheres com quem conversei e convivi – e também da minha participação no grupo que criei – permitiram uma maior consolidação da ideia com que parti inicialmente, de que o xitiki é muito mais que uma prática económica, se reveste de múltiplos sentidos e que coloca em circulação não só dinheiro, mas também família, informação, comida, presentes, casas, entre outros elementos que compõem a prática.

CADERNO DE FOTOS II

DOS OUTROS XITIKIS EM FOTOS

Bismillah, xitiki associativo


MUSCU MALHAZINE
MMX
09-64
MUSCUMALHAZINE






Associação da
Boa Vontade




Bismillah
Presidente

Xitiki da Cacilda, familiar









A pesquisadora como xitikeira, xitiki de amigos





















Dos cadernos de gestão

XITIQUE DA FAMILIA PIRES & AMIGOS

RECIBO Nº 063/XFPA/2013

1.000,00 MT

Recebemos do(s) Exmo(s) Sr.(s) Cyntia Lorraine Elias

a quantia de Mil Meticais

proveniente de Pagamento do Xitique da família Pires e Amigos.

de que passamos o presente recibo. Referente a 2ª Volta.

☒ Numerário

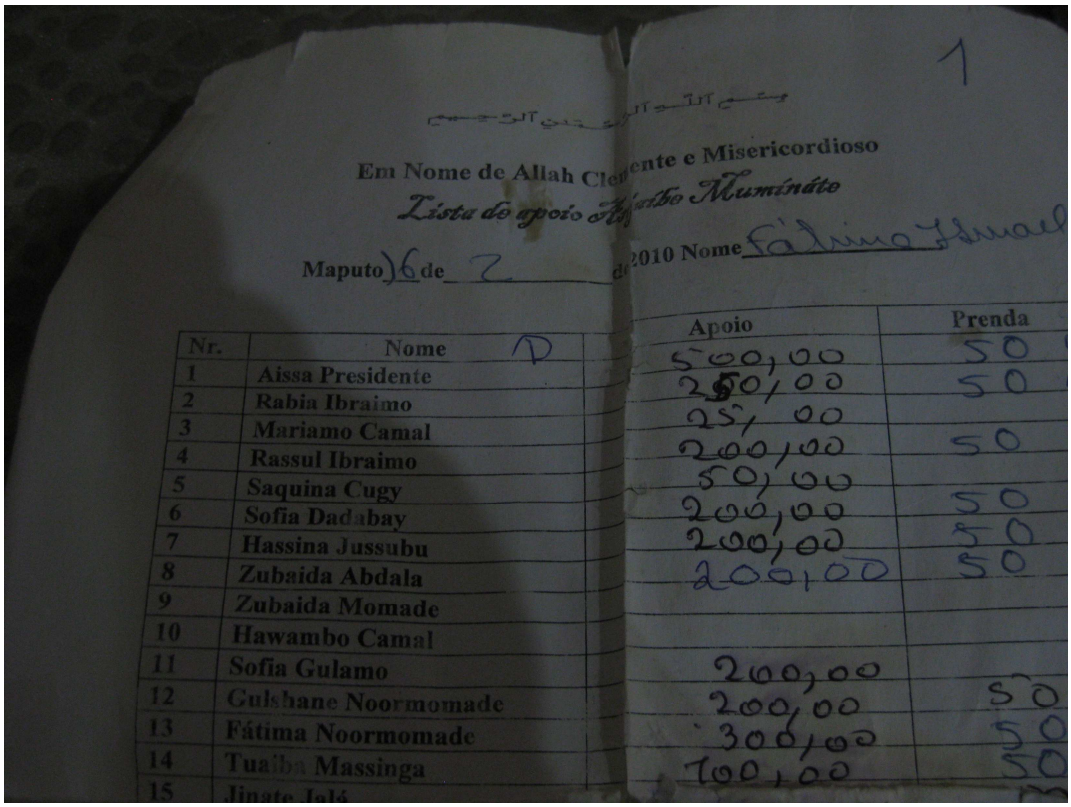
☐ Cheque nº .....

☐ Banco .....

25 de Março de 2013

(Assinatura e Carimbo)

VAP - SERVIÇOS



1

Em Nome de Allah Clemente e Misericordioso

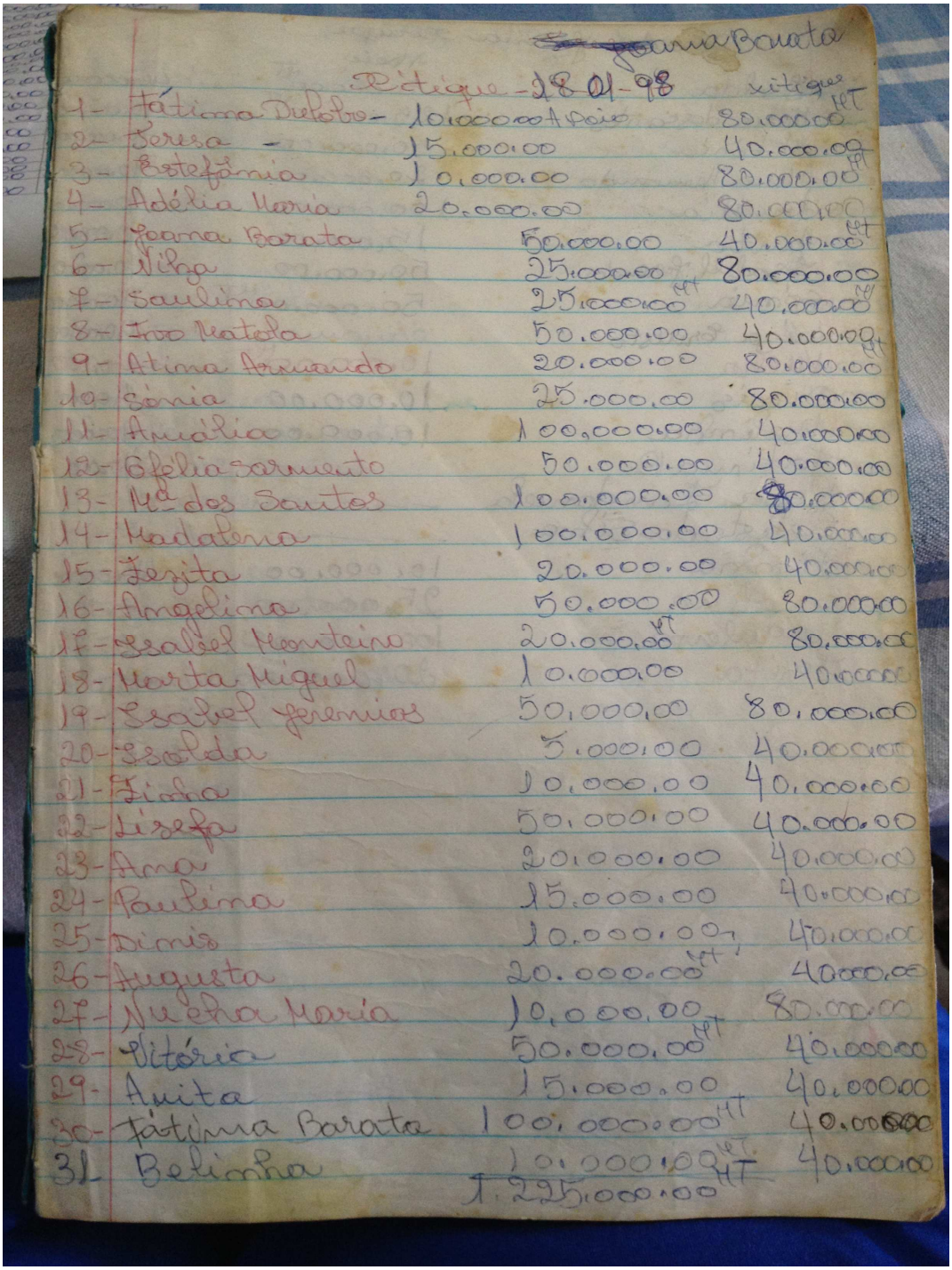
Lista do apoio Kitchebo Muminato

Maputo 6 de 2 de 2010 Nome Fátima Ismael

Nr.	Nome	Apoio	Prenda
1	Aissa Presidente	500,00	50
2	Rabia Ibraimo	250,00	50
3	Mariamo Camal	25,00	
4	Rassul Ibraimo	200,00	50
5	Saquina Cugy	50,00	
6	Sofia Dadabay	200,00	50
7	Hassina Jussubu	200,00	50
8	Zubaida Abdala	200,00	50
9	Zubaida Momade		
10	Hawambo Camal		
11	Sofia Gulamo	200,00	
12	Gulshane Noormomade	200,00	50
13	Fátima Noormomade	300,00	50
14	Tuaiba Massinga	100,00	50
15	Jinate Jalá		







Joana Barata

		Xitique - 28-01-98	Xitique
1-	Fátima Delobo	10.000.00 4 pais	80.000.00 HT
2-	Teresa -	15.000.00	40.000.00 HT
3-	Estefânia	10.000.00	80.000.00 HT
4-	Adélia Maria	20.000.00	80.000.00
5-	Joana Barata	50.000.00	40.000.00 HT
6-	Nilza	25.000.00	80.000.00
7-	Saulina	25.000.00 HT	40.000.00 HT
8-	Ivo Natela	50.000.00	40.000.00 HT
9-	Atina Armando	20.000.00	80.000.00
10-	Sónia	25.000.00	80.000.00
11-	Amália	100.000.00	40.000.00
12-	Ofélia Sarmento	50.000.00	40.000.00
13-	Mª dos Santos	100.000.00	80.000.00
14-	Madalena	100.000.00	40.000.00
15-	Zezita	20.000.00	40.000.00
16-	Angelina	50.000.00	80.000.00
17-	Isabel Monteiro	20.000.00 HT	80.000.00
18-	Marta Miguel	10.000.00	40.000.00
19-	Esabel Jeremias	50.000.00	80.000.00
20-	Isolda	5.000.00	40.000.00
21-	Zinha	10.000.00	40.000.00
22-	Lizefa	50.000.00	40.000.00
23-	Ana	20.000.00	40.000.00
24-	Paulina	15.000.00	40.000.00
25-	Dinis	10.000.00	40.000.00
26-	Augusta	20.000.00 HT	40.000.00
27-	Nelha Maria	10.000.00	80.000.00
28-	Vitória	50.000.00 HT	40.000.00
29-	Anita	15.000.00	40.000.00
30-	Fátima Barata	100.000.00 HT	40.000.00
31-	Belinha	10.000.00 HT	40.000.00
		T. 225.000.00	

Considerações Finais

Procurei, neste trabalho, ampliar as definições atribuídas ao xitiki, mostrando que este não deve ser reduzido apenas a uma prática de poupança e crédito rotativo. O melhor modo de o fazer foi evidenciar os múltiplos sentidos que as interlocutoras desta pesquisa atribuem ao xitiki, através das suas práticas, experiências pessoais e relações que se estabelecem entre as participantes e cujos vínculos são tecidos de diversas maneiras. Tal foi possível através da participação em encontros mensais de dois grupos familiares, assim como das conversas com mulheres xitikeiras e na minha experiência pessoal com a prática.

Uma das minhas maiores preocupações, tanto ao longo do trabalho de campo como durante a escrita, e que mencionei logo na introdução, foi suspender qualquer definição que tivesse, *a priori*, em relação ao xitiki, de modo a evitar conclusões apressadas. Para além disso, tive o cuidado constante de trazer para o texto as falas das interlocutoras da pesquisa, tão ricas e sempre cheias de detalhes.

Os principais desafios que enfrentei durante a pesquisa de campo estiveram ligados à falta de tempo para abarcar toda uma série de nuances e especificidades que fui descobrindo ao longo do caminho. Penso, portanto, que um posterior trabalho deve ter em conta alguns aspectos que não puderam ser aqui contemplados. A participação nos encontros de xitiki me permitiu perceber a centralidade das mulheres mais velhas na produção de uma rede de relações constitutiva e constituinte da prática, que se estende para além deste momento e que é articulada e dinamizada por essas mulheres. No entanto, e apesar de vários estudos apontados ao longo da pesquisa ressaltarem o lugar das mulheres nesse espaço, não existe uma reflexão sobre quem elas são, sobre quais os marcadores que as distinguem, resultando assim numa generalização do conceito “mulher”. Neste sentido, e para melhor entender o papel e importância destas mulheres, assim como o processo de produção da rede de relações articulada e dinamizada por elas, uma análise acurada sobre a

interseccionalidade de um conjunto de marcadores ou categorias de diferenciação, como género, idade ou geração, classe, raça e religião se faz necessária.

Aliada à preocupação inicial de mostrar que o xitiki vai além de uma simples prática económica, penso que uma das contribuições desta dissertação foi a preocupação de não separar os múltiplos sentidos do xitiki, uma vez que o meu olhar se dá em todos os seus aspectos como um todo, económicos e para além dos económicos. A meu ver, estes dois aspectos não estão separados: o económico faz parte da prática de fazer família e das redes que se estabelecem. Separar estes dois aspectos como se fossem duas características contraditórias ou contrastantes – algo recorrente nos trabalhos académicos sobre o tema - tende a enfraquecer a sua análise.

A D. Fátima, com quem mais convivi durante os últimos meses da pesquisa de campo contou-me, numa das conversas que tivémos na sua cozinha, que as pessoas deviam tentar sempre ajudar-se umas às outras e que esse era o verdadeiro propósito do xitiki. O seu grupo foi criado,

> *(...) como se fosse p'ra ajuda financeira, mas depois nós vimos que não, não é só ajuda financeira que nós queremos, ajuda mesmo da maneira como nós vivemos, consolar as pessoas tristes, que são viúvas, mães solteiras, dar força, dizer "hás-de conseguir.*

O facto de existir um valor mínimo e de cada um contribuir com o que lhe é possível revela uma preocupação para que todos – pois o grupo é constituído por participantes de poder aquisitivo diferenciado – continuem a participar em todos os ciclos. Quem "aguenta" dar mais, pode fazê-lo, e quem não, continua contribuíndo com o valor base.

Esta preocupação é reveladora de dois dos aspectos mais importantes do xitiki, aspectos esses que o complexificam. A existência de várias formas e tipos de xitiki, cada uma contendo especificidades próprias, mas partilhando entre si características comuns, contribui para o facto desta se apresentar como uma prática flexível e plástica. Estes aspectos são percebidos nos rearranjos que vão sendo feitos pelos grupos e que vão moldando a prática em benefício próprio. Neste sentido, é importante para o grupo da D. Fátima

garantir a permanência de todos, mesmo que alguns contribuam menos que outros, uma vez que *"(...) já pertence àquela família, aquele grupo de xitique. É um grupo de...de ajuda mesmo, não é um grupo qualquer (...)".*

O carácter plástico e flexível da prática do xitiki revela-se também no facto dos grupos não serem normalmente homogéneos, podendo existir – sem constrangimentos para o grupo e para cada uma das participantes - diferenças de classe, etnia, local de residência e religião, para além da que referi anteriormente, relativa ao poder aquisitivo. Esta é uma questão, no entanto, que não pude aprofundar e que penso ser de extrema importância para entendermos as dinâmicas dos grupos e como os diferentes marcadores que os compõem influenciam – negativa ou positivamente – a sua existência. É extremamente importante mostrar, no entanto, que ricos e pobres, muçulmanos e católicos, entre outros, fazem xitiki e que esta é hoje uma prática bastante comum nos vários contextos moçambicanos.

Penso que as experiências de xitiki aqui descritas, que se basearam não só na participação nos encontros de xitiki da família da Maxaquene e da Mafalala, mas também nas mulheres com quem conversei e na minha própria participação em dois grupos, consolidam a ideia de que o xitiki é muito mais do que uma prática económica, representando para cada pessoa que participa em algum grupo algo diferente, mostrando assim como esta é uma prática com múltiplos sentidos.

Quando a D. Fátima me disse que estava já cansada não só de participar, mas organizar e dinamizar vários grupos do qual faz parte, e lhe perguntei porque então não saía, confessou-me que

> *(...) custa sair do xitiki, xitiki é uma coisa muito bonita. Mesmo tendo já resolvido questões da vida, a pessoa prefere ficar lá só p'ra divertir. É um divertimento, é um passeio que você faz. Porque também andar, ver outros ambientes, você aprende a vida. Estamos a envelhecer com xitiki.*

Tendo como objectivo inicial, muitas vezes, a poupança em si, grande parte dos grupos – inclusive os por mim pesquisados – logo atribuem outros sentidos à prática. Podemos dizer, então, que não só as transacções

económicas (poupança) coexistem com relações íntimas (família e amigos), como – no caso dos xitikis observados - o dinheiro efectivamente cria relações de intimidade, amizade e solidariedade, relações essas que colocam em circulação o próprio dinheiro, família, informação, comida, presentes, casas e afectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. G. M. Cidade de Maputo; Espaços Contrastantes: do Urbano ao Rural. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXXIV, n. 67-68.p. 175-190, 1999.

ARDENER, Shirley. *The Social and Economic Significance of the Contributions Club Among a Section of the Southern Ibo*. West African Institute of Social and Economic Research, Annual Conference - Sociology Section. Ibadan: University College, 1953.

ARDENER, Shirley. The Comparative Study of Rotating Credit Associations. *Journal of the Royal Anthropological Institute,* 94 (2), 1964, p. 201-229 *apud* TANIGUTI, Gustavo T. *Crédito entre imigrantes: experiências de tanomoshi-ko no Bairro da Liberdade, São Paulo*. In: *The Annual Report: The Study of Nonwritten Cultural Materials*, Kanagawa University, n. 8, p. 56, mar. 2012.

ARDENER, Shirley; BURMAN, Sandra (Ed.). *Money Go-Rounds: The importante of rotating savings and credit associations for women*. Oxford: Berg Publications Limited, 1995. 320p.

BROCHURA Operadores de Microcrédito. *Banco de Moçambique*, Maputo, 2005. Disponível em: <http://www.bancomoc.mz/Files/DSB/BrochuraOperMicrocredito.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2014.

BASCON, William R. The Esusu: A Credit Institution of the Yoruba. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 82, n. 1. p. 63-69, 1952.

CARSTEN, Janet. Introduction: cultures of relatedness. In: CARSTEN, Janet (ed.). *Cultures of Relatedness: New approaches to the study of kinship*. Cambridge University Press, 2002. p. 1-37.

CHIVANGUE, Andes Adriano. *Mukhero em Moçambique*: *Análise das Lógicas e Práticas do Comércio Informal*. 2012. 52 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4620/1/DM-AAC-2012.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

CONSTABLE, Nicole. At Home but Not at Home: Filipina Narratives of Ambivalent Returns. *Cultural Anthropology*, American Anthropology Association, v. 14, n. 2), p. 203-228, 1999.

CRUZ E SILVA, Teresa. A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho – O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal – ASSOTSI. *Bureau Internacional do Trabalho*, Genebra, 2005. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/assotsi.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CRUZ E SILVA, Teresa. Determinantes Globais e Locais na Emergência de Solidariedades Sociais. O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 63, out. 2002. p. 75-90. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1260>. Acesso em: 20 jun. 2012.

CUAMBA, Denise A. *A função social da prática do xitique na cidade de Maputo – o caso do grupo Ntwanano.* 2008. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2008.

CUNHA, Teresa. A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismo e descolonização das teorias económicas e contemporâneas. In: Cunha, Teresa et al. (org.) *Ensaios pela democracia. Justiça dignidade e bem-viver*. Porto: Afrontamento, 2011 (no prelo).

DAVA, Gabriel; LOW, Jan; MATUSSE, Cristina. Mecanismos de ajuda mútua e redes informais de protecção social: estudo de caso das províncias de Gaza e Nampula e a cidade de Maputo. In*: Pobreza e Bem-Estar em Moçambique*: *1996-1997*. p. 316-370. Disponível em: <http://www.ifpri.org/sites/default/files/pubs/portug/pubs/books/ch6.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

DE VLETTER, Fion. Microfinance in Mozambique – Achievements, Prospects and Challenges. A report of the Mozambique Microfinance Facility. *The Global Development Research Center*, Kobe, jun. 2006. Disponível em: <http://www.gdrc.org/icm/country/microfinance-mozambique.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Tradução de Sónia Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 136 p. Disponível em: <https://parentescoeorg.files.wordpress.com/2010/08/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ESPLING, Margareta. *Women´s Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique*. Department of Human and Economic Geography, School of Economics and Commercial Law, University of Goteborg, 1999. 271 p.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

FELICIANO, José. *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), 1998. 474 p.

FINAMORI, Sabrina D. *Os sentidos da paternidade: dos "pais desconhecidos" ao exame de DNA*. 2012. 330 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FONSECA, Cláudia. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000. 245 p.

FRANCISCO, António; PAULO, Margarida. *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique***.** Maputo: Cruzeiro do Sul, Instituto de Investigação para o Desenvolvimento José Negrão, 2006. Disponível em: <http://www.iid.org.mz/impacto_da_economia_informal.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

GUGERTY, Mary Kay, *You Can't Save Alone: Commitment in Rotating Savings and Credit Associations in Kenya*, Daniel J. Evans School of Public Affairs, University of Whashington, jan. 2005. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/wgape/papers/2_Gugerty.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2013.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989 *apud* FONSECA, Cláudia. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000. 245 p.

_____. *The rotating credit association: a middle "rung" in development in Economic development and cultural change*, v. 10, n. 3, abr. 1962, p. 241-263. Disponível em: <http://hypergeertz.jku.at/GeertzTexts/Rotating_Credit1.htm>. Acesso em: 17 jun. 2012.

GEFFRAYS, Christian. *Nem Pai Nem Mãe*. Crítica do parentesco: o caso macua. Colecção Estudos Africanos. Lisboa: Editorial Caminho, 2000. 182 p.

GOMES, Xadreque. Viver com o dinheiro dos outros. *Jornal Verdade*, Maputo, 17 out. 2008. Disponível em: <http://www.verdade.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=241:xitique&catid=43:economia&Itemid=27>. Acesso em: 10 abr. 2012

HEVENER, Christy C. *Alternative Financial Vehicles: Rotating Savings and Credit Associations (ROSCAs)*, Discussion Papers, Community Affairs Department, Federal Reserve Banck of Philadelphia, 2006. Disponível em: <http://www.phil.frb.org/community-development/publications/discussion-papers/discussionpaper-ROSCAs.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2013.

JARDIM, Marta Denise da Rosa. *Cozinhar, adorar e fazer negócio: um estudo da família indiana (hindu) em Moçambique.* 2006. 342 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 11-46.

LOFORTE, Ana. *A produção de identidades étnicas em meio urbano*. s/d. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7045.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.

_____. *Gênero e poder entre os Tsonga de Moçambique.* Colecção Identidades. Maputo: Promédia, 2000.

LOW, Alaine. *A bibliographical survey of rotating savings and credit associations.* Centre for Croos-Cultural Research on Women, University of Oxford, 1995, 65 p. *apud* TANIGUTI, Gustavo T. *Crédito entre imigrantes: experiências de tanomoshi-ko no Bairro da Liberdade, São Paulo*. In: *The Annual Report: The Study of Nonwritten Cultural Materials*, Kanagawa University, n. 8, p. 56, mar. 2012.

MATLAVA, Geraldo A. *Redes de entre-ajuda e relações de reciprocidade: estudo de caso de xitique familiar, praticado por algumas famílias residentes na cidade de Maputo*. 2012. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Antropologia) – Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2012.

NGUENHA, Ernesto M. *Grupos de xitique: Relações sociais, práticas e significados*. 2010. 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Antropologia) – Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2010.

NHANE, Agostinho J. *Dinâmicas do xitique entre vendedores do Mercado 25 de Setembro no Bairro Patrice Lumumba na província de Maputo*. 2013. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Antropologia) - Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2013.

NHATSAVE, Noémia. *Mecanismos informais de protecção social em Moçambique, o caso do xitique*. 2011. 41 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2011.

PADIL, Afiza I. S. *Representações sobre a prática do xitique cartão entre as vendedeiras de carne no Mercado de Xipamanine, cidade de Maputo*. 2011. 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Antropologia) - Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2011.

Portal do Governo de Moçambique. *Informação Geral sobre Moçambique*. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/>. Acesso em: 20 nov. 2014.

QUIVE, Samuel. Sistemas formais e informais de protecção social desenvolvimento em Moçambique. Conference Paper n. 43. In: *CONFERÊNCIA IESE, 2, Dinâmicas da pobreza e padrões de acumulação económica em Moçambique*. Maputo: IESE, 2009.

RADOMSKY, Guilherme F. W. As redes sociais da economia local: um estudo de caso na Serra Gaúcha. *Perspectiva Econômica*. v. 2, n. 2, jul./dez. 2006, p. 75-107.

RUTHERFORD, Stuart. *The Poor&Their Money: an essay about financial services for poor people.* Delhi: Oxford University Press, 2000. 65 p.

SIMMEL, Georg. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

TANIGUTI, Gustavo T. *Crédito entre imigrantes: experiências de tanomoshi-ko no Bairro da Liberdade, São Paulo*. In: *The Annual Report: The Study of Nonwritten Cultural Materials*, Kanagawa University, n. 8, p. 53-79, mar. 2012.

TRINDADE, Catarina C. *Como as instituições de micro-crédito promovem a autonomia das mulheres em Moçambique – Estudo de caso da Tchuma, cooperativa de crédito e poupança.* 2007. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

TRINDADE, Catarina C. Convívio e solidariedade: Práticas de xitique em Moçambique. In: CUNHA, Teresa et al. (org.). *Elas no norte e no sul. Artº Feminino*. Coimbra: AJP, 2011.

WEBER, Florence. Práticas económicas e formas ordinárias de cálculo. *Revista Mana*, v. 8, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000200006>. Acesso em: 17 nov. 2013.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. *Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim, Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

WEBSTER, David. *A Sociedade Chope: Indivíduo e aliança no Sul de Moçambique (1969-1976).* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu*, n. 32, p. 135-157, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000100005>. Acesso em: 17 nov. 2013.